

Diana Wiggers De Carli

**OS MORTOS ESTÃO VIVOS E MANDAM LEMBRANÇAS:
A psicografia de cartas de entes queridos**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Oscar Calavia Sáez

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Wiggers De Carli, Diana

Os mortos estão vivos e mandam lembranças : a psicografia de cartas de ente queridos / Diana Wiggers De Carli ; orientador, Oscar Calavia Sáez, 2018.

129 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Cartas psicografadas. 3. Espiritismo. 4. Médiuns psicógrafos. 5. Kardecismo. I. Calavia Sáez, Oscar. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**Os mortos estão vivos e mandam lembranças:
a psicografia de cartas de entes queridos**

Diana Wiggers De Carli

Orientador(a): Prof. Dr. Oscar Calavia Sáez

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos(as) seguintes professores(as):



Prof. Dr. Alberto Groisman (Presidente - PPGAS/UFSC)



Prof.ª Dr.ª Vânia Zikan Cardoso (PPGAS/UFSC)



Prof. Dr. Bernardo Lewgoy (PPGAS/UFRGS – por videoconferência)



Prof.ª Dr.ª Vânia Zikan Cardoso (Coordenadora do PPGAS/UFSC)

Florianópolis, 09 de março de 2018.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar a Raquel Wiggers, que cumpriu dois papéis fundamentais para a conclusão deste trabalho: o de mãe e o de admirável antropóloga e pesquisadora que esteve sempre a par das discussões e questões aqui presentes.

Minha gratidão também ao Prof. Oscar, que confiou em minha capacidade de concluir esta etapa, e que como orientador sempre foi muito pontual, sincero, e genial em seus apontamentos.

A Professora Susan de Oliveira, que foi minha orientadora na graduação, e ainda colabora para meu crescimento acadêmico e pessoal.

Ao PPGAS, que apesar das dificuldades e constante luta para se melhorar, me concedeu bolsa da CAPES. Aos professores do Programa pela paciência em receber alunos que, como eu, vêm de outras áreas e conseguir, apesar de tudo, manter um padrão de excelência.

Ao meu companheiro, João, por todo o suporte e apoio. E aos meus familiares e amigos que me acompanharam nessa missão.

É com grande orgulho que agradeço aos que passaram, criando marcas que tornaram a mim, a autora deste trabalho.

RESUMO

Neste trabalho foi feita uma etnografia de eventos onde foram realizadas sessões de psicografia de cartas para entes queridos, em Florianópolis, que não mantêm vínculo com a Federação Espírita Brasileira (FEB). Foram visitados também, em São Paulo, um centro e um grupo espírita, vinculados a FEB, onde também são realizadas sessões de psicografia de cartas. E a partir da observação realizada nestes locais foi possível realizar comparações entre estas sessões apontando semelhanças e divergências, identificando nos eventos uma manifestação variante do espiritismo kardecista tradicional. Um dos interesses foi o de mostrar como acontecem essas diferentes sessões espíritas kardecistas, atentando para a forma como o médium psicógrafo promove o contato entre o plano espiritual e terreno para produzir as cartas. Identificamos assim, dois padrões: o dos eventos e o das casas vinculadas à FEB. Essa distinção possibilitou identificarmos uma “agência psicográfica” advinda de um tradicional sistema religioso espírita kardecista, que organiza-se de forma independente das federações, e que organiza grandes eventos de psicografia abertos ao público.

Palavras-chave: Psicografia. Espiritismo. Espiritualidade.

ABSTRACT

In this essay, an ethnography of events was carried out during psychographic letters for loved ones sessions. The sessions were promoted in Florianópolis in a group that does not maintain any relationship to the Brazilian Spiritist Federation (FEB) and in São Paulo in a center and in a group both linked with FEB, were psychographic letters sessions where conducted. From observations of these sessions it was possible to make comparisons and to identify a manifestation of a variant of the traditional Kardecist spiritism. One of the interests was to show how these distinct kardecist spiritual sessions happen, paying attention to the way the medium writer promotes the contact between the spiritual and the earthly plane to produce the letters. We thus identify two patterns: one from the events and one from the houses linked to FEB. This distinction made it possible to identify a “psychographic agency” coming from a traditional Kardecist spiritist religious system, which organizes itself in independent federations and organizes large events of psychographic writing events open to the public.

Key-words: Psychography; Spiritism; Spirituality

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Panfleto informativo mensal do Centro Espírita Ana Vieira, em 2016, com selo de filiação à FEB	37
Figura 2 – Ficha de triagem do Centro Espírita Ana Vieira, em 2016..	42
Figura 3 – Panfleto informativo distribuído no Grupo Noel, em 2016 .	49
Figura 4 – <i>Outdoor</i> de divulgação do Amigos da psicografia em Florianópolis	53
Figura 5 – Médiuns psicografando no evento Amigos da psicografia, em maio de 2016.....	63
Figura 6 – Público no evento Cartas de Fátima ouvindo o médium falar	72

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	ESPIRITISMO E PSICOGRAFIA	17
2.1	UMA BREVÍSSIMA HISTÓRIA DO ESPIRITISMO	17
2.2	O QUE É PSICOGRAFIA	24
2.3	CONTEXTO RELIGIOSO.....	27
2.4	UM BREVE RESUMO DAS INTERPRETAÇÕES GERAIS DO ESPIRITISMO NO BRASIL	28
2.5	MINHA TRAJETÓRIA NO TEMA	31
3	AS SESSÕES E OS EVENTOS DE PSICOGRAFIA	35
3.1	AS SESSÕES EM CENTRO TRADICIONAL DE MESA BRANCA EM SÃO PAULO.....	35
3.1.1	Centro Espírita Ana Vieira.....	35
3.1.2	A Sessão de psicografia no Centro Espírita Ana Vieira.....	41
3.2	O GRUPO NOEL	47
3.3	OS EVENTOS PSICOGRÁFICOS: CARTAS PARA ENTES QUERIDOS	51
3.3.1	Evento Amigos da Psicografia	51
3.3.2	Cartas de Fátima.....	71
4	A CRÍTICA E ANÁLISE DOS ELEMENTOS	77
4.1	ABORDAGEM EM CAMPO	77
4.2	AS MULHERES EM PESO.....	79
4.3	ESCLARECENDO, EXPLICANDO E INFORMANDO....	80
4.4	ESPIRITUALISTA E ESPÍRITA: AUTODECLARAÇÃO NOS EVENTOS	81

4.5	ESTILO DE ESCRITA E NÃO RECONHECIMENTO	83
4.6	TEMPO DA COMUNICAÇÃO	86
4.7	O NASCIMENTO DA DÚVIDA	89
4.8	LEGITIMIDADE POR APROXIMAÇÃO.....	90
4.9	A REGULAÇÃO DO MEIO ESPÍRITA	95
4.10	O ENTREMEIO DO PLANO ESPIRITUAL E TERRENO	98
4.11	CAMPO EM TRANSFORMAÇÃO	101
4.12	GRANDES EVENTOS DE PSICOGRAFIA	106
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
	REFERÊNCIAS.....	115
	ANEXO A – Imagens da carta (de três páginas) psicografada no Centro Espírita Ana Vieira, em 2016.....	119
	ANEXO B – CARTAS PSICOGRAFADAS NO EVENTO AMIGOS DA PSICOGRAFIA EM 2016.....	122

1 INTRODUÇÃO

Em uma enquete, feita no Brasil por meio de vídeo e compartilhado nas redes sociais, era apresentada a seguinte situação: o entrevistador aborda pessoas na rua e lança uma espécie de charada em que apresenta a seguinte história; Um homem e seu filho sofrem um grave acidente de carro, quando o socorro chega ao local, o menino é levado para o hospital às pressas, mas o pai acaba falecendo. Ao chegar ao hospital, a pessoa mais qualificada de plantão chega para atender o menino, mas ao olhar para ele diz: “Não posso atendê-lo. Essa criança é meu filho.” A partir desse enredo temos que descobrir quem é que diz isso. Essa enquete foi realizada com o fim de abordar as relações de gênero. Pois, lançado o desafio, os entrevistados tentam compreender como o *pai* pode estar no hospital se faleceu no local do acidente, sem ligar a possibilidade de a pessoa mais qualificada do hospital ser a mãe da criança. Mas, além do descompasso nas relações de gênero, esse teste mostrou, quase que acidentalmente, outro aspecto social: as pessoas sugerem que o espírito do pai esteja ali. Portanto, ao tentar resolver a questão, as soluções para tentar colocar o pai naquele lugar são suposições milagrosas, temperadas de misticismo espiritual, sugerindo se tratar do espírito do pai, ou de alguma espécie de milagre.

“No Brasil a morte mata, mas os mortos não morrem” (DaMatta,1984), assim, o espírito de um morto retornar para atender o filho se torna possibilidade imaginável. E a forma pela qual isso se revela, diz respeito à construção social brasileira em que os mortos são possíveis agentes.

Esta pesquisa é sobre cartas psicografadas por médiuns dos mortos para seus entes queridos encarnados.

Depois de um projeto cujo interesse era em literatura psicográfica, cheguei aos eventos de *cartas para entes queridos*, como meu objeto de pesquisa. Os eventos de cartas para entes queridos são promovidos por médiuns em diferentes lugares do Brasil, e tem grande público interessado em receber uma mensagem de um parente morto.

Esta pesquisa é sobre comunicação entre mortos e vivos por meio de cartas intermediadas por médiuns, que por sua vez tem como pano de fundo a cena espírita brasileira desta segunda década do século 21. Portanto, o espiritismo é o tema que sustenta e cria a possibilidade desta pesquisa existir, pois os eventos e sessões de psicografia de cartas tem base na doutrina espírita kardecista e se origina dela. Para desenvolver a pesquisa sobre cartas psicografadas frequentei quatro

lugares diferentes, onde equipes distintas faziam psicografia para o público, e cada um a seu modo, organizava-se com regras e procedimentos próprios.

Em Florianópolis, não havia até o momento da pesquisa em 2016 um centro espírita que fizesse sessões de psicografia de cartas para entes queridos abertas ao público. Os eventos ocorridos nessa cidade foram organizados independentemente de centros ou grupos oficialmente espíritas.

Em São Paulo, encontrei dois centros que faziam sessões abertas ao público de cartas psicografadas. Todas as informações sobre essas sessões são divulgadas na internet, em páginas do *Facebook*, e *sites* dos próprios centros e grupos espíritas. Os eventos *Amigos da psicografia* tem página própria no *Facebook*, vinculada ao grupo de Rogério e Marli denominado *Carta Consoladora*.

O objetivo dessa etnografia é descrever e comparar esses eventos e sessões, seus procedimentos, as contradições, acusações, as cartas, relacionando com *agência e motivações religiosas*.

2 ESPIRITISMO E PSICOGRAFIA

2.1 UMA BREVISSIMA HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

Em 1926, foi publicado o livro de Conan Doyle, *História do espiritismo*, onde ele nos escreve: “É realmente curioso que esse movimento [...] jamais tenha tido um historiador”. Atualmente não podemos fazer essa afirmação tão veementemente, pois há muita informação disponível a respeito da história do espiritismo e muitos meios de buscar dados complementares a respeito da doutrina espírita. Mas temos de concordar com Cavalcanti, que em 1993 alertou para o escasso número de pesquisas a respeito do espiritismo, e Lewgoy, em 1998, quando escreveu que “a literatura espírita, como as de outras orientações religiosas, não mereceu ainda a devida atenção no cenário das ciências humanas brasileiras” (LEWGOY, 1998). E mesmo que esta última afirmação tenha sido feita há 10 anos, ainda descreve parcialmente a realidade atual. Digo parcialmente, pois segundo Giumbelli (2015), talvez por conta da visibilidade midiática, os estudos acadêmicos a respeito do espiritismo tem aumentado. Giumbelli cita sua participação no Simpósio Nacional da ABHR, em 2012, onde foi realizado pelo menos dois GTs, que contou com a participação de doze trabalhos a respeito do tema. Mas fechando ainda mais o espectro do tema, e em se tratando de psicografia, a escassez ainda é grande.

No século XIX houve uma efervescência de casos e fenômenos espirituais, que foram considerados por algumas pessoas o início das manifestações mediúnicas modernas, com o caso das irmãs Fox, nos EUA. No entanto, há quem afirme, como é o caso de Doyle, que este teve início no século XVII com de Emanuel Swedenborg, na Suíça.

Almeida (2004), em sua tese de doutorado a respeito da mediunidade pela perspectiva da psiquiatria, discorre sobre a discriminação do público da saúde mental em relação às religiões espíritas (espiritismo e as de matriz africana). Ele mostra como no século XIX foram alimentadas diversas ideias difamatórias e negativas das religiões e mostra por meio de exemplos bibliográficos que as manifestações de mediunidade eram consideradas patologias, aproximando espiritismo e loucura, “Freud considerou as experiências dos místicos como manifestação do ‘desamparo infantil’ e ‘regressão ao narcisismo primário’”. Outros autores as descrevem como psicose borderline (GAP, 1976), episódio psicótico (Horton, 1974), disfunção do lobo temporal (Munro, 1992, Persinger, 1992), quadros histéricos

(Jung, 1994) ou como um perigo para o indivíduo e a comunidade (Greenberg et al., 1992)” (ALMEIDA, 2004).

É, por exemplo, contra essas aferições que o espiritismo e demais religiões espiritualistas lutaram, a fim de espantar a aura exotizada e, portanto, a comunidade psiquiátrica ajudou a fundar uma imagem negativa, discriminatória e autoritária.

Após os avanços das últimas décadas em relação aos assuntos sociais e culturais, áreas da saúde, como a psiquiatria, atentam às questões mais práticas como a de diagnósticos. Nessa nova abertura, Almeida (2004) aponta o aumento de pesquisas a respeito da espiritualidade e saúde mental. O que se mostra relevante, pois de forma geral, esses estudos tem descortinado uma realidade diferente do que prega o senso comum, mostrando que maiores taxas de envolvimento religioso têm sido associadas a menor prevalência de transtorno mental (ALMEIDA, 2004). Se não há estudos que apontam que a melhoria da saúde está associada à religiosidade, tampouco as patologias podem ser associadas às práticas religiosas.

Levantamentos realizados nos anos 90 nos EUA (Gallup e Newport, 1991) e no Canadá (Ross e Joshi, 1992) indicaram que mais da metade da população relatou experiências ‘extra-sensoriais’, levando Ross e Joshi (1992) a concluírem que ‘as experiências paranormais são tão comuns na população em geral que nenhuma teoria da psicologia normal ou psicopatologia pode ser considerada completa se não levá-las em consideração. (ALMEIDA, 2004)

Sobre isso, alertamos para o que Kardec escreveu no *Livros dos espíritos* ([s./d]), dizendo que a mediunidade não é fator especial a ninguém, o médium é apenas um intermediário, e que as comunicações com os espíritos aconteceram desde sempre, não tiveram início com o espiritismo. Assim, essa é uma forma de percebermos um afrouxamento dos moldes cientificizantes que recaem sobre os acontecimentos e manifestações sociais. As manifestações ditas “paranormais”, místicas, mágicas ou como quer que se queira chamar, sempre vão acometer a sociedade.

A seguir faço um resumo sucinto, a meu modo – baseado em todas as informações que tive durante a pesquisa sobre o meio espírita, de leituras dos livros de Kardec e de Chico Xavier, e também da teoria citada que trata das questões religiosas estudadas – para informar a

respeito da trajetória de Kardec até a organização do que viria a ser a doutrina espírita.

Kardec teve contato com o mundo espírita por um fenômeno que havia se tornado popular na França chamado “mesas girantes”, onde os espíritos movimentavam mesas e outros objetos e se comunicavam através de pancadas (tiptologia), “ditando” letras e respondendo pergunta dos participantes das sessões.

Kardec se tornou figura simbólica do espiritismo, pois foi quem codificou e sistematizou esses fenômenos na forma da doutrina espírita. Fez isso não por inspiração sua, mas por meio da comunicação com os próprios espíritos. Segundo a doutrina, foram eles, os espíritos, que ditaram a Kardec e mostraram aos homens como é o mundo dos espíritos. O termo espiritismo foi criado por Allan Kardec, por volta de 1850, para marcar a diferença entre espiritualismo e a doutrina recém-codificada.

É essencial frisar a importância de Kardec, pois sua codificação representa para os espíritas uma nova fase da evolução humana, é a pedra fundamental do espiritismo. A doutrina espírita têm seus preceitos baseados, entre outras coisas, na reencarnação para evolução do espírito.

Na visão dos espíritas (KARDEC, ([s./d.]), a Bíblia anunciava o Evangelho, e neste aparecia o presságio de um novo código pelo Espírito da Verdade – como se vê em João, XIV. Pois é por orientação do Espírito da Verdade que a doutrina espírita foi transmitida. Para os espíritas a síntese da antiguidade é a Bíblia, o Evangelho é a do mundo greco-romano- judaico, e *O livro dos espíritos* (1857) a síntese do mundo moderno. Assim, a produção literária de Kardec é uma referência para os espíritas, e denominá-la como literatura canônica não seria inapropriado. As obras fundamentais do espiritismo, conhecidas como a codificação espírita, são cinco de autoria de Allan Kardec¹, publicadas entre 1857 a 1868. São elas: *O livro dos espíritos* (de 1857); *O livro dos médiuns* (de 1861); *O evangelho segundo o espiritismo* (de 1864), *O céu e o inferno* (1965); e *A gênese* (de 1968).

Em uma entrevista conjunta que realizei com três médiuns, antes de uma sessão de psicografia, perguntei a eles como eu poderia ter acesso a mais informações sobre aquele trabalho. Como resposta unânime, me indicaram os cinco livros da codificação espírita, e passaram vários minutos lembrando a ordem e as datas de publicação. Isso nos mostra que apesar de o espiritismo brasileiro ter tido influências

¹ Cujo nome original é Hippolyte León Denizard Rivail.

diversas, mantêm-se fortemente enraizado e estruturado pela doutrina sistematizada por Kardec. E é por meio de seus livros que a palavra ainda se manifesta nas experiências e vivências dos espíritas no Brasil, como uma espécie de “bíblia dos espíritas”.

No Brasil, durante a República Velha, o espiritismo passou por um período de luta por legitimação pública e de intensos conflitos com o catolicismo.

Quando se consolida o espiritismo da Federação Espírita Brasileira, a partir de Bezerra de Menezes, este incorporará como suas a maioria das proposições do catolicismo romanizado, seu feroz adversário desde os tempos do Império. Inicialmente laico e anticlerical, o espiritismo kardecista sofre transformações no século 20, tornando-se um tipo de religiosidade urbana e republicana de classes médias, militares, profissionais liberais e funcionários públicos. (LEWGOY, 2004)

Nesse processo de consolidação e modificação do espiritismo, a Federação Espírita Brasileira apropriou-se de valores e elementos do catolicismo romanizado:

O conceito cristão moderno de caridade, envolvendo instituições especializadas de assistência social e um discurso pastoral que lhe distinguia como marca da Igreja, dever e valor espiritual supremo para o cristão, foi igualmente assumido como seu pelos espíritas, que com isto, completavam [...] o primeiro cruzamento entre espiritismo e catolicismo no Brasil. (LEWGOY, 2004)²

O espiritismo atrai nessa época, segmentos específicos da sociedade, como por exemplo, os militares, funcionários públicos, médicos, advogados. O espiritismo sempre se inseriu em um contexto

² Essa citação de Lewgoy me leva a refletir a respeito de duas coisas: o princípio cristão da caridade em que as cartas são escritas para consolar, e não se cobra nada por elas. E a segunda, o cruzamento entre espiritismo e catolicismo apontado pelo autor me levam a pensar nos argumentos de que os eventos de cartas para entes queridos não são apenas para espíritas e são frequentados por pessoas de diversas religiões.

letrado, valorizando a cultura erudita e a ciência. A partir da década de 1930, com a popularização de Chico Xavier,

Havia, certamente, um apelo racionalista no espiritismo, não no estilo individualista e liberal dos tempos de Kardec, mas outro, mais conservador, cujas bases sociais eram as camadas médias urbanas da população, de onde saíam os funcionários públicos, professores de escola, advogados, militares e médicos, profissões de grande expressão no espiritismo. Chico Xavier ofereceu a estes setores uma alternativa religiosa de pertencimento social sem radicalismo ou ruptura com os valores católicos, como a caridade e a fraternidade. (LEWGOY, 2004)

A essa nova configuração, foi aliada a ideia de ordem, nação e também a distinção presente na erudição, de imenso valor pra sociedade brasileira. Tudo isso possibilitado pela força da influência de Chico Xavier.

Dessa forma, para falarmos de espiritismo no Brasil, temos, obrigatoriamente, que falar de Chico Xavier. Chico teve tamanha influência no meio religioso espírita que sua história, trajetória e reverberação se assemelha a dos santos e profetas. Sua produção e atuação modificou completamente a concepção do espiritismo e a forma de praticá-lo no Brasil. Ele psicografou mais de 400 livros nos 70 anos de atividade. Nasceu em 1910, e morreu aos 92 anos, no ano de 2002. Viveu a maior parte da vida em Uberaba, Minas Gerais e era servidor público, se aposentou em 1950 por conta de um problema de visão. Atuou como

líder religioso que abriu novas passagens entre o espiritismo e o catolicismo, como mediador cultural que reinterpretou a mensagem espírita para o encontro entre uma religiosidade de letrados e os valores cultivados pelas classes populares, como exemplo de cidadão modelar e, também como criador de um modo original de viver o espiritismo, atravessado pela influência do intercessionismo católico. (LEWGOY, 2014)³

³ Bernardo Lewgoy (2004) desenvolve um rico trabalho a respeito de Chico, apresentando a sua essencial relevância no contexto espírita. Levando em conta que o espiritismo é, ainda, um campo por desbravar, do ponto de vista

Assim, confundindo-se vida, obra e narrativas a despeito desta figura, sua trajetória se mistura às origens do espiritismo brasileiro. Em *O Grande Mediador* (2004), Lewgoy centraliza a figura de Chico Xavier e a partir dela, descreve o cenário espírita brasileiro, sendo definido por duas “linhas de força”: uma sendo o projeto espírita de consolidar-se como referência religiosa autônoma, engendrado pela Federação Espírita Brasileira⁴ (FEB) nos anos de 1930 e 40, apoiando-se na produção de Chico Xavier. E a outra é a descrição de um aspecto de Chico, fomentado a partir dos anos de 1950, como santo popular. Essas duas linhas tem fronteiras permeáveis, apesar de serem opostas.

A criação do mito Chico Xavier incorpora elementos da influência católica, em conjunto com o evolucionismo cármico reencarnacionista, através de um agenciamento sincrético feito nas margens do discurso institucional dos espíritos. Ao abordar Chico Xavier como um mediador religioso e cultural, estou afirmando que ele, mais do que um médium influente, desempenhou um papel decisivo na fabricação de costuras entre os sistemas éticos e cosmológicos opostos do carma e da graça, assim como aproximou ‘por baixo’ o catolicismo e o espiritismo. (LEWGOY, 2004)

A relação entre a FEB e Chico Xavier foi sempre de grande reconhecimento ao grande médium que ele foi, e símbolo de cidadão modelar. Seus livros foram publicados sempre pela editora da Federação, assim como biografias a seu respeito. O seu reconhecimento era explícito, mas sempre de forma moderada e criteriosa.

Assim, as biografias que celebram, aberta ou implicitamente, a sua santidade são todas publicadas por outras editoras diversas da FEB, que certamente estava interessada nos poderes e virtudes de Chico, mas partia de um espiritismo influenciado pelo romanismo, que não pôde conter os significados mais populares da

antropológico e social, este trabalho é uma fonte de referências para analisar a influência dessa figura tão popular que é o médium Chico Xavier.

⁴ A FEB foi fundada no ano de 1883, e veio a consolidar sua hegemonia em 1949, com o Pacto Áureo.

constituição da imagem santa de Chico Xavier, pois se abria uma porta para a reintrodução dos componentes encantados da mística e da magia, que os espíritas tanto faziam para evitar. (LEWGOY, 2004)

A psicografia ganhou atenção dos meios letrados e causou grande impacto nos anos de 1920 e 30 por conta do *Parnaso de além túmulo* (1932), onde Chico Xavier escreveu por dezenas de poetas renomados, dos quais defendiam ideais espíritas. A escrita de Chico sempre atraiu muitos olhares por conta de sua origem humilde e de pouco estudo, que contrastava com a produção literária psicografada por ele. Isso porque, como é sabido, Chico não recebeu uma educação semelhante a dos membros da elite, o que causou grande alvoroço, pois os livros psicografados por ele são de uma qualidade digna dos poetas que psicografava. É também verdade que assim como todo o respeito, digno de adoração, por Chico crescia e se fortalecia a dicotomia “autenticidade” *versus* “pastiche”, que até hoje rende muita discussão. De fato, a opinião pública e os literatos estavam voltados aos fenômenos da psicografia, que envolvia principalmente a literatura. Homens e mulheres estavam fascinados com experiências “místicas” e a possibilidade de comunicações transcendentais, como havia sido com as mesas girantes. “A disputa em torno da interpretação do fenômeno Chico Xavier jamais pôs em dúvida que o médium tinha um ‘dom’, mas sim seu significado: uns o tinham na conta de ‘realizador de pastiches’, outros como ‘médium extraordinário’”. (LEWGOY, 2004)

A partir da década de 1960 ganha força um novo estilo de escrita que viria a influenciar todos os outros médiuns que escreviam livros. Chico começa publicar as cartas psicografadas a familiares e de mensagens, que recebia em Uberaba. Muitas pessoas iam até ele esperando receber uma carta do seu familiar falecido.

a linguagem dos escritos de Chico Xavier modifica-se numa direção popularizante, condizente com os novos padrões do público, tão ávido por concisão quanto curioso pelas respostas do médium às questões surgidas nos anos 60. Essas mudanças anunciam uma modificação no estilo dos textos espíritas, ampliando as maneiras de ser espírita, inspiradas pelo médium Pedro Leopoldo, que tem uma linguagem mais simples e menos rebuscada e cientificista. (LEWGOY, 2004)

Chico ressignificou a forma de escrever sobre temas “supremos” como o céu, o inferno, escrevendo de forma alternativa a que o catolicismo fazia, por exemplo, e marcou profundamente o imaginário religioso nacional com sua produção literária. O kardecismo francês sofre assim, por conta dessa influência de Chico, uma nacionalização por conta da mudança de um sistema simbólico. (LEWGOY, 2004). Por isso é imprescindível falar de Chico, porque essa mudança no plano simbólico religioso foi construída, moldada e modificada por sua atuação e influência.

2.2 O QUE É PSICOGRAFIA

A psicografia é o meio pelo qual os espíritos escrevem utilizando como instrumento um médium. Este é um fenômeno natural, e não sobrenatural, segundo Kardec, já que natural é o mundo dos espíritos. A psicografia tornou-se popular no Brasil, por conta de Chico Xavier (1910- 2002) que publicou mais de 400 livros psicografados.

Para os espíritas há diversas formas de se comunicar com os mortos, a psicografia é apenas uma delas. Trata-se de uma forma escrita de comunicação em que uma pessoa encarnada “recebe” informações do mundo dos mortos e escreve essas informações em forma de mensagens, cartas, contos, romances. É uma faculdade passível de ser desenvolvida pelo exercício e estudo da doutrina espírita.

Grupos ligados à Federação Espírita argumentam que a especialização do médium psicógrafo se dá pelo seu esforço, estudo, exercício, sua dedicação e boa-vontade. Há que se estudar muito para se especializar e o treino é sempre necessário, mas sempre num grupo espírita bem preparado. Para os espíritas o fato de a mensagem ser escrita permite que se faça uma análise e estudo mais cuidadoso do conteúdo transmitido, o estilo e as ideias.

É comum que os médiuns e demais pessoas espíritas expliquem sobre outras formas, além da psicografia, de acessar os nossos entes queridos – como, por exemplo, pressentimentos, sonhos e sensações de presença. E nos orientam a apurar nossa sensibilidade para senti-los e ouvir a mensagem que podem estar nos enviando. No entanto, a escrita tem valor e peso simbólico muito grande dentro da sociedade ocidental, receber uma carta é mais significativo que sonhar com o parente, sentir a presença dele ou qualquer outra forma subjetiva de comunicação.

A psicografia acontece como um telefone de lá, do mundo dos desencarnados, para cá, o mundo dos encarnados. Segundo os espíritas,

quando a pessoa desencarna pode demorar a se situar na “nova vida” sem o corpo físico, e esse tempo depende do nível de desenvolvimento espiritual e de consciência dos processos de desencarne que a pessoa se encontra no momento. Esse processo ocorre com ajuda de espíritos que trabalham recebendo os recém-desencarnados.

Ainda segundo o espiritismo, o médium é o intérprete do espírito, e cada um procura aquele mais apto para expressar seus pensamentos, para que a mensagem que o espírito quer passar não sofra muitas alterações. Na corrente mental que se estabelece entre o médium e o espírito há uma tradução, que é mediada pelas condições de assimilação intelectual e moral. O médium sempre influi na comunicação mediúmica, porque ele é o intermediário do pensamento do espírito comunicante e sua expressão no plano terreno a partir da materialização de uma carta.

Segundo os espíritas existem três tipos de médiuns psicógrafos: mecânico, intuitivo e os semi-mecânicos.

Os médiuns mecânicos são raros. Nesses casos o espírito atua diretamente sobre a mão do médium impulsionando-a a escrever. Esse processo não depende da vontade do médium e ele não precisa nem mesmo ter consciência de que está escrevendo, podendo escrever com as duas mãos, ou de trás pra frente, o que é considerado prova de que os espíritos atuam diretamente sobre suas mãos, sem passar pela mente do médium.

Os médiuns intuitivos são os mais comuns. Nesse caso o médium sintoniza-se com o espírito e capta sensações, intenções e pode não utilizar exatamente os termos e as “palavras do espírito”. Em contato com o pensamento do médium se expressa conforme suas condições morais e intelectuais. O médium intuitivo atua como uma espécie de intérprete do espírito registrando por meio da escrita a sua mensagem.

Por fim os psicógrafos semi-mecânicos não perdem o controle da mão quando escrevem por atuação do espírito, no entanto são impulsionados por ele. Assim, se escrevem, fazem-no por que querem, e tomam consciência do que escrevem na medida em que as palavras vão sendo escritas. Esse tipo de psicografia semi-mecânica é um misto das duas anteriores.

Na psicografia, o médium geralmente mantém contato com o seu mentor espiritual, que é uma espécie de anjo da guarda para os católicos. Esse mentor proporciona o contato do médium com os demais espíritos, orientando o contato entre eles.

O mentor espiritual é um espírito que auxilia o médium na comunicação com o plano espiritual, geralmente é o mesmo mentor espiritual que acompanha o médium a sua vida toda. No caso de Chico Xavier, seu mentor espiritual era Emmanuel. Pelo contexto em que são colocados e mencionados tais mentores nos eventos de psicografia, se encaixam no conceito tradicional de mentor espiritual utilizado pelos espíritas.

O mentor do médium intermedeia a relação entre o psicógrafo e o espírito que está a se comunicar, imprimindo às cartas um mesmo padrão de estilo de escrita. Esse mentor seria quem “organiza o lado de lá” e auxilia a comunicação dos que querem se comunicar e ainda tem alguns impedimentos por conta do seu processo evolutivo. Assim, o papel dos mentores é fundamental nesse processo.

A psicografia é um fenômeno associado ao espiritismo, no entanto em algumas situações extrapolam a ordem religiosa e apontam para usos desses registros em outros contextos sociais. Um exemplo disso é a discussão que há no meio jurídico se cartas psicografadas podem ser utilizadas como provas em casos no tribunal. Há quem defenda que essa não é uma atitude sensata, pois é impossível dissociar o cunho religioso do fenômeno da psicografia. Mas há também defensores da síntese oposta, alegando que há sim a possibilidade de tratar a psicografia como uma manifestação de natureza científica, “suspendendo” a questão religiosa e olhando para ela como um fenômeno, que é possível de acontecer. Se a psicografia pode ser descolada ou não do espiritismo, não podemos afirmar. Mas certamente esse é um tema muito complexo, e que envolve muitos fatores e provoca muitas discussões.

Um caso tangente as estas questões levantadas é o do escritor maranhense Humberto de Campos, jornalista, político e cronista brasileiro famoso por sua ácida ironia em suas obras, e que ocupou lugar na Academia Brasileira de Letras a partir de 1919. Três meses após sua morte, em 1934, Campos entra em contato com o médium kardecista Chico Xavier, e durante quase dez anos escreve, através dele, diversos textos que resultariam em cinco livros: Crônicas do além-túmulo (1937); Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho (1938), obra de maior repercussão no mundo dos vivos; Novas mensagens (1940); Boa nova (1941) e Reportagens do além-túmulo (1943).

Em 1944, a viúva e os filhos de Humberto de Campos entram com processo judicial contra a Federação Espírita Brasileira e Chico Xavier, cobrando uma sentença que declarasse oficialmente se as

publicações eram realmente ditadas pelo espírito de Campos. Esta ação atraiu a atenção da imprensa nacional, e foi um caso de enorme repercussão, “porque exigia a um tribunal de justiça que decidisse se um morto é capaz de escrever, e se o estava fazendo de fato” (CALAVIA-SÁEZ, [s./d.]). Esse embate se tornou possível, pois o Espiritismo, “em meados de século XIX, estendeu-se rapidamente nos meios letrados e burocráticos da sociedade brasileira, [influenciando] o exército e a judicatura, onde mantém uma forte presença.” (CALAVIA-SÁEZ, [s./d.]). A obra *A psicografia ante os tribunais* (1959), de Miguel Timponi, trata longa e detalhadamente sobre esse polêmico e instigante caso.

2.3 CONTEXTO RELIGIOSO

Na literatura sociológica, dentro do conceito de espiritismo estão incluídas diversas vertentes religiosas, e entre as mais conhecidas estão as de influência africana, como a umbanda e o candomblé, e também o espiritismo kardecista (CAVALCANTI, 1983). E o que as coloca em uma mesma categoria é a crença no espírito, na interação e comunicação dos vivos com os espíritos e com o mundo espiritual. Brandão (2004) também faz essa afirmação, colocando espiritismo kardecista, umbanda e candomblé lado a lado, acrescentando que

da primeira à terceira, elas fazem imperfeitamente o trajeto do mais “erudito” ao mais ao mais “popular”, do mais escrito ao mais oral, do mais eticamente branco ao mais negro, da maior autoproclamada proximidade íntima do Cristianismo ao mais distanciado, pelo menos do ponto de vista de uma doutrina confessional. (BRANDÃO, 2004)

A umbanda, originada no Brasil, é fruto do sincretismo entre espiritismo kardecista, candomblé e do catolicismo.

Todas elas, cada uma a seu modo e com base em seus mitos e teologias, aceitam a possessão como o modo mais adequado por meio do qual uma divindade, o espírito de mortos ou outros tipos de seres, entram em comunicação com os humanos vivos, incorporando-se ao seu ser, falando através de seu corpo, induzindo-os a tipos peculiares de

comportamentos, dentro de cerimônias rituais ou fora delas. (BRANDÃO, 2004)

Não irei me aprofundar nestas diferenciações, pois não é o foco desta pesquisa. Mas interessa aqui, falar sobre como o espiritismo kardecista trabalha a maneira de contatar os espíritos e o mundo espiritual na psicografia. Não há invocação de espíritos, eles se manifestam espontaneamente, e por isso Chico Xavier falou a frase que ficou muito popular no meio espírita – e que será explorada mais adiante: o telefone toca de lá para cá.

2.4 UM BREVE RESUMO DAS INTERPRETAÇÕES GERAIS DO ESPIRITISMO NO BRASIL

O espiritismo, como já foi dito, apresentava uma proposta racionalista, não seguindo a linha individualista e liberal dos tempos de Kardec, mas um pouco mais conservador, apelando para bases sociais de classe média, atingindo, assim, professores, servidores públicos, advogados, militares, médicos. Fornecendo a possibilidade de frequentar ambientes espíritas sem precisar abandonar (ou entrar em conflito com) os valores católicos.

A ênfase na religiosidade e principalmente na caridade, pilares da reforma católica, foi parte desde o início, por parte da FEB (Federação Espírita Brasileira), como papel dos espíritas. Sendo essa uma função essencialmente católica, a forma de apropriação da caridade pelos espíritas representa um dos primeiros cruzamentos do catolicismo e espiritismo no Brasil.

Foi percebida uma forma de tratar e lidar com a questão da caridade e da fraternidade nos locais que realizam sessões de psicografia, observados durante o trabalho de campo, que achamos interessante explorar. Essas noções são trazidas atreladas às ações de Chico Xavier como forma de mostrar ao público que os realizadores das psicografias são também fiéis a práticas altruístas. O interesse em examinar essa questão surge quando nota-se que as formas de explorar esses valores, nos centros espíritas e nos eventos que não tem vínculo com centros espíritas, causam diferentes impressões no público. E que, identificadas essas diferenças, foi possível fazer relação com o fato de as sessões serem realizadas dentro de um centro espírita ou fora deles.

Nos eventos de psicografia, em Florianópolis, é explicado ao público, de forma incisiva, que sua realização só é possível pela boa vontade dos médiuns, que cedem o seu tempo e trabalho para estarem

ali, gratuitamente, proporcionando o contato entre o mundo espiritual e o material, para trazer notícias aos aflitos aqui no plano terrestre. Em todos os eventos e sessões frequentados durante a pesquisa se fala nesse tema, porém de diferentes formas, que serão exploradas a seguir.

Na década de 1930, segundo Lewgoy (2004), a credibilidade do médium, Chico Xavier, importava mais que o carisma exemplar de santo, “mais a mensagem do que o homem”, e nos anos 50 é que essa imagem de santo seria popularmente explorada. Frisa também que o que concedeu a Chico Xavier a imagem de santo de origem popular, mais do que o discurso explícito, foi a divulgação das narrativas sobre a sua vida, ao que chama de hagiografias.

nenhuma das biografias que insinuam a santidade de Chico Xavier foi publicada pela editora da FEB. Esta sempre fez um elogio mais comedido do papel do médium Chico Xavier e da importância de seu ‘mediunato’. (LEWGOY, 2004)

Ou seja, até certo momento da história de Chico Xavier – ou do espiritismo no Brasil, pois são praticamente sinônimas – o produto do seu trabalho era o fator essencialmente importante. Ao longo do tempo, juntamente à importância dada ao seu trabalho, a pessoa de Chico foi ganhando reconhecimento, e foi se construindo uma figura distinta que é explorada de forma diferente pela FEB e pelo interesse popular. A posição que a FEB optou tomar certamente reflete-se na forma como os centros espíritas, hoje, realizam as sessões de psicografia e lidam com essa questão.

[...] as biografias que celebram, aberta ou implicitamente, a sua santidade são todas publicadas por outras editoras diversas da FEB, que certamente estava interessada nos poderes e virtudes de Chico, mas partia de um espiritismo influenciado pelo romanismo, que não pôde conter os significados mais populares da constituição da imagem santa de Chico Xavier, pois se abria uma porta para a reintrodução dos componentes encantados da mística e da magia, que os espíritas tanto faziam para evitar. (LEWGOY, 2004)

Dito isso, é possível fazer uma relação direta com a forma como os centros, que são ligados a FEB, lidam com a imagem do médium (mais comedida, como um canal, apenas). E nos eventos, onde a imagem do médium é conhecida e leva reconhecimento pelo trabalho.

Os livros de Chico ajudaram a propagar uma imagem do espiritismo como uma religião culta e ligada ao cristianismo “que difunde a alta literatura e o hábito da leitura, assim como o respeito ao saber científico e ao panteão da língua portuguesa” (LEWGOY, 2004). Este fato também contribuiu para atrair a atenção e simpatia da classe média.

A questão é que a psicografia ganhou atenção dos meios letrados e causou grande impacto nos anos de 1920 e 30 por conta do *Parnaso de além túmulo* (1932), em que Chico Xavier escreveu por dezenas de poetas renomados, onde eles defendiam ideais espíritas.

Consagrada como um gênero literário de suma importância, ser capaz de proferir discursos, assim como de ler e declamar poesias fazia parte da formação corriqueira de membros da elite brasileira, durante a República Velha (LEWGOY, 2004)

E como é sabido, Chico não recebeu uma educação semelhante a dos membros da elite, o que causou grande alvoroço, pois os livros psicografados por ele são de uma qualidade digna daqueles poetas.

Foi com *Parnaso* que o tema pastiche *versus* autenticidade veio à tona, e gira ainda hoje em torno do fenômeno Chico Xavier. Esse é sempre um tema digno de muita discussão seja em relação à poesia, dos romances ou mesmo das cartas. “A disputa em torno da interpretação do fenômeno Chico Xavier jamais pôs em dúvida que o médium tinha um ‘dom’, mas sim seu significado” (LEWGOY, 2004, p.93): uns o tinham como realizador de pastiches e outros como excelente médium.

No caso das sessões de psicografias realizadas nos eventos que serão descritos aqui, pude observar que há sempre uma atmosfera que envolve a dúvida quanto àquele trabalho de comunicações com os espíritos dos seus parentes.

De fato, a opinião pública e os literatos estavam voltados aos fenômenos da psicografia, que envolvia principalmente a literatura. Homens e mulheres estavam fascinados com experiências “místicas” e a possibilidade de comunicações transcendentais, como havia sido com as mesas girantes.

A partir da década de 1960, ganhou força a publicação de livros de mensagens e de livros compostos por cartas de pessoas falecidas a familiares que consultavam o médium em Uberaba. A linguagem com que eram escritas as mensagens psicografadas por Chico sofreu modificação, tornando-se mais popular e acessível ao novo público. Essas mudanças anunciavam uma modificação no estilo dos textos espíritas, ampliando as maneiras de *ser* espírita, inspiradas por Chico, que tem uma linguagem mais simples e menos rebuscada e cientificista.

É de grande conhecimento do público a repercussão da produção psicográfica de Chico, essas informações com os casos polêmicos e inúmeros artigos sobre eles estão disponíveis tanto no meio digital como em meios impressos. Ainda hoje Chico Xavier é digno de pauta, e é possível encontrar diversas edições sobre si nas bancas de revista, como é o caso da revista *Superinteressante*, que uma vez ao ano publica algum artigo sobre ele, ou a revista *História*, que teve sua edição n33 com Chico Xavier como tema de capa⁵. No site da *Superinteressante*, por exemplo, há uma seção chamada “tudo sobre Chico Xavier”, onde é possível encontrar dezenas de entrevistas e reportagens a respeito do médium e do espiritismo. De toda forma, tomamos conhecimento da grande repercussão e apelo midiático das questões espíritas.

2.5 MINHA TRAJETÓRIA NO TEMA

Durante minha formação no curso de Letras Português e no processo de escrita de meu Trabalho de Conclusão de Curso, mantive sempre especial curiosidade na forma como era retratada, na literatura, a relação entre os mortos e os vivos, e na forma como os mortos participam da vida familiar e social. Através das obras do moçambicano Mia Couto, que resgata com frequência essa relação em sua obra, é que comecei a nutrir o interesse em estudar estes aspectos através da experiência literária e epistemológica. À luz da obra de Oscar Calavia Sáez, *Fantasma Falados* (1996), pude iniciar-me em uma leitura antropológica sobre os mortos, e assim, inspirar-me a desenvolver algumas ideias sobre o projeto deste trabalho.

O tema inicial sugerido como pesquisa culmina diretamente com meu interesse, tratando da questão literária e autoral, assim como

⁵ Link da edição: <http://www.revistadehistoria.com.br/revista/edicao/33>

aspectos sociais que podem vir a ser pesquisados numa realidade material, extrapolando o campo teórico do mundo literário por meio da antropologia social.

Porém o campo nem sempre nos leva ao objeto que inicialmente focamos. Assim, buscando por pistas que tratassem do tema da psicografia e autoria, acabei me envolvendo com os eventos de psicografia de cartas. Porém, a proposta inicial que abrangia a questão autoral foi se distanciando e não tive sucesso em resgatar esse aspecto, por mais que mantivesse ainda interesse nele. O que experienciei foi um abismo se formando entre minhas dúvidas e questões a respeito da autoria, e os informantes que teriam poder em me dizer qualquer coisa a respeito. Primeiramente, observei que as informações sobre mediunidade, os fenômenos psicológicos, assim como o desenvolvimento da habilidade da psicografia eram todas explicadas por meio da doutrina espírita e livros de Kardec. E mesmo ao questionar os próprios médiuns, em entrevistas e conversas, e pessoas do centro espírita, todas me levavam ao mesmo caminho: Kardec, pois quando as questões eram a respeito do psicografar me mandavam para a teoria. Portanto, as informações a que tive acesso em relação aos processos pessoais da psicografia eram as da literatura espírita. Esse fato colaborou para que a questão autoral fosse deixada para ser desenvolvida em um momento mais oportuno. Mas serviu para pensar que os médiuns, para falar da psicografia, estavam muito bem embasados na teoria da doutrina espírita e seguiam a risca o que os livros de Kardec trazem. Assim, identifiquei pouco ou quase nenhum rastro de originalidade nos seus discursos, o que não significa, necessariamente, que suas práticas estivessem sendo realizadas com a mesma fidelidade.

A psicografia é um assunto que instiga a curiosidade de muitos, e mencioná-lo em público, algumas vezes, fez com que as pessoas levantassem as orelhas e me chamassem para conversar em particular. No fim das contas, ou estavam curiosas pelo tema, ou tinham algum relato de experiências, se não sua, de alguém próximo. Isso fez crescer a sensação de responsabilidade quanto a este trabalho, porque com um tema tão sedutor, é quase uma obrigação não achatá-lo – para não dizer chateá-lo. Inicialmente não conseguia perceber de que forma essas conversas que tive fora do campo seriam úteis para minha pesquisa. O fato é que talvez não sejam realmente úteis, mas são importantes.

Esses casos dizem respeito a um campo religioso brasileiro, descrito por Calavia-Sáez (1996) onde a relação dos vivos com os

mortos é comum em todos os contextos sociais. Todos já ouviram alguma história de alguém que teve experiências mediúnicas, recebeu uma carta psicografada ou simplesmente acredita nessas “sensibilidades”. Essa “categoria de interesse” nem sempre é creditada por todos, há os que viram as costas, mas ainda assim querem saber.

No princípio do projeto de pesquisa original, antes mesmo de tomar conhecimento dos eventos, citei o tema entre colegas e em pouco tempo tinha em mãos o primeiro caso de psicografia. Assim, tive acesso a um caso curioso envolvendo uma professora da UFSC. Ela dedicava-se a estudar um autor literário brasileiro já falecido, e enquanto estavam organizando um evento em homenagem a esse autor, surgiu entre os também “especialistas” um professor que alegava receber, por meio da psicografia, mensagens do falecido homenageado. Essa professora – que eu teria fácil acesso – recebeu duas cartas psicografadas, que cheguei a ter em mãos e ler o seu conteúdo. Eram interessantes porque comentavam o trabalho que a pesquisadora realizava em torno da obra deste literato. Eram, portanto, dois especialistas em um autor, sendo que um deles tinha acesso “privilegiado” à pessoa do autor enquanto “morto”, no além-túmulo, este contexto renderia uma análise muito interessante. Todos se interessaram por essas cartas, e causou um grande reboliço entre os alunos mais chegados, e todos comentavam e discutiam o caso.

Logo que comecei a mostrar interesse em tornar esses episódios objetos de minha análise, me foi vedada essa possibilidade. Este caso nos faz pensar a respeito da relação entre o crédito e descrédito atribuído às psicografias. Aponta para as sutilezas e os problemas de se levar a sério, por exemplo, no meio acadêmico, as psicografias. No entanto, como não levá-las a sério? Apesar de não haver espaço para crédito dentro da universidade, a psicografia despertou o interesse em nível de curiosidade, como o místico, o mágico. Assim, o caso da professora mostra como os espíritos importam e definem relações, e são, portanto, agentes.

Isso é muito representativo do cenário de crenças no Brasil e dos fenômenos envolvendo os espíritos. Como escreve Sáez: “Somente os crentes das religiões mediúnicas dizem explicitamente que os mortos estão entre nós: quase ninguém diz explicitamente que eles não o estão em absoluto.” [s./d.].

Nas situações em que travei conversas a respeito do tema desta dissertação, ficou claro um aspecto que foi comentado, mais de uma vez, por Fernando Ben e por Rogério Leite, ambos médiuns que

psicografam nos eventos pesquisados: que aquilo não tinha relação com religião. No início não compreendi o que eles queriam dizer, porque no meu entender não era concebível uma sessão de psicografia, naquele formato, não ter relação com o espiritismo. No entanto, no decorrer da pesquisa compreendi que não se trata de religião espírita, ou ao menos não se trata apenas de fenômeno da doutrina espírita, e que no Brasil mesmo os não espíritas “acreditam” em espíritos.

Nas conversas paralelas em minha pesquisa de campo, o vínculo com o espiritismo como doutrina não era salientado, sendo que inclusive, pessoas não espíritas compartilhavam dessa lógica e tinham casos para contar. Imperava apenas o aspecto místico/mágico que a doutrina fornece que, no caso, trata-se da possibilidade de comunicação com os mortos.

Assim, pensar nas definições de morte e espírito partilhadas por essa doutrina é uma forma de compreender minimamente a influência que essa religião exerce sobre as diversas manifestações sociais. Pois essa influência está ligada especialmente à dicotomia mortos/vivos, e que extrapola a crença do indivíduo na religião espírita. A influência dela é muitas vezes negada ou contestada, até o ponto em que algum fato “sobrenatural” o desafie. Pois os espíritas acreditam e afirmam que os espíritos dos mortos estão entre nós, e essa afirmação nem sempre será feita por outros indivíduos, pois poucos são os que se atrevem a dizer que os mortos não estão entre nós. (CALAVIA-SÁEZ, [s./d.]

3 AS SESSÕES E OS EVENTOS DE PSICOGRAFIA

3.1 AS SESSÕES EM CENTRO TRADICIONAL DE MESA BRANCA EM SÃO PAULO

3.1.1 Centro Espírita Ana Vieira

Em São Paulo, busquei visitar locais que realizassem sessões de psicografia aberta, pois era possível para mim naquele momento viajar até lá e, desse modo, poderia comparar os dados que vinha colhendo em Florianópolis, no evento *Amigos da psicografia*, às impressões de outros locais que também realizavam sessões. A escolha dos dois centros espíritas que visitei foi feita porque ambos realizavam sessões de psicografia abertas e divulgavam em seus *sites* algumas informações a respeito juntamente à agenda. Assim, entrei em contato com o centro espírita Ana Vieira.

O **Centro Espírita Ana Vieira** é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, e que segue a doutrina espírita (Espiritismo), de acordo com as orientações publicadas por Allan Kardec, em 1857, através da obra **O livro dos espíritos**. Fundado em 15 de abril de 1941, na cidade de São Paulo, o **Centro Espírita Ana Vieira** tem como objetivo promover a prática da caridade moral, espiritual e filantrópica por todos os meios ao alcance da entidade. (Ana Vieira, [s./d.]

Essa é a autoapresentação que consta no *site* do centro. Neste há também uma seção intitulada “psicografia”, ali se encontra inúmeras instruções para as pessoas que desejam participar da sessão de psicografia necessitam saber. Em junho de 2016, pedia-se que os interessados em solicitar uma carta comparecessem no dia da sessão, para preencher uma ficha e uma retirasse uma senha para conversar com um dos médiuns – como a triagem feita no *Amigos da psicografia*. Não era permitida a presença de crianças menores de 12 anos. Cada pessoa pode solicitar mensagem de apenas uma pessoa desencarnada, e não há necessidade de pessoas da mesma família solicitar mensagens do mesmo espírito. Eles explicam que o espírito costuma manifestar-se apenas uma vez por sessão, portanto, pede-se que quem faça o pedido de

comunicação seja tive maior afinidade com o espírito quando encarnado. Somente pessoas que tinham afinidade e proximidade com o falecido devem solicitar mensagem psicografada, portanto, a maior parte dos solicitantes são familiares. São desencorajadas as solicitações de cartas por mera curiosidade, apontando que “o plano espiritual sabe identificar solicitações com intenção de simples curiosidade e, provavelmente, nesses casos, a ficha será devolvida sem mensagem.” (Ana Vieira, [s./d.]).

Os eventos no Centro espírita Ana Vieira acontecem duas vezes por mês, no domingo às 8h da manhã e na terça-feira, às 14h. É apresentada uma tabela com as datas definidas de todos os meses do ano, para que o público possa se programar.

Além das instruções práticas há, no site, um texto introdutório apresentando o que é a psicografia. Esse aponta que a psicografia feita no centro Ana Vieira é realizada tendo como base a doutrina espírita codificada por Allan Kardec, e segue as orientações da Federação Espírita do Estado de São Paulo. E é definido como um “trabalho de assistência espiritual destinado às pessoas que passam por um momento de dor em razão da perda (falecimento) de um ente querido”. Assim como o *Amigos da psicografia*, neste centro é feito um trabalho de consolo e acolhimento dos que perderam alguém.

Figura 1 – Panfleto informativo mensal do Centro Espírita Ana Vieira, em 2016, com selo de filiação à FEB

Família Espírita

Distribuição Gratuita
Filiação à
Federação Espírita
do Estado de
São Paulo

75 anos
Centro Espírita Ana Vieira

Junho de 2016 - Publicação do Centro Espírita Ana Vieira Ano XI - 121

O espírita na equipe

Numerosos companheiros estarão convencidos de que integrar uma equipe de ação espírita se resume em presenciar os atos rotineiros da instituição a que se vinculam e resgatar singelas obrigações de feição econômica. Mas não é assim.

O espírita, no conjunto de realizações espíritas, é uma engrenagem inteligente com o dever de funcionar em sintonia com os elevados objetivos da máquina.

Um templo espírita não é simples construção de natureza material. É um ponto do planeta onde a fé raciocinada estuda as leis universais, mormente no que se reporta à consciência e à justiça, à edificação do destino e à imortalidade do ser. Lar de esclarecimento e consolo, renovação e solidariedade, em cujo equi-

Todos nós, encarnados e desencarnados, comparecemos no templo espírita no intuito de receber o concurso dos Mensageiros do Senhor; no entanto, os Mensageiros do Senhor esperam igualmente por nosso concurso, no amparo a outros, e a nossa cooperação com eles será sempre, acima de tudo, trabalhar e servir, auxiliar e compreender.

Depois

Depois de ouvir a palestra esclarecedora, cultive-a junto dos companheiros ausentes. Ensino ouvido, riqueza de aprendizagem.

Depois da notícia edificante, transmita-a sem demora aos irmãos carentes de estímulo. Ânimo levantado, rendimento

modifica em nosso espírito, para melhor, e devemos ofertar aos outros o melhor ao nosso alcance, sem deixar qualquer auxílio para depois.

Trecho do livro "Estude e Viva", psicografado por Francisco Cândido Xavier, através dos espíritos de Emmanuel e André Luiz.

O Centro de Assistência e Promoção Social Ana Vieira realiza no dia

25 de Junho
(Sábado)
Das 11:30 às 17:30 horas

Vigésima Primeira Edição de

Fonte: Arquivo pessoal

O texto apresentado no *site* cita o *Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, para afirmar que a psicografia é a forma de comunicação com os espíritos mais simples, cômoda e completa que temos acesso. Explicam que a psicografia não nasceu com Kardec, e há indícios de comunicação mediúmica muito anterior a ele. Mas a sistematização da doutrina por ele permitiu que o médium tivesse acesso à doutrina espírita e aprendesse a desenvolver suas faculdades. O caso de Chico Xavier é mencionado, sendo ele o maior médium brasileiro, com mais de 400 obras psicografadas.

O centro avisa que mesmo que o pedido de psicografia seja realizado, não há nenhuma forma de garantir que o espírito se manifestará. “Uma equipe espiritual dedicada a este trabalho busca, entre os milhares de espíritos na erraticidade, o ente querido cujas condições de comunicação ainda não se sabe se poderão ser estabelecidas numa primeira solicitação.” (Ana Vieira, [s./d.]). Apontam como é raro que as condições necessárias para carta ser escrita sejam atendidas. E o mais comum, é que o espírito encontre a casa espírita e atraia intuitivamente o seu parente até lá para comunicar-se com ele.

O estudo da doutrina é essencial para compreender o trabalho que se faz no centro e durante a psicografia. E alertam que chorar e

lamentar demasiadamente faz com que o espírito fique aflito e não consiga seguir seu caminho em paz. O que faz o espírito feliz é ver o parente se instruindo, buscando informações e seguindo em frente.

No site do Centro Espírita Ana Vieira há um parágrafo dedicado à explicação dos tipos de psicografia definidos por Kardec, onde são descritos as faculdades de psicografia mecânica, semimecânica e intuitiva. Na casa há médiuns intuitivos e semimecânicos, o que pode causar estranhamento em algumas pessoas que recebem as cartas, pois as habilidades mediúnicas dos médiuns influenciam no conteúdo das cartas, pois pode ser que a letra da carta tenha semelhança à do parente desencarnado que está se comunicando, pronomes característicos ou mesmo a assinatura no fim da carta pode ser semelhante.

Os espíritos que desencarnaram há mais tempo costumam se manifestar com características diferentes das que costumavam expressar-se, isso porque já não tem as mesmas atitudes e formas de pensamento de quando estavam encarnados, e outra explicação é que

a mensagem enviada por meio de uma intuição ao médium, altera a forma de expressão ditada pelo espírito, o que causa uma estranha sensação para aquele parente, ou amigo solicitante, que estava acostumado com a forma de falar do desencarnado. (Ana Vieira, [s./d.]

As orientações seguem no sentido de pedir que haja uma compreensão com o tempo do mundo espiritual, e da manifestação ou não desse espírito por meio da psicografia. E ao fim, consta uma relação de livros para estudo da doutrina para melhor entendimento dessas questões: *O livro dos espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), ambos de Allan Kardec. *Nosso Lar* (1944), *Missionários da Luz* (1945), *Nos Domínios da Mediunidade* (1955), *Jovens do Além* (1976), estes de Chico Xavier. E *Devassando o Invisível* (1987), de Yvone A. Pereira, *História do Espiritismo* (1926), de Arthur Conan Doyle, e *Dr. Odilon* (1998), de Carlos A. Cacelli.

Decidi que iria a uma sessão realizada em um domingo de manhã. E para reconhecer o local e conversar com alguém do centro fui ao centro em uma quarta-feira que antecedia esse encontro.

Fui conhecer o centro espírita Ana Vieira que está localizado no bairro Mooca, zona norte de São Paulo, em julho de 2016. Minha irmã e sobrinha de sete anos me acompanharam. Descemos do metrô Vila Prudente e caminhamos cerca de 30 minutos até o Centro Espírita. O

bairro é residencial e calmo, e o Centro é uma casa de cor salmão de dois andares muito grande.

Ao chegar o porteiro nos recebeu e nos passou algumas informações, junto a um folheto do Centro. Apresentei-me e disse que estava fazendo uma pesquisa de mestrado sobre psicografia, então ele me mandou falar com a Dona Neuza, no segundo andar.

Chegando lá encontrei a tal senhora, muito baixinha de cabelos grisalhos, enrolados e bem curtinhos. Ela e outra senhora me explicaram sobre o curso para desenvolvimento das faculdades mediúnicas e psicográficas. O Centro Espírita Ana Vieira, entre muitas atividades que realiza, oferece um curso de treinamento mediúnico. O curso tem a duração de seis anos, mais o tempo de treinamento mediúnico que em 2016 dividia-se da seguinte forma: dois anos de *ano básico*, dois anos de *aprendizes do evangelho*, e dois anos de *educação mediúnica* e o tempo de treinamento mediúnico que também é em torno de dois anos.

As senhoras que me atenderam, me deram um texto de três páginas, intitulado “Esboço para apostila de psicografia”, onde explica o que é a psicografia. Sobre o *preparo do médium* nos é informado que para psicografar é preciso estar fisicamente preparado, mantendo uma alimentação leve, a mente livre de pensamentos negativos, para que a conexão seja travada com os espíritos elevados. A respeito do *recebimento da mensagem*, salientam que cada médium é diferente e que cada comunicação também é diversa. Alerta para a individualidade dos espíritos e que, portanto, cada um tem a sua forma de comunicar-se, há uma ênfase sobre o espírito não ter conhecimento da possibilidade da comunicação entre os planos durante sua encarnação, não estando preparado para esse momento. Além disso, existe o fator emocional que o espírito carrega e transmite ao médium ao serem trazidos à casa, quanto mais equilibrado emocionalmente o espírito, mais fluida é a comunicação. Quando o espírito não consegue se comunicar efetivamente, o médium pode sentir sua presença, no entanto, sem conseguir iniciar a carta, a orientação é para que o médium converse mentalmente com esse espírito com amor, encorajando-o.

Há também, os *critérios de conteúdo*, nessa parte é explicado rapidamente como as mensagens são analisadas levando em conta seu *fundo* e *forma*. Quanto à forma a carta precisa ter coerência e coesão. E fundo refere-se ao teor, a essência, ou seja, a que se destina: evangelizar, confortar, esclarecer, e também é avaliado “se a mensagem condiz com o fim a que se destinam as comunicações mediúnicas, que serão sempre de trazer uma nova visão da vida após a morte”. Há pessoas

encarregadas de ler as cartas antes de serem entregues ao parente, para verificar a forma e o fundo, e por isso os dados da ficha que se entrega para requerer a carta são importantes. Mensagens em tom agressivo, irônico ou de deboche serão recusadas. As que não apresentam um começo e fim, ou ideias e palavras soltas também não são entregues para os familiares.

De forma geral, há algumas precauções que são tomadas por meio dessa censura e citam alguns exemplos, dos quais irei apontar apenas um: imagine um caso de morte não confirmada, de uma pessoa desaparecida, se a família pede uma carta e o médium identifica esse espírito, psicografando uma carta sua, isso serviria como prova para confirmar a sua morte. Nesse caso a família deve passar pela dificuldade da incerteza quanto ao destino do seu ente desaparecido, e não seria justo, segundo os preceitos do Centro, a interferência nesse ponto.

Em caso de espíritos que já reencarnaram, os médiuns escrevem na ficha de identificação “espírito reencarnado” e a devolvem ao requerente. Esse é um resumo do conteúdo do “Esboço para psicografia”, e considero importante apresentá-lo aqui, pois de todo material que tive acesso durante a pesquisa, esse foi o mais próximo da versão do médium que consegui.

No rodapé dos panfletos do mês de junho e julho que são distribuídos mensalmente no centro consta a seguinte passagem:

Antes e durante o Evangelho procure manter-se em silêncio. Aproveite o momento para refletir e receber o auxílio espiritual que tanto necessitas! Os amigos espirituais procuram nos ajudar no momento em que adentramos a casa espírita, mas é preciso que estejamos sintonizados com o ambiente preparado por eles. Aproveite os minutos de espera para concentrar-se em silêncio, deixando os assuntos e as preocupações do dia a dia de lado. Ligue-se com Deus agradecendo pela vida e pedindo forças para enfrentar as diversidades da existência. (Ana Vieira, 2016)

As senhoras que conversaram comigo no primeiro dia que fui ao Centro foram muito receptivas e convidaram incisivamente para comparecer ao evento no domingo, e mesmo não sendo permitida a entrada de crianças, aceitaram que minha sobrinha nos acompanhasse.

Posso dizer que a preparação para a sessão de psicografia que aconteceria no domingo teve início na noite de sábado para domingo. E

acho interessante contar o que aconteceu para pensarmos em como essas questões afetam a nossa vida, quer acreditemos, quer não. Eu estava hospedada na casa de minha irmã, em São Paulo, e íamos dormir no mesmo quarto, eu, ela e minha sobrinha pequena. Naquela noite ninguém conseguiu dormir. Eu me revirava de um lado para outro, minha sobrinha teve pesadelos e minha irmã não conseguiu pregar os olhos. Eu, preocupada com a hora, pois teria que acordar muito cedo para ir ao centro no dia seguinte, fui para sala tentar dormir um pouco. Em pouco tempo, minha irmã veio atrás de mim e disse que ouviu alguém chamando meu nome em voz alta, uma voz que ela não conhecia. Não preciso dizer que se havia alguma intenção de dormir aquela noite, essa teve fim naquele mesmo momento. Fiquei pensando que minha irmã é uma pessoa muito sensível, e alguns diriam que tem a mediunidade aguçada. E ela estava completamente envolvida no tema dessa pesquisa naquela altura, e também animada em buscar uma carta no dia seguinte. Não há o que explicar sobre isso, mas é importante perceber que os assuntos do mundo espiritual afeta a todos, de formas diferentes, e independentemente dos poderes e crenças que estão envolvidos.

3.1.2 A Sessão de psicografia no Centro Espírita Ana Vieira

Chegamos ao centro as 08h30min de um domingo ensolarado. Na entrada do salão pegamos senhas, eu uma e minha irmã outra. Eu peguei a senha 122, ela 123. Quando entramos no salão estavam chamando o número 70. O ambiente é calmo, a Dona Neuza, que havia conversado comigo na quarta-feira, é quem está chamando as senhas. Toca uma versão instrumental da ária *O mio babbino caro*, de Puccini. É um clima calmo e leve, todos se movem calmamente sem fazer movimentos bruscos.

A reunião acontece em uma sala retangular com cerca de 100 cadeiras, no máximo, dispostas em forma de plateia dividida por um corredor de passagem. A frente tem uma plataforma elevada à altura de um degrau com uma porta em cada lado escondendo atrás de si uma salinha. Dona Neuza chama por uma dessas portas os números da senha de três em três, e pouco a pouco saem pela outra porta os que foram chamados.

Ao chamar nosso número nos levantamos e minha sobrinha precisou esperar no lado de fora da pequena sala. Ao entrar, havia em torno de seis médiuns, todas mulheres, sentadas separadamente com

uma cadeira vaga à frente para a pessoa entrevistada sentar-se e fazer uma ficha.

Figura 2 – Ficha de triagem do Centro Espírita Ana Vieira, em 2016

CENTRO ESPÍRITA ANA VIEIRA		PSICOGRAFIA		Data:
Nome:	Maria Emilia N. P. Wiggers	Nascimento:	11/01/43	03.07.16
Desencarne:	27/08/07	Idade:	64	Cidade:
		Causa:	hemorragia	Florianópolis
Retorno:				
Data:	Nome:	Mensagens recebidas		
03/7/16	Maria Emilia N. P. Wiggers	01		
Obs.: Após o recebimento de três mensagens da mesma pessoa, solicitar nova ficha.				
Solicitante:	Liana Wiggers De Carli	Parentesco:	Teta	
Endereço:				
Cidade:	Estado:	Florianópolis	Telefone:	(41) 8836.3403
<small>Não é permitida a entrada de crianças menores de 12 anos</small>				

Fonte: Arquivo pessoal

Dona Neuza apontou onde eu devia sentar, e comecei a conversa com a médium Daniela, uma moça de no máximo 40 anos e muito simpática. Ela perguntou o nome do ente querido o qual eu gostaria de receber uma carta, assim como a data de nascimento e falecimento e a causa. Falei que eu estava fazendo uma pesquisa e estava ali para tentar uma carta de minha avó, e contei-lhe as causas de sua morte. Há dez anos minha avó fez uma cirurgia de vesícula, o que seria uma cirurgia simples apresentou complicações severas, acarretando na sua morte por conta de uma hemorragia. Ao contar o caso de minha avó, ela me disse que sua mãe passou por um problema semelhante, mas sobreviveu. Depois me contou que conhece Florianópolis e gosta muito da cidade, tem uma amiga que tem um ateliê em um bairro próximo a universidade. Enquanto eu falava, a médium anotou em uma ficha o nome de minha avó, data de nascimento, cidade, idade de desencarne, a data e causa, assim como dados meus: endereço, parentesco, e telefone. Nossa conversa durou cerca de cinco minutos, e logo eu saía pela porta oposta a que tinha entrado e me juntava ao público. Minha irmã, que havia entrado junto comigo, demorou quase o mesmo tempo na sua conversa e disse que a moça que falou com ela foi muito amável. Ela havia requerido uma carta do nosso avô, que há nove anos havia falecido de câncer. Sentamos-nos muito ansiosas pela possibilidade de finalmente recebermos alguma notícia do além.

Após todas as senhas serem chamadas, as médiuns se dirigem a uma sala no andar superior, reservadamente, para psicografar. Isso porque a psicografia não é feita na frente do público, não há exposição, tampouco apresentação dos médiuns. Eu apenas conheci a médium que falou comigo, e nada mais, pois o grupo de médiuns também não aparece no salão onde o público fica sentado.

Foi feita uma breve pausa para podermos tomar um café ou usar os banheiros. Há uma cafeteria nos fundos do centro, pegamos um café e depois fui ao andar superior para ir ao banheiro e bater uma foto da tabela de cursos preparativos para o desenvolvimento da psicografia, que havia me esquecido na quarta-feira. Quando subi, as médiuns estavam passando pelo corredor onde estava pregado o mural com a tabela do curso. Fui ao banheiro e na volta, duas senhoras perguntaram se eu é que estava fazendo a pesquisa. Disse que sim e me perguntaram se era para o colégio ou para outro centro. Então, expliquei que era para o mestrado em Antropologia, e contei um pouco do que eu estava tentando fazer. Perguntei a uma das senhoras que falou um pouco sobre psicografia e estava junto a Dona Neuza na quarta-feira, se ela era médium, e me disse que não. Que no desenvolvimento, sua mediunidade aflorou para outros lados. Contou que já recebeu mensagens, mas não é algo comum. Foram muito queridas e se dispuseram a conversar comigo se eu precisasse.

Retornamos ao salão, era em torno de 09h30min. Ouvia-se uma conversa amena, um clima muito calmo e confortável, todas as pessoas do centro passam uma sensação muito boa de calma, estabilidade e acolhimento. Dona Neuza, que falou comigo, vai fazer algumas orientações sobre psicografia e depois haverá uma palestra. Nesse momento há em torno de 70 pessoas no salão. Enquanto o grupo de médiuns psicografa em outro local, ali no salão é feita uma programação diferente.

A palestra tem início com um “Pai nosso”, e é explicativa a respeito da psicografia: como é feita, como acontece e o que esperar dessa comunicação. É explicado a respeito do curso de formação dos médiuns do centro. As diferentes formas de manifestação psicográfica também são informadas: semimecânica, mecânica, etc. O grande exemplo é mencionado: Chico Xavier, que psicografava de forma mecânica, isto é, não tinha consciência do que escrevia, e manifestar esse tipo de mediunidade é raro. A manifestação mais comum da mediunidade é a semi-mecânica e intuitiva- telepática, que são os casos em que há uma sintonia da alma do médium com o espírito que almeja

se comunicar, e assim, sentindo o que ele quer expressar transcreve para o papel. Essas diferentes formas de se sintonizar com os espíritos é uma boa forma de explicar que o estilo de fala/escrita pode ser diferente da que a pessoa desencarnada falava, e por isso não há razão para se preocupar, pois é assim que é, e depende da forma da mediunidade. O Livro dos médiuns foi muito citado, e serviu como referência para embasar tudo o que foi dito. Se lermos este livro, percebemos que é quase uma paráfrase de tudo o que foi dito nos 15 minutos de palestra.

Entre as informações dirigidas ao público, também foi dito que todo centro funcionava de forma voluntária, assim como as sessões de psicografia. Para auxiliar nas despesas, uma cafeteria vendia ao público pães, sucos e café, a fim de arcar com as despesas básicas do espaço, como a luz, água. Essa é uma prática muito comum dos centros espíritas, assim como dos eventos, que também contavam com uma cantina em que era fornecido o lanche. Portanto, pedia-se no encontro do centro espírita que consumíssemos na cantina para ajudar a mantê-lo funcionando, pois também estávamos usufruindo da infraestrutura e era nosso dever colaborar para manter o espaço.

Após a palestra houve uma apresentação musical onde uma mulher cantou diversas músicas e entre elas comentava a mensagem que transmitiam. Sua fala teve início com uma “Ave Maria”. Uma das canções entoava a paz no mundo: e falou sobre os atentados terroristas em Istambul e em Orlando, que aconteceram em 2016. Outra canção era de gratidão pelo planeta e para nos desvincularmos das energias pesadas que estão atuando no mundo – energia de intolerância e homofobia, por exemplo. Para finalizar sua fala fez novamente a prece “Ave Maria”.

Depois de algum tempo era finalmente a hora de entregarem as cartas. Aconselharam que as pessoas ficassem sentadas, e se por acaso seu nome fosse chamado, deveriam levantar a mão e para que alguém pudesse entregar a carta. As fichas das pessoas que não haviam recebido nenhuma carta eram entregues primeiro. Assim, pouco a pouco o salão ia esvaziando, pois as pessoas pegavam a ficha e iam embora.

Ficamos as três, eu, minha irmã e sobrinha, sentadas esperando, e de repente chamaram meu nome, seguido do nome da minha avó. Era uma carta para mim. Levantei a mão e não consegui controlar o nervosismo, me tremia e comecei a chorar. Então percebi que minha sobrinha não havia entendido muito bem o que fomos fazer ali, porque vendo a nossa reação não parava de perguntar: “O que aconteceu? O que houve?” E eu não sabia como explicar pra ela, só disse que era uma carta da minha avó – ela respondeu com uma cara de dúvida. Antes

mesmo de eu terminar de ler a carta chamaram o nome da minha irmã, havia para ela também uma carta do nosso avô. Esta é a carta que recebi de minha avó:

Diana,
Aqui está você.
Tão linda, tão cheia de propósitos, a vó está orgulhosa de ti.
A vida espiritual, filha, é mais simples que a vida aí na terra. Contudo, estamos mais expostos as nossas emoções, nosso espírito desprovidos da matéria reflete verdadeiramente aquilo que somos.
Por isso, querida, é tão importante que a gente se modifique moralmente quando estamos encarnados.
Busque dentro de você, querida, a razão da verdadeira fé, e não se esqueça, precisamos crescer também no coração que é onde Deus espera que sejamos mais.
Teu caminho é lindo, cuide dele, querida, como um jardim florido, lembrando sempre que antes das flores, mãos trabalhadeiras cuidaram, protegeram e regaram até o momento de todas as preciosas flores desabrocharem.
Volta, filha, levando minha saudade, meu amor, estou contigo e com todos, pois são partes do meu coração.
Beijos pra ti da tua avó
Maria Emília. (Carta psicografada, 2016)⁶

E esta foi a carta psicografada que minha irmã recebeu:

Bom dia, minha querida menina, apesar de ter crescido, pois o tempo não para.
Agradeço sua lembrança em querer saber notícias.
Estou vivo, a vida continua, o que acabou foi apenas o corpo que a doença consumiu, mas que é um bálsamo ao espírito, para se melhorar e evoluir.
No começo também foi difícil, a saudades da família, o entender e aceitar a nova realidade.
Mas Deus é maravilhoso e faz tudo dentro de uma ordem e perfeição. Cada um tem um tempo, vive o necessário a sua evolução, através do aprendizado.
Você que é jovem, busque guardar no coração os verdadeiros valores, faça o seu melhor, não julgue, perdoe sempre e ame muito e assim sentirá a felicidade e a paz andarem com você.

⁶ Foto da carta está em Anexo A.

Amo a todos, saudades sempre, um grande abraço aos
nossos queridos e um especial desse vizinho.
Nelson Antonio. (Carta psicografada, 2016)

Quando acabaram as fichas sem carta e começaram a ser chamadas as pessoas que haviam recebido alguma mensagem, ficava subentendido que se ainda estavam aguardando era porque algo havia para nós. Mas como eu estava ali por conta da pesquisa, fiquei com um misto de desconfiança por ter sido deixada por último, ou de realmente ter uma carta para mim. Certamente os que estavam ali tinham a certeza de que receberiam alguma mensagem. E apesar disso, não houve nenhuma agitação entre os que ficaram. Aguardavam calmamente.

Ficaram no salão em torno de um terço das pessoas, mas não sei precisar quantas cartas foram entregues. Mas assim como o primeiro evento de psicografia que eu fui, em Florianópolis, posso dizer que fiquei muito emocionada, por mais que não quisesse ou que tentasse resistir. Enfim, resolvi abandonar a posição de pesquisadora que observa de fora. Mas ao me envolver emocionalmente, sempre fica o receio de não conseguir discernir o que devo analisar e como analisar. A verdade é que pesquisando aquilo criei muito respeito por esses centros e pelo trabalho de psicografia, e independente de eu acreditar ou não, já não pude manter uma posição de que aquilo era falso e que eu precisava me distinguir daquilo.

Como já mencionado anteriormente, os centros espíritas visitados para a pesquisa, em São Paulo, mantém vinculação com a FEB. As sessões de psicografia são realizadas com regularidade, e a identidade dos médiuns não é relevante para que aconteçam. O público não tem acesso a nenhuma informação sobre quem realizará a psicografia. O único contato que há entre médiuns e público é durante a triagem, realizada apenas no centro Ana Vieira (no centro espírita Noel Rosa não é feita triagem). E depois, terminada a breve entrevista, não há mais contato com o médium, e tampouco sabemos se a pessoa que nos entrevistou foi quem psicografo a carta recebida, isso porque a comunicação pode ser realizada por outra médium.

Acompanhei pelo *site* do Centro Espírita Ana Vieira que após o ano de 2017 o sistema para requerer uma carta havia mudado. A partir de então – e até a conclusão desta pesquisa – é necessário se dirigir ao centro em outra data (há um dia específico para isso), apresentar um documento com comprovante de residência, e o atestado de óbito do parente que deseja acionar, comprovando parentesco. E no dia da sessão de psicografia é preciso trazer essa ficha e apresentá-la. Assim, as

entrevistas com os médiuns passaram a não existir mais e, portanto, o público nem toma conhecimento de quem está psicografando. Essa ficha pode ser apresentada até três vezes, então a cada sessão é feita uma anotação contando. Na terceira a ficha é descartada. Esse sistema novo é o mesmo que o Grupo Noel, que será descrito abaixo, utiliza.

3.2 O GRUPO NOEL

Minha passagem pelo Grupo Noel foi muito breve, e tive a oportunidade de frequentar apenas um encontro. Mas, apesar disso, essa experiência merece ser colocada aqui, pois ajuda-nos a ver que há diferentes formas de fazer encontros, reuniões e sessões de psicografia.

Na semana seguinte a minha visita ao Centro Ana Vieira, em uma terça-feira à noite, visitei o Grupo Noel, localizado na Vila Mariana, em São Paulo. Da mesma forma, busquei informações sobre o procedimento e a agenda no *site*. Por meio desse me inteirei a respeito da história e trajetória do Grupo.

O Grupo Noel é bastante conhecido em São Paulo e segundo o *site*, contam com a participação de 120 médiuns e muitos voluntários, atendendo em torno de três mil pessoas por mês. O grupo começou oferecendo serviços sociais e hoje conta com uma estrutura bem organizada onde são oferecidos serviços odontológicos, amparo a gestantes carentes, orientação jurídica, e diversas especialidades médicas, além de apoio espiritual e realização de grupos de evangelho, formação mediúnica e de psicografia. O centro oferece um curso para formação dos médiuns que dura em torno de 6 a 7 anos.

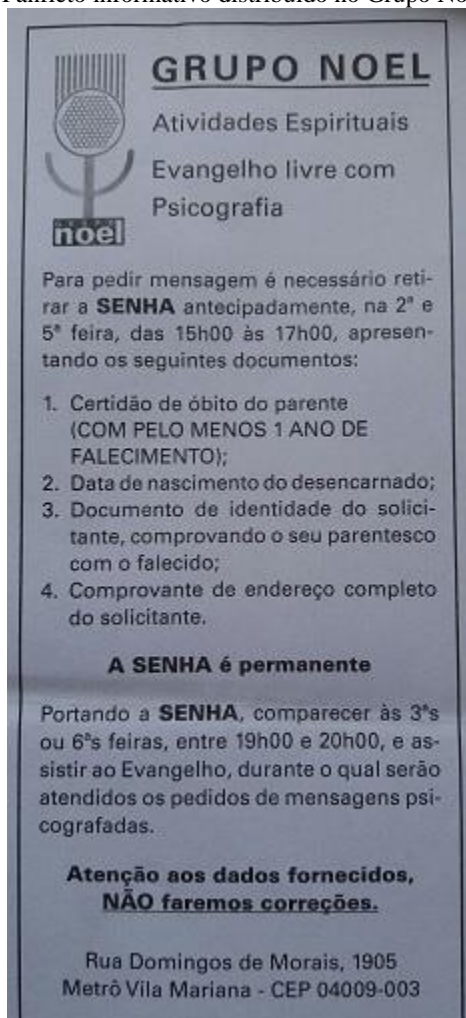
O Grupo Noel foi fundado em 1977, por Vó Martha, e desde 1984 foi declarado como Instituição de Utilidade Pública. A fundadora se vinculou à Federação Espírita do Estado de São Paulo antes mesmo de fundar o Grupo. Vó Martha diz em uma entrevista que “Nosso Grupo não tem o nome de ‘Centro Espírita’ – é um grupo de pessoas com o mesmo ideal.”.

Fui ao encontro do Grupo sozinha, e eu havia me informado que para solicitar uma carta era necessária uma série de documentos que eu não dispunha no momento. Dessa forma optei por chegar na hora marcada para a reunião do evangelho, pois aqueles que solicitavam cartas deveriam chegar antes. Acredito que essa não foi uma decisão muito sábia, pois como não sabia onde ficava a sede do grupo me perdi no caminho e acabei me atrasando, e em cima da hora, com a reunião já começada ninguém estava muito disposto a conversar comigo. Primeiro

tive dificuldades de entrar na casa onde estava acontecendo o encontro, porque iniciada a reunião o portão era trancado. Consegui entrar porque uma mulher que lá trabalhava se atrasou um pouco e permitiu que entrasse com ela. Assim, me dirigi à recepção e conversei um pouco com uma moça chamada Eva.

Nossa conversa foi quase aos sussurros, pois o balcão de onde ela falava comigo ficava próximo à porta que de entrada para a sala onde acontecia a reunião. Ela me deu algumas instruções, contou do curso de formação dos médiuns, que tem a duração de 7 a 8 anos e acontece ali mesmo no Grupo. Entregou-me um panfleto da *agenda de atividades* de 2016. Dentro dele continha um pequeno papel com instruções para o *Evangelho livre com psicografia* que dizia o seguinte: Para gerar uma senha, é preciso ir à sede do Grupo nas segundas ou quintas das 15h às 17h e apresentar estes documentos: Certidão de óbito do parente (com pelo menos um ano de falecimento); data de nascimento do desencarnado, documento de identidade do solicitante, comprovando o seu parentesco com o falecido; comprovante de endereço completo do solicitante. Essa senha é permanente, e assimila-se a uma ficha que fica no arquivo do grupo. Quando a pessoa quiser participar da reunião e solicitar uma carta deve entregar essa senha. O *evangelho livre com mensagem de psicografia* é realizado nas terças, e sextas-feiras, das 20:30 às 22h, e quem quiser requerer uma mensagem psicografada deve chegar às 19:30h. Depois dessa conversa, Eva me orientou a entrar de fininho na sala onde acontecia o encontro.

Figura 3 – Panfleto informativo distribuído no Grupo Noel, em 2016



GRUPO NOEL
Atividades Espirituais
Evangelho livre com
Psicografia

Para pedir mensagem é necessário retirar a **SENHA** antecipadamente, na 2ª e 5ª feira, das 15h00 às 17h00, apresentando os seguintes documentos:

1. Certidão de óbito do parente (COM PELO MENOS 1 ANO DE FALECIMENTO);
2. Data de nascimento do desencarnado;
3. Documento de identidade do solicitante, comprovando o seu parentesco com o falecido;
4. Comprovante de endereço completo do solicitante.

A SENHA é permanente

Portando a **SENHA**, comparecer às 3ªs ou 6ªs feiras, entre 19h00 e 20h00, e assistir ao Evangelho, durante o qual serão atendidos os pedidos de mensagens psicografadas.

**Atenção aos dados fornecidos,
NÃO faremos correções.**

Rua Domingos de Morais, 1905
Metró Vila Mariana - CEP 04009-003

Fonte: Arquivo pessoal

Entrei e o salão era muito grande, deveria ter mais de 300 cadeiras em todo o espaço. Próximo a uma das paredes estava uma mesa retangular coberta por uma toalha branca, em torno dela estavam 13 pessoas, das quais oito eram mulheres. Todos os integrantes da mesa eram pessoas a cima de 45 anos. Em forma de semicírculo as cadeiras foram postas de frente para a mesa, e o público sentou-se aleatoriamente

por elas, havia entre 70 e 100 pessoas, e talvez pelo contraste com as proporções do espaço, parecia haver pouca gente. Todos em silêncio prestando atenção no que estava sendo dito.

Nesta mesa, as pessoas dispuseram-se ao seu redor, de forma que algumas ficam de costas para nós, que estávamos sentados nas cadeiras em torno. Uma passagem do *Evangelho segundo o espiritismo*, de Allan Kardec, foi lida e depois um microfone passou de mão em mão. Percebi que enquanto uma pessoa da mesa tomava palavra para seguir com o estudo do evangelho, algumas outras pessoas que estavam sentadas na mesa, escreviam. Suspeitei que estavam trabalhando na produção de psicografias, suspeita confirmada ao final do evento, quando vi a movimentação de entregá-las ao público.

Interessante ressaltar aqui que foi a primeira vez que vi médiuns trabalhando em psicografia sem se posicionar com a postura popularizada por uma imagem de Chico Xavier, que psicografava com uma mão na testa enquanto escrevia com a outra.

Nesse encontro fizeram muitas preces, como o “Pai nosso”. E muitas foram as orações e mensagens improvisadas de amor, paz e comunhão com Cristo. Fizemos também, orações pedindo por pessoas que estavam com dificuldades ou doentes, a pedido de terceiros. Houve, também, a leitura de mensagens psicografadas para o grupo.

Antes de finalizar, fez-se um momento de silêncio total, foi diminuída a intensidade da luz e Vó Martha psicofonou uma mensagem muito bonita. Na psicofonia o médium sintoniza-se com o espírito e este fala por meio da médium.

Por mais que tenha sido breve meu contato com o Grupo Noel, e que eu tenha participado apenas como ouvinte, sem estabelecer vínculos com os participantes, a observação do encontro no Grupo Noel, somada a experiência com o centro Ana Vieira, possibilitaram ferramentas comparativas para descrever os eventos em Florianópolis.

Os grupos ligados à Federação Espírita do Estado de São Paulo organizam as reuniões onde são recebidas mensagens consoladoras com estruturas similares. Partilham de pilares morais, onde os comportamentos, o silêncio, a calma do ambiente, a seriedade e a formação dos médiuns, e o afincamento e a constância nos estudos da doutrina espírita são os valores característicos.

3.3 OS EVENTOS PSICOGRÁFICOS: CARTAS PARA ENTES QUERIDOS

*É preciso estar perto do telefone
para atendê-lo.*

O telefone toca de lá para cá.

(Divaldo Franco citando Chico Xavier)

Neste tópico serão descritos os eventos que participei em Florianópolis, que diferente dos de São Paulo não são organizados por qualquer centro espírita e não são vinculados a nenhum deles. Serão descritos dois eventos organizados por diferentes grupos onde são realizadas sessões de psicografia: o grupo *Amigos da Psicografia* e o *Cartas de Fátima*.

As sessões que ocorrem nestes eventos são distintas das que ocorrem nos centros espíritas, que optei por não classificar como *eventos* a fim de diferenciá-los. Os eventos e as sessões de centros espíritas possuem uma organização diferente e, apesar de visar o mesmo fim (trazer mensagens de parentes desencarnados), o caminho é construído por elementos que ora se assemelham, ora destoam, produzindo nos “espectadores” diferentes reações e sentimentos.

Durante a pesquisa, pude encontrar dois grupos distintos fazendo eventos de psicografia na grande Florianópolis. E em pouco tempo percebi que não eram exatamente simpatizantes, muito pelo contrário, há muita “rivalidade e competição”. Tanto o grupo *Amigos da psicografia* quanto o *Cartas de Fátima* percorrem diversas cidades do Brasil a fim de realizar sessões de psicografia, convidados por pequenos grupos locais que se organizam para trazê-los a suas cidades. Nos respectivos *web sites* é possível conferir a programação do ano inteiro, suas agendas estão sempre lotadas. Esses eventos são realizados, geralmente, em espaços alugados e não em casas ou centros espíritas.

3.3.1 Evento Amigos da Psicografia

No final do ano de 2015, tomei conhecimento de um evento de psicografia que seria realizado em um centro social, no bairro Rio Tavares, em Florianópolis. Seria o 3º encontro *Amigos da Psicografia*, e tratava-se de um evento onde médiuns psicografariam cartas de espíritos

desencarnados. Duas datas estavam marcadas para esse evento: uma noite de sexta-feira, com uma palestra; e durante todo o dia de sábado seguinte, em que foram recebidas as cartas, culminando com a leitura pública das cartas psicografadas no fim de tarde.

A estrutura e o cronograma dos eventos *Amigos da Psicografia* são os mesmos, e não variam, ou variam pouco em relação às edições seguintes que frequentei. Portanto, na primeira vez que fui já foi possível ter uma boa noção de como são e o que acontece neles. Assim, posso pinçar, das diversas edições que fui, experiências significativas e ordená-las a fim de descrever satisfatoriamente o evento *Amigos da psicografia*.

Foi por um evento no *Facebook* que conheci o evento e voltei-me para esses encontros para entendê-los melhor. Por essa divulgação consegui o telefone dos organizadores que me deram as primeiras orientações a respeito do evento. Desde 2015, portanto, passei a acompanhar esses encontros que ocorrem a cada seis meses, mais ou menos.

O *Amigos da psicografia* é um evento onde é realizada uma sessão pública de psicografia com a recepção de mensagens de entes queridos que encontram-se no plano espiritual, requeridos por quem sofre com a morte do seu ente e busca comunicar-se com ele daqui do mundo dos vivos. Foi fundado por um grupo de pessoas que perderam algum membro da família e se uniram para trazer os médiuns Rogério Leite e Marli Mansini para Florianópolis e fazer o evento. Por vezes, outros médiuns são chamados por Rogério a participar da sessão.

O evento é organizado pelo casal Rosane e Roberto, moradores de Florianópolis, e é independente de qualquer centro espírita. A agenda dos médiuns é bastante concorrida, pois assim como vêm a Florianópolis, viajam o Brasil inteiro a convite desses grupos locais que se organizam independentemente, para psicografar mensagens para os familiares que buscam notícias de seus entes queridos falecidos, e por isso a data dos eventos são definidas com bastante antecedência.

É possível conferir a agenda no *website* Carta Consoladora, e foi por esse meio que me informei sobre os eventos posteriores ao de novembro de 2015.

Assim, quando o evento está agendado é feita uma divulgação, com alguns meses de antecedência, por meio digital – redes sociais como *Facebook* e pelo site Carta Consoladora, dos médiuns Rogério e Marli, e eventualmente é utilizado *outdoor*. Esse mesmo grupo que organiza o *Amigos da psicografia* realiza, também, a Caravana da

Saúde, que vai até Lorena em busca de mensagens psicografadas por esses mesmos médiuns. Em Lorena eles atuam numa *casa espírita* com encontros regulares.

Figura 4 – Outdoor de divulgação do Amigos da psicografia em Florianópolis



Fonte: Imagem publicada no grupo do Facebook, Amigos da Psicografia

Na primeira noite do primeiro evento que fui, cheguei ao Conselho Comunitário Fazenda Rio Tavares às 17h45min de uma sexta-feira. Os eventos *Amigos da psicografia* são realizados sempre neste salão social, que fica localizado no bairro Rio Tavares, no sul da ilha de Florianópolis. É uma edificação térrea e ampla, com um estacionamento na frente. Mesmo o evento estando marcado para as 20h30min havia, àquela altura, muitos carros estacionados em frente ao salão. Lá dentro algumas pessoas já aguardavam o início da palestra e havia muita movimentação de pessoas transitando, conversando e interagindo. Como som ambiente, tocavam muito alto músicas internacionais, que posteriormente identificaria como uma característica única dos eventos de Rogério Leite e Marli Mansini. O barulho intenso, a música ou alguém falando no microfone, pessoas conversando, andando de um lado para outro, comprando e vendendo lanches, livros e camisetas é constante durante todo o evento.

Era um salão grande, onde inúmeras cadeiras de plástico foram colocadas viradas para o palco. No fundo do salão, a cafeteria. A porta de entrada e saída ficava nos fundos na ponta oposta à cafeteria, entre

elas um corredor que dá acesso aos sanitários e a uma sala privada. No lado esquerdo do salão uma bancada com os livros de Rogério Leite e crochês feitos por Marli eram vendidos por voluntários.

Sobre o palco, uma mesa retangular extensa, no tamanho de oito lugares, com toalha branca e muitos porta-retratos das pessoas falecidas, algumas flores e alguns poucos objetos pessoais – como ursinhos acompanhando foto de crianças. Na parede alguns pôsteres com retratos de pessoas jovens. Circulavam pelo salão pessoas vestidas com camisetas, estampadas com a foto do seu ente falecido, acompanhada de frases saudosas, ou mesmo versos religiosos. Nesses casos, era comum que mais de uma pessoa da família estivesse vestindo camiseta igual, como era o caso de um casal de meia idade acompanhado de uma adolescente. Todos vestiam camiseta branca estampada com a foto de uma menina, também adolescente. A maior parte dessas imagens trazia pessoas jovens falecidas, e ao olhar para elas era quase impossível não pensar que, realmente, haviam partido muito cedo.

Em todas as sessões que assisti quem “apresenta” o evento de psicografia foi Rogério Leite, e a palestra inaugural geralmente é dada por ele. Na noite de sexta-feira os médiuns são apresentados, mas não falam nesse primeiro contato com o público. No primeiro evento que fui, em novembro de 2015, estavam presentes Henrique M. Bottaro, médium convidado de São Paulo; Rogério Leite e Marli Mansini, de Lorena, interior de São Paulo.

Os voluntários que trabalham no encontro vestem a camiseta do evento. Nesse primeiro evento que fui percebi muitas pessoas na entrada com a camiseta do evento e ao entrar no vão central, vejo que todas as pessoas que estão ali se conhecem e conversam com familiaridade.

Na palestra de abertura, Rogério apresenta o grupo que está lhe acompanhando no evento daquela vez. Apresenta também, de forma mais genérica, os organizadores de Florianópolis que providenciam toda a estrutura e organizam tudo, desde espaço, a comida que será vendida até as passagens, hotel e traslado dos médiuns. O aspecto filantrópico do evento é apresentado de diversas formas e inúmeras vezes. Essas “introduções” são feitas cada vez que são realizados os eventos, e não poderia ser diferente, levando em conta o público transitório. Isto é, os eventos não contam com um público fiel e estável. Trata-se de um evento aberto ao público e de ampla divulgação, o que colabora para o fluxo intenso e constante de pessoas.

Na noite do primeiro dia o salão fica lotado, com todas as 400 cadeiras ocupadas, fazendo com que alguns tenham de permanecer em

pé no fundo do salão, mas há constante movimentação de pessoas, entrando, saindo e falando. A palestra tem início quando os médiuns se dirigem à frente, cumprimentam a todos e fazem uma prece para abertura.

“Cada um tem a sua crença, somos todos espiritualistas”, assim Rogério inicia a palestra de sexta-feira em minha primeira visita ao evento, em 2015. Com o intuito de acolher a todos os presentes, independentemente da sua religião, o médium discorre sobre os motivos que nos unem àquele evento e aquele propósito.

Na palestra são apresentadas, de forma introdutória, as formas mediúnicas de comunicação com espíritos, situando a psicografia como uma delas – a que é materializada na escrita.

Nas palestras inaugurais, os médiuns também desenvolvem explicações a respeito dos diferentes gêneros de psicografia existentes. Dentre estes gêneros citam a psicografia mecânica: em que o espírito atua diretamente sobre a mão do médium, este não fica consciente dos movimentos e tampouco do conteúdo que está sendo transmitido. Há a psicografia semimecânica, similar à anterior, mas estando o médium consciente da força exercida em suas mãos pelo espírito. E a psicografia intuitiva, quando o espírito conecta-se à alma do médium, causando identificação e assim transmitindo suas ideias, vontade e sentimentos. Esta última, segundo Rogério e seus companheiros médiuns, é a forma mediúnica mais comum de a psicografia manifestar-se. Os outros gêneros são possíveis, mas um pouco mais raros.

Raros ou não, segundo Rogério, “há em todo o Brasil em torno de 10 ou 11 médiuns confiáveis”. Isso ele me disse em uma conversa particular e inúmeras vezes publicamente. Quando chegava a tocar nessa questão, vinha atrelada a ela uma série de denúncias contra médiuns charlatães, casos de pessoas acusando-os de charlatanismo, fofocas, falações e difamações. Entrava no discurso o – fervoroso – ponto de defesa do trabalho feito no *Amigos da psicografia*, e a palestra inaugural em geral evoluía dessa maneira.

Mesmo que o conteúdo das palestras não seja o mesmo em cada encontro – pois realmente não são iguais – é possível dizer que em todos que pude presenciar houve sempre um esforço dos médiuns de tentar simplificar ao público o que seria feito naquele encontro, como e por quê. Então eles falavam sobre a visão de mundo espírita, frisando que ninguém morre: não há morte, o espírito apenas livra-se do corpo material, mas seu espírito continua vivo e com as mesmas características que tinha quando encarnado. Criavam, então, embasamento para

explicar o que é a psicografia, sendo ela possível justamente porque o espírito está vivo, e comunicar-se com ele é uma questão de ter o instrumento para isso.

Mas ter o instrumento de comunicação necessário – no caso: o médium– e conseguir acessá-lo não é suficiente. Os médiuns explicam incansavelmente que não é porque uma determinada pessoa acionou o espírito que ele virá e manterá contato. Há inúmeros pontos que precisam estar alinhados para que uma carta seja psicografada. E esses pontos entram como tópicos desenvolvidos nesses encontros: os espíritos precisam estar aptos e terem a consciência fortalecida para que possam se expressar numa psicografia; o mentor espiritual precisa estar lá para auxiliar os espíritos na comunicação. Assim como o médium é o instrumento no mundo material o mentor é o instrumento no mundo espiritual, é ele quem intermedeia o processo da psicografia no lado dos espíritos.

Portanto, a psicografia, explicada por eles mesmos, apresenta-se como um tema que se abre em um leque infinito de desdobramentos. Tais esclarecimentos sobre a psicografia, e seus gêneros é um apelo dos médiuns ao público para que busque informações e instruções. Conhecer a doutrina acolhe o coração aflito, pois esse passa a entender o funcionamento do mundo pela visão espírita.

Com as explicações dadas na palestra inaugural – assim como nas demais – os médiuns têm a intenção de instruir ao máximo o público para que compreendam melhor as comunicações em caso de recebimento de carta, mas também no caso de não receberem nenhuma. Evitam, assim, reivindicações e reclamações de pessoas que receberam cartas e não conseguiram ali identificar o estilo, o linguajar, e elementos da personalidade do seu parente. Eles contam muitas histórias de pessoas que ao receber a carta, voltam a procurar os médiuns dizendo que o filho não falava assim, ou que a mãe não usava aquelas expressões.

Minhas palavras estão diferentes e minha forma de falar também, porque estou sendo aconselhada a falar assim. (Diário de Campo, transcrição de áudio, 2015)

Os diferentes gêneros de psicografia são explicados sinteticamente, e junto a isso é feito o pedido aos que recebem as cartas, que estejam atentos a essas variações para que compreendam que o espírito do seu parente não irá se manifestar *ipsis litteris*, como se estivesse ele próprio empunhando a caneta. Ele, apesar de estar ali em

espírito, precisa do médium como veículo e muitas vezes o mentor espiritual também é mediador dessa comunicação, portanto variações são possíveis e prováveis.

Na noite de sexta feira nós recebemos uma breve orientação a respeito da triagem que será feita no dia seguinte. Parece ser muito importante para eles que o público compreenda a necessidade de fazer essa entrevista com os parentes, e que Chico Xavier também fazia a mesma triagem. Por isso outro aspecto que se demoram a explicar é sobre a importância de fazê-la, pois “o telefone toca aqui para lá”: segundo eles essa frase é de Chico e resume a necessidade de “acionar” o espírito, ou chamá-lo. A importância de efetivar uma conexão é quase maior que ter o médium a seu alcance, pois mesmo com o médium, sem a afinidade entre eles não existe psicografia.

Passei muito tempo sentada na plateia, e de forma geral, somos ouvintes e tudo se passa nesse formato de “aula expositiva”. E descrever as palestras, principalmente, é uma tarefa difícil. Não basta apenas repetir o que disseram eles nos eventos, mas unir em uma descrição as impressões que tive – de forma dinâmica e interessante – sobre o que foi dito, as reações e efeitos que causaram.

No início da noite, antes mesmo de iniciar o evento, há dentro do salão, em frente à porta de entrada, uma mulher distribuindo pré-senhas para a triagem da manhã de sábado. Pois serão distribuídas 200 senhas para a triagem e ao retirar essa pré-senha não seria preciso chegar tão cedo para disputá-la na quase madrugada seguinte, e também garantiria um lugar dentre os candidatos a receber uma carta psicografada. A instrução é para que as pessoas se organizem em filas pela ordem desse número no dia seguinte em frente à porta de entrada do salão. No primeiro evento que fui, como havia chegado muito cedo, fiquei com a pré-senha número 8 e guardei aquele papelzinho pequeno com o número escrito à mão muito bem guardado na carteira. Me aconselharam a chegar às 6h da manhã de sábado para trocar minha pré-senha por uma “senha de verdade”.

Na manhã seguinte as pessoas chegam muito cedo, demorei a perceber que algumas viram a noite na fila para conseguir um número dentre os 200 que são distribuídos por ordem de chegada. No primeiro evento que fui, cheguei 05h45min da manhã, com aquela pré-senha número 8. Muita gente se aglomerava em uma fila larga da porta de entrada até se perder de vista em uma rua estreita que contorna a quadra do salão. Havia alguns grupos de pessoas espalhadas por entre os carros do estacionamento que estava em sua capacidade máxima. Era possível

perceber que no entorno do salão social, todos os lugares onde era possível estacionar estavam ocupados. Fiquei impressionada com o movimento tão cedo, e a verdade é que dos eventos que acompanhei, nunca pude ver quando essa movimentação começava, não importava quão cedo eu chegasse. Ficava sempre com a sensação de que entre a noite de sexta e a manhã de sábado aquele lugar não dormia.

Sem muita esperança de conseguir uma posição naquela fila densa e povoada, saquei meu número escrito à mão e aproximei-me do início da fila para perguntar sobre a pré-senha. Quase que me atiraram o papel ao chão: estavam todos sem paciência – ao que fiquei sabendo posteriormente – pois essa pré-senha havia causado grande confusão já muito cedo. Esse é sempre um momento de ânimos alterados, briga e confusão, porque, como o número de pessoas que o evento mobiliza é enorme, nem todos recebem cartas e retirar uma senha garante uma possibilidade de carta. Então, o que vale é a ordem de chegada das pessoas, o que faz mais sentido, levando em conta que dormiram e madrugaram na fila da senha.

Nessas horas é possível perceber a determinação daquelas pessoas em busca de uma carta do seu ente querido falecido. Comecei, então, a perceber que aquilo tudo ia longe e que seria preciso muita resistência física para encarar um evento desses, pois é exaustivo do início ao fim. Principalmente pela carga emocional.

Foi apenas na terceira vez que fui ao evento *Amigos da psicografia* que consegui, finalmente, entrar para o grupo das 200 senhas e participar da triagem dos médiuns – e não por conta do horário que cheguei, pois mesmo chegando perto das 05h15min não seria possível fazer parte daquele reduzido número de pessoas que puderam se cadastrar para solicitar uma carta. Uma menina que conheci na palestra no dia anterior me deixou entrar em sua frente na fila. E ela, sua mãe e irmão estavam lá desde as 04h30min, e apesar do horário não éramos os primeiros, peguei o número 135. O irmão dessa menina havia falecido há dois anos, ela não quis entrar em detalhes sobre a morte do irmão, apenas disse que havia sido uma tragédia – eu, vendo que era um assunto delicado também não perguntei. No dia anterior ela havia me contado que depois da morte do filho, a mãe tinha perdido um pouco a lucidez, e encontrando-a naquele dia, vi quanto aquela mulher contava com uma mensagem do seu filho. Não era uma questão de acreditar ou não que a psicografia fosse possível, a impressão que tive é que isso pouco importava. O sentimento daquela mulher me fez lembrar as

pessoas que enlouquecem por conta da fome e põe para dentro qualquer possibilidade de saciar a cratera dentro de si.

À frente de nós muito mais de 135 pessoas aguardavam em uma fila aglomerada, cheguei a pensar que não seria possível participar da triagem, mais uma vez. Mas na fila, as pessoas que estavam a nossa volta explicaram-me como funcionava: se um grupo de pessoas busca notícias do mesmo ente falecido, a eles é dada uma única senha. Portanto, não era permitido que mais de uma pessoa “acionasse” o mesmo espírito, não havia necessidade. Dessa forma, pequenos grupos de familiares, como era o caso da menina que me ajudou a entrar na fila, aguardavam juntos, e algumas pessoas iam sozinhas também.

As 8h eu já havia pegado uma senha e a ficha que deve ser preenchida e entregue aos médiuns. Trata-se de um papel retangular com os dados do nosso parente falecido, aquele que queremos que nos escreva – os dados são: nome, data de nascimento e de desencarne e causa da morte. Colocamos também o nosso nome e o grau de parentesco com o ente querido. O verso – em branco – pode ser preenchido com nome de outra pessoa, ou seja, pode pedir carta para dois parentes falecidos.

Entregavam-nos a ficha e um número, e tínhamos que sentar para esperar que fosse chamado pelo microfone para entregar a ficha ao médium (a triagem). Aguardávamos sentados no interior do salão enquanto as senhas estavam sendo distribuídas, e apenas quem as retirava podia entrar, após a distribuição a porta era liberada. O próximo passo era aguardar o início da triagem, uma espécie de entrevista em que o médium fala conosco a respeito do parente e recolhe a ficha.

As cadeiras foram organizadas de forma que um grande corredor divida em dois a plateia. Perto de 09h30min, os quatro médiuns saíram da sala, onde se recolhiam ao fundo do salão, atravessavam esse corredor e postavam-se à frente. A música durante todo o evento era muito alta, foi diminuindo para que o André pudesse fazer um momento de reflexão e concentração antes de iniciar a triagem. Durante a “oração” sua voz ressoou tranquila e serena, pedindo um momento para acalmarmos o coração. Não houve nenhuma prece católica, tampouco outra que pudéssemos acompanhar, mas sim uma mensagem improvisada de paz, devoção e caridade.

Depois da sua fala, a médium Marli tomou a palavra. Assim como o outro médium, não fez nenhuma oração conhecida como o *Pai nosso* ou *Ave Maria*, mas passou uma mensagem sobre a função do médium na psicografia, explicando que são instrumentos/veículos para

permitir a comunicação com o outro lado. Lembrou a todos da necessidade de estudar a doutrina para se compreender o espiritismo e sermos menos rígidos e intolerantes com as mensagens recebidas. Falou sobre os livros dela e do Rogério que eram vendidos no local. Segundo ela, são livros que trazem a doutrina espírita em uma linguagem bem simples, tornando mais fácil o acesso ao material. Ela aproveitou o momento para lembrar que não são remunerados pelo trabalho que fazem nesses eventos. Ela e o Rogério montam em um canto do salão um estande com livros espíritas. A maior parte é de autoria dele, e apenas alguns são escritos por Marli. A renda proporcionada pela venda desses livros vai integralmente para os autores.

Perto das 10h formaram-se quatro filas, de dez em dez pessoas, em frente de cada médium. Um homem ia chamando pelo microfone ao passo que a fila esvaziava, e lá iam mais 10. E assim, as 200 senhas foram atendidas. Os médiuns se posicionaram em frente ao palco e iam chamando, um por um. Entregávamos o papel e poucas palavras eram trocadas com o médium. Eu não sabia muito bem o que devia dizer e fiquei em silêncio, ele também não me perguntou nada. O médium André foi quem me recebeu, apertou a minha mão, pegou a ficha que eu havia preenchido e disse: “vamos orar. Está nas mãos de Deus”. Fui me sentar e as pessoas que iam também se sentando apresentavam enorme comoção, algumas choravam muito, aflitas e algumas em aparente desespero. Muitas se sentavam com o rosto inchado pelo choro e eram consoladas por amigos, familiares e às vezes por pessoas da organização. Decepcionei-me um pouco com essa “entrevista”, esperava que me perguntassem algo, confesso que senti que minhas chances de receber uma carta caíram à zero pela minha falta de emoção ao não dizer nada sobre meus falecidos. Senti que aquelas mulheres em prantos nunca seriam privadas de uma carta por ninguém menos comovido.

Feita a triagem, os médiuns se recolhem na sala aos fundos, para realizarem a sessão de psicografia e retornam para o salão próximo das 18 horas. É nesse tempo entre a entrevista dos médiuns e o retorno deles ao salão para psicografar que diversas atividades são realizadas para entreter o público até a hora da leitura pública das cartas. Algumas poucas pessoas vão embora, mas o salão continua cheio durante todo o dia.

Essa programação conta sempre com uma apresentação musical, uma palestra de um membro convidado, a venda e o sorteio de rifas e prêmios. E durante essa espera o clima é de muita agitação, e barulho, como se fosse uma grande comemoração. Quando não há

alguém falando no microfone, toca uma música muito alta, internacional à *love song's* – como o tema do filme *Titanic*, cantado por Celine Dion ou Memory, do musical *Cats* interpretado por orquestra.

A música está presente também no momento em que os médiuns estão na mesa em frente ao público psicografando, a pedido de Rogério. Ele chegou a comentar que haviam reclamado das músicas em alguma ocasião, ao que respondeu “vai ter música internacional alta, sim!”. Ao acessar a página virtual dos médiuns a música também está lá. É uma característica singular, e não deixa de me intrigar. Isso porque a expectativa alimentada por mim antes de ir a um desses eventos era de que se pareceria mais às reuniões de centro espírita, onde o silêncio é uma ferramenta fundamental para acessar a alma – segundo os espíritas e outras vertentes religiosas e filosóficas espiritualistas. E silêncio era a única coisa que não se fazia naqueles encontros.

Há uma espécie de apresentador do evento, como os de programas televisivos de plateia. Um homem claro de uns 40 anos, com forte sotaque argentino assume o microfone enquanto os médiuns não estão conosco, e fala quase o tempo inteiro. Com o som do microfone sempre muito alto, o homem realiza a venda de rifas, o sorteio dos brindes e todo tipo de informação é feita por ele, como por exemplo, pessoas que perderam objetos, venda da camiseta do evento, ou a venda dos livros que estão disponíveis no estande. Não poderia deixar de mencionar as piadas feitas por ele para descontrair o ambiente, muitas eram sobre disputas dos times de futebol Figueirense e Avaí, times adversários de Florianópolis. O ambiente é tumultuado e barulhento.

As atrações musicais são sempre realizadas por grupos pequenos, e duram cerca de uma hora. Em uma ocasião em que aguardávamos o início da apresentação musical, algum imprevisto ocorreu e fez com que atrasasse. Então uma mulher que estava entre os músicos disse “Vamos demorar um pouco porque o teclado caiu duas vezes e não está funcionando. Acho que são os espíritos.” Isso fez todos rirem, e logo o homem que “anima” o evento começou a leiloar uma camiseta do evento aos berros. E assim, seguiu-se com o cronograma de entretenimento do público.

No meio da tarde há uma palestra de alguém convidado. Em todos os eventos que fui, entre 2015 e final de 2016, a pessoa convidada era alguém vinculado a algum centro espírita de Florianópolis. Eram pessoas que trabalhavam como voluntário no centro e por vezes realizavam a palestra das reuniões onde trabalham.

Em um dos eventos, Dr. José Bel era o convidado a realizar a palestra de sábado de tarde. Ele é médico ginecologista e mastectologista, e voluntário no centro espírita Nosso Lar, em que faz parte do grupo responsável por realizar as cirurgias espirituais em que atua como médium operador.

O tema de sua palestra foi *A alma após a morte*. Sua fala teve início com a oração do *Pai nosso*. Eu me peguei diversas vezes reprovando a maneira como aquilo tudo estava sendo feito, mesmo tentando manter a imparcialidade. Percebi duas coisas com a presença desse homem: primeiro que me trazia um pouco de conforto em relação ao resto do evento, e segundo que ele representava a forma canônica espírita de atuação – afirmando a forte influência católica e espírita.

A sua fala abordava questões como a sobrevivência do espírito e detalhes sobre o que acontece com o espírito após o desencarne. “Quando o espírito desencarna, não perde nada: carrega sua individualidade. Quando desencarna e leva coisas boas [tem a oportunidade de se desenvolver e evoluir]⁷... mas quando leva coisas ruins se transforma às vezes em formas animais.”

Contou sobre vivências e experiências pessoais que envolviam histórias sobre outra encarnação, em que era um caboclo que morreu degolado dentro de um rio na guerra do contestado, e na sua atual vida foi atraído para esse rio, de forma totalmente aleatória, onde pode ter a visão e ser tomado pela consciência dessa antiga pessoa que foi. De forma geral, apresentou ao público provas de individualidade do espírito após o desencarne, e explorou, com seus exemplos pessoais, a questão da intuição que sentimos, por vezes, apontando que essa é a forma com que os espíritos comunicam-se conosco.

A psicografia é a última coisa que acontece juntamente com a leitura pública das cartas. Durante as palestras, as apresentações musicais e a venda de rifa e seu sorteio, os médiuns se recolhem para prepararem-se para psicografar, segundo Rogério não comem nada durante o dia, apenas um leve lanche pela manhã. Ficam em uma sala reservada e se dirigem ao palco já no fim da tarde – perto das 17 horas.

Quando retornam ao salão têm entrada triunfal com música emocionante, todos os celulares apontam para eles, que caminham até a mesa à frente passando pelo corredor central entre as cadeiras. Sentam-se, então na mesa retangular lado a lado, de frente para o público, para continuar a psicografia. Isso porque uma parte das cartas é escrita na

⁷ Entre chaves uma adaptação da fala do palestrante.

sala privada, e outra parte é psicografada em frente ao público. Nessa espécie de altar, entre as fotografias das pessoas falecidas, os médiuns se punham a escrever na clássica posição de psicógrafo: uma mão na testa e a outra empunhando a caneta escrevendo na folha em branco, fazendo conexão com o além. Permanecem assim por um longo tempo, psicografando em frente ao público por pelo menos uma hora e meia.

Figura 5 – Médiuns psicografando no evento Amigos da psicografia, em maio de 2016



Fonte: Arquivo pessoal

Quando os médiuns entram no salão há um silêncio geral, todos param e se voltam para eles, observando curiosamente todos os movimentos. Muitos tiram fotos com os celulares, e quando os médiuns sentam-se e começam a psicografar, muitas pessoas vão até eles para fotografá-los. Passados alguns minutos, o público vai se acostumando à cena e, lentamente, volta a conversar e interagir novamente, de forma mais silenciosa. Acredito que o burburinho das conversas não chega a atrapalhar os médiuns enquanto eles psicografam por conta da música muito alta.

Como muitas pessoas estão ali desde o dia anterior, estão todos exaustos, fisionomia das pessoas e o humor transparecem o cansaço. É

um pouco difícil de falar com qualquer pessoa e travar uma conversa com desconhecidos naquela. Mas como o tempo que os médiuns levam psicografando na frente das pessoas é bastante longo, acabo conseguindo falar com algumas poucas pessoas. Como foi o caso de uma mulher que mora no bairro Saco dos Limões e perdeu o pai por conta de uma trombose. Ela recebeu uma carta há um ano em São Paulo, psicografada por Rogério, e vinha em busca de mais notícias. Contou-me toda história de como seu pai morreu e quis ouvir como a minha avó havia morrido também, o que não é muito comum. Ela é católica e frequenta um centro espírita no bairro Balneário do Estreito, na região continental de Florianópolis. Seu irmão ouviu sobre o evento de psicografia por lá e eles foram tentar mais notícias do pai.

Parte das cartas é escrita em frente ao público e outra parte em particular, quando os médiuns estão na sala sozinhos. Isso eles próprios nos contam, e não há como diferenciar as que foram psicografadas em particular das que foram escritas em frente ao público. Cada médium psicografa em torno de seis cartas, mas em todos os eventos do *Amigos da psicografia* que fui esse número foi extrapolado, em um deles Rogério chegou a psicografar 14 cartas, o que é uma quantidade bastante elevada, levando em conta a média. A quantidade de cartas é imprevisível, e segundo Rogério, depende da sintonia que se estabelece entre público-médium-plano espiritual:

Foram tantas![referindo-se a quantidade de cartas]
...foram curtas, porque tivemos bastante sintonia. Bastante mesmo, não é papo de médium, não, bastante sintonia. Só que o tempo é muito curto pra nós conseguirmos trazer todas. Então os mentores, eles sabem muito mais que nós, eles selecionaram os casos – não que os outros não sejam importantes, não é isso – mas eles selecionaram os casos que eram pra trazer pela psicografia, e os outros, nós trouxemos bastante recados. Bastante recado mesmo, fiquei feliz hoje: não vão embora. Se vocês forem embora, vocês vão desencarnar tudo curioso [risos]. [...] benfeitora da Amélia, ela sempre traz uma mensagem que é pro coletivo, então gostaria que todos prestassem atenção, porque vale para todos.[...] (Rogério Leite, transcrição, diário de campo)

Além das cartas, há os recados. Os recados são como as cartas psicografadas, porém menos extensas. A respeito de todas as mensagens e cartas, o público sempre é interlocutor, mas nem sempre o destinatário direto. Isso quer dizer, que o conteúdo das psicografias deve ser escutado por todos os que buscam consolo naquele local, não são aleatórias, e por isso são lidas publicamente.

Somos constantemente avisados pelos organizadores do evento e pelos médiuns que as mensagens das cartas servem para todos os presentes e mesmo quem não receber uma carta pode se beneficiar com as mensagens recebidas.

São psicografadas, além das cartas e recados, mensagens sem um destinatário específico e trazem, nesse caso, mensagens de esperança, paz e conforto para todos. Há também os recados que não são lidos publicamente e após a leitura pública de todas as cartas e recados, esses são entregues para os destinatários que são chamados pelo microfone pelo nome. Não tive acesso a nenhuma dessas mensagens privadas, mas pelo que algumas pessoas a minha volta contaram-me são recados breves muito parecidos às formas das cartas.

Os médiuns não param de psicografar todos juntos, cada um ao seu tempo. No evento de 2015, que contava com a participação do médium Henrique B., ele foi o primeiro a terminar de escrever. Levantou da mesa e foi até a rua para fumar um cigarro, enquanto os outros continuaram a psicografar.

Quando todos terminam de psicografar, descem do palco e ficam frente ao público, a música é desligada e um médium de cada vez posiciona-se à frente para ler publicamente as cartas. Algumas vezes, enquanto um faz a leitura das suas psicografias, outro volta para a mesa e continua a psicografar, sentado com a mão na testa.

A equipe de voluntários fica sempre por perto nessa hora. A maior parte são mulheres que vestem a camiseta do evento. Uma voluntária fica ao lado do médium, e conforme ele vai lendo vai lhe entregando as folhas. As cartas geralmente possuem muitas folhas, por conta da letra grande com uma a caligrafia rápida e corrida, por isso é conveniente a ajuda para folheá-las. Outra pessoa se encarrega de deixar diversos copos plásticos com água à frente para serem oferecidos aos parentes emocionados que recebem cartas.

Com microfone em punho, o médium vai lentamente lendo a mensagem, com entonação enfática e dramática, até o ponto em que algum elemento pronunciado causa identificação em algum dos que estão presentes. O elemento que desencadeia a identificação pode ser o

nome da pessoa desencarnada, ou o do parente vivo, e geralmente o grau de parentesco é mencionado, no recorte destas três cartas é possível compreender a maneira que costumam iniciar:

Sou eu, tua guria, a Mariana. Primeiro, Gabriel, deixa eu te explicar como os casos aqui são sérios, que a gurizada está vindo pela primeira vez.[...]

Rita...Rita de Cássia. Agradecemos a Deus, minha filha, pela chance de nos reencontrarmos, pela escrita de amor.[...]

Meus pais amados, sou eu. A Roberta de vocês.⁸

Há sempre algum elemento que torna possível a identificação pelo parente que requereu a comunicação, para que assim ele – ou quando é mais de uma pessoa, possam ir à frente e sentarem-se em cadeiras posicionadas frente ao médium e de costas para o público para receber a mensagem. Portanto, não é anunciado de quem e para quem é a carta de forma explícita, isso vai acontecendo enquanto a carta é lida, o que causa um efeito de reconhecimento muito dramático.

Dessa forma, o médium começa a ler lentamente até que alguém se levante. A pessoa caminha até a frente do médium, muitas vezes em prantos, tomada pela emoção e nervosismo. Tremendo muito, senta-se nas cadeiras que foram colocadas bem em frente ao médium – entre ele e a plateia. As voluntárias ficam a postos para amparar a pessoa que escuta sua carta, principalmente se ela estiver só. Quando a pessoa senta-se, uma voluntária prontamente se posiciona ao lado dela, colocando-lhe as mãos nas costas. Enquanto o médium lê, observo atentamente o comportamento do parente que está a receber notícias do seu ente querido, e a cada informação reveladora identifico uma reação de surpresa: gritos, interjeições que demonstrem espanto ou gestos que mostram que aquela informação é preciosa e que alguém desconhecido mencioná-la significa algo. Houve uma mãe que recebeu uma carta de seu filho, que havia falecido muito jovem, e que a cada detalhe particular que o médium ia apresentando em sua carta, a mãe ia gritando “Ai, meu filho!”. Uma dor profunda é remexida no momento da leitura pública, e mesmo sabendo o que ia acontecer ali, não foi possível prever a força e o impacto que aquele evento causa em nós, que estamos assistindo.

⁸ Trechos retirados do diário de campo, transcrição das cartas, 2015.

Ao meio da leitura da carta, outra voluntária traz um copo de água, pois nesse ponto é comum que a pessoa esteja imersa em soluços, lágrimas e tomada pela emoção. E realmente é um momento de muita emoção, não raro me peguei segurando as lágrimas, muitas vezes sem conseguir.

A seguir apresento uma carta psicografada por Rogério Leite e que teve um impacto forte na plateia, e a mãe que a recebeu passou mal:

“Minha mãe, Shirley Aparecida. Na verdade não me encontro em condições desejáveis para um contato dessa natureza, mas não poderia me eximir de ao menos trazer um pouco de minha senhora. Ainda estou buscando por autoafirmação deste outro lado da vida. Juro que não tem sido fácil, às vezes sinto-me confuso e aturdido com tudo, revejo nos quadros de minha memória nossa convivência familiar, revejo meus esforços, minhas escolhas, acho que no fundo somos vítimas de nossas próprias escolhas. Felizmente não há morte. Creio que deus deve ter dividido a vida em dois ciclos de realidades diferentes, visando nossa revisão de conceitos diante de nossos insucessos aí. Peço a senhora que não sofra tanto por mim. Há versões diferentes para o ocorrido. Mas a verdade é uma só. Os benfeitores amigos não me permitiriam tomar desta caneta para me justificar à senhora falseando os fatos. Ai está nosso Marcos como testemunha do que lhes relatarei a seguir. Você se recorda Marcos, daquela treta toda, envolvendo eu, o Patrik, a Estela, você e mais alguém que não citarei aqui o nome, você sabe da verdade, Marcos. Escolhas erradas, consequências deploráveis. Esta é a realidade, foi como tinha de ser, e é para quem escolhe o lado esquerdo da vida torta. O padre Justiniano pede que lhes digam que quando o homem sentir atração pelas coisas simples, pela dignidade, e pelo amor ao semelhante, fatos como esse não mais ocorrerão na face da terra. Aqui me recordo da armação toda, quando a polícia, segundo penso, já tinha sérias informações com relação ao Patrik e à gurizada. O esquema estava armado, fomos surpreendidos, recebemos, eu e o Caio, vários carros roubados do Saco Grande, (gritos a cada fato mencionado, a mãe chora) com o Fiat ... já que o cerco estava fechando, o resultado fora aquele. Surpreendidos em meio cerco o Patrik gritou que não cumpriria pena novamente. Assim, abrimos tiros com a polícia, sem nos darmos conta de que nessa ocasião eles estavam muito melhor preparados do que nós. Quantos tiros foram desferidos contra o nosso veículo não saberei dizer, talvez centenas. O resultado é que eu e o Patrik e o Caio, deixamos a vida ali, encerrando o curto e triste livro de nossa história.

Os policiais erraram? Pensem com honestidade em seus corações. Para as mães os filhos serão sempre os seus filhos, mas o que conta é o que este filho de fato representa para a sociedade. Perdoa minha sinceridade, mãe. Aqui careço de suas preces como joias preciosas que possa iluminar o meu coração e minha mente para que eu me ajuste, para que eu alcance a paz que eu preciso. Quanto ao Patrik e ao Caio, cada um vive o seu drama, orem por nós. É o que lhe peço. Não me lamente mãe. Por que se eu aí estivesse, acredite, na forma como eu estava envolvido, lhe daria o maior desgosto e sofrimento do que causei com a minha morte. Peço cuide com carinho e atenção dos nosso Peterson, Miguel, do Márcio, do nosso Maxiwel, da minha avó, que até hoje derrama lágrimas dolorosas por mim. Fui o exemplo do que não deveria ter sido, peço mais uma vez, me perdoa, mãe. Receba o meu abraço, Marcus. O padre Justiniano pede que lhe diga que a religião, seja qual for, é a cartilha do bem viver, e o bem viver leva à Deus leva a luz. Abraço Marcus. Agora devo encerrar. Não se impressione com nada mãe, a vida pra mim recomeça agora. Peço que não me esqueça. Abraça nosso guri, e receba nessa tarde os beijos do filho sempre seu, Taylor. Luis T. Taylor Ribeiro da Silva.” (Carta Psicografada por Rogério Leite)⁹.

Cada carta é diferente, pois é pessoal, mas há algumas mais intensas que outras, umas com mais detalhes, mais nomes outras mais genéricas. A seguir apresento outra carta, menos polêmica, contendo um teor similar às demais cartas lidas:

“Mãezinha Denise, paizinho Ricardo. Nossos corações aguardaram com paciência e muita saudade esse momento. Falei baixinho no ouvido dessa tia que precisava mandar pra vocês mais um beijinho, porque na reunião que aconteceu na outra cidade permaneci do lado de vocês e do maninho Artur, ouvindo as preces que faziam em pensamento, ao aguardarem com esperança notícias da Isa de vocês. Fiquei muito feliz com a chance dos amigos que ajudaram a cuidar de mim com carinho, e preocupada por não saber como ficariam por voltar para a nossa casinha sem uma cartinha minha, desejando bem forte poder me aproximar da tia na tarde de hoje, estou feliz agora. A freira boazinha falou que vai ser só uma cartinha breve, para juntos renovarmos as forças. Sinto as linhas bem melhor agora, estou sabendo que vocês serão os padrinhos dessa reunião de paz lá em nossa canoas, e não vejo a hora de pode estar lá trabalhando igual gente grande,

⁹ Às transcrições das cartas que serão apresentadas por inteiro não será incluída a formatação de citação a fim de facilitar a leitura.

ajudando a consolar outros paizinhos e mãezinhas. Quem sabe, lá posso ficar pertinho do tio amado e também do vovô. Acho que vai ser muito bom, e acho até que o maninho Artur vai fazer parte dessa grande festa. Os tios que nos assistem, disseram que serão nossas lágrimas transformando dor em amor, e fico muito feliz. As recordações de vocês chegam até a pequena Isa como água cristalina que cura qualquer ferida. Vocês me ajudam e eu vou crescendo, ganhando liberdade e maturidade para cuidar de mim sozinha. Estou num educandário junto com outras meninas, estudando para aprender o que preciso para crescer feliz e trabalhar aqui. O tempo não para para nós. Estamos em lugares diferentes mas sendo tudo uns para os outros. O Artur junto de ti, mãe, ajuda na corrida com o tempo. Ele também tem ajuda a ser forte, meu pai, porque somos uma família. E família é assim: um segurando o outro para ninguém cair. A freira que me ajuda a ditar as linhas, a nossa amiga, ela sente a minha inquietação de menina, respeitando o fato de eu não poder ficar muito tempo no ditado. Peço que me deem a benção nessa tarde, pois vou precisar deixar que os coleguinhos falem um pouco também. Sintam os meus beijinhos de saudade, guardo toda a atenção e dedicação de mimos para com essa sapeca que não parava nem um minuto por ai. Beijos da Isa. Isabele Vitória dos Santos Capelare.”

Existem algumas informações que não são explicadas ao público explicitamente. A menção aos mentores espirituais ou benfeitores de cada médium é feita de forma dada e natural, portanto não é dito o que é um benfeitor ou mentor espirituais, tampouco menciona-se a função que desempenham. O benfeitor espiritual de Rogério é um padre, de nome Justiniano, e a de Marli, é uma freira chamada Elizabeth da Trindade. Os médiuns falam deles com intimidade e assim passamos a nos familiarizar com essas entidades.

Fala-se nos mentores com frequência, e aparecem também mencionados nas cartas, como espíritos que estão do lado de lá auxiliando outros espíritos na comunicação, da mesma forma como o médium nos auxilia aqui. E em casos de cartas psicografadas por espíritos recém-desencarnados ou mesmo crianças, eles aparecem quase sempre como alguém que está ali aconselhando e ajudando o espírito desnordeado ou incapaz.

Querida companheira [Gabriele], é teu Lúcio, recebendo aceitação amorosas da amiga espiritual, conhecida aqui por Irmã Elisabete¹⁰. Confesso, ao seu afeto e carinho, que com muita

¹⁰ Mentora espiritual de Marli Mansini, a freira Irmã Elisabete.

dificuldade tento segurar os pensamentos junto aos da amiga que nos empresta as mãos¹¹. [...]prometi a freira que se viesse me esforçaria para enviar ao seu coração as notícias que pudessem te deixar mais tranquilo. (Carta psicografada, transcrição de áudio, 2015)

Este é outro recorte que serve como exemplo:

O mentor pede para dizer, que Jesus se preocupa muito com os guri e gurias que se precipitam às voltas pelas portas do suicídio. (Diário de campo, transcrição de áudio, 2015)

E outro exemplo de fragmento de carta:

Estou sendo amparada pelo mentor Tamires, que me auxilia na escrita, e conversando com ele, ele disse: Benjamin, acho que está na hora de falares com o teu irmão. E tu não imaginas o pulo que dei na cama de felicidade, que quase morri novamente. Ele do meu lado me pede para conter a emoção, para que essa mão amiga registre meus pensamentos e vontades, e não posso me emocionar. Não pegará bem para um homem deste tamanho ficar chorando na frente de um monte de guri e gurias. [...] E me perdoe a pobreza de palavras, ainda tenho que me adaptar a escrita, e o mentor me ajuda, mas ele disse que eu voltarei. (Diário de campo, transcrição de áudio, 2015)

Apenas durante a leitura das cartas é que pude perceber mais concretamente qual a função que desempenham e como atuam no momento da comunicação psicográfica os benfeitores dos médiuns. O momento da leitura das cartas é o ponto alto do evento, e todos ficam emocionados com o que ocorre no salão.

¹¹ Referência à médium.

3.3.2 Cartas de Fátima

Em dezembro de 2016, tive a oportunidade de ir a um evento do médium Fernando Ben. Eu tinha ouvido falar muito sobre ele no evento *Amigos da psicografia* por meio de algumas pessoas que conversei, e muitas delas apresentavam grande admiração pelo médium. Houve até mesmo uma senhora que compartilhou comigo a experiência de quando recebeu uma carta psicografada por Ben. Essa mesma senhora me apontou diversas colegas que, junto a ela frequentava tanto o *Amigos da psicografia*, como o *Cartas de Fátima*, na esperança de obter mais notícias do seu ente querido. O médium Rogério Leite também falou muito sobre Fernando Ben em suas palestras, e utilizava-o como exemplo de charlatanismo.

Cartas de Fátima é o nome do evento de psicografia de cartas a entes queridos. É um evento divulgado e aberto ao público, realizado pelo médium Fernando Ben. Fátima é sua mentora espiritual e é quem intermedeia as comunicações do médium e lhe orienta.

Ben mantém residência no Rio de Janeiro onde criou sua sede, que recebe o nome de Casa de Fátima. Mas viaja todo o Brasil realizando eventos de psicografia. A Casa de Fátima oferece palestras, passes, tratamento de saúde espiritual, estudo sistematizado do *Livro dos espíritos* (1857), de Allan Kardec, tudo isso criado principalmente para realizar as sessões de psicografia, para amparar os parentes enlutados.

Dos eventos promovidos por Fernando Bem, o que pude presenciar foi realizado na Pinheira, Santa Catarina, e aconteceria no Salão dos idosos da Pinheira, às 9h. Fui acompanhada de minha mãe, e às 8h estávamos à porta junto a umas dez pessoas, e esta se encontrava fechada. Logo, alguém veio nos avisar que, no dia anterior, um homem conhecido na comunidade subiu no telhado para consertá-lo e caiu, falecendo na hora. Todos estavam muito abalados com o ocorrido e por conta disso o evento havia sido transferido para outro lugar. Não conseguimos conter alguns comentários sobre essa triste coincidência. Em pouco tempo alguém foi informado que o evento havia sido transferido para uma pousada que havíamos passado para chegar até ali e percebendo que estava muito movimentada, com muitos carros estacionados no acostamento.

Assim, nos dirigimos até o local, na entrada havia muita gente e grande movimentação de carros e ônibus, com pessoas chegando com cadeiras de praia e guarda-sol. O ambiente era muito bonito e arborizado, com um gramado grande. A estrutura era uma casa térrea de

tijolo a vista muito simples e decorada em estilo rústico. Havia uma sala grande de recepção, dois banheiros e no lado de fora, uma varanda com a cantina da pousada. Do outro lado da cantina estava montada uma estrutura com uma mesa, caixas de som e uma cadeira para o médium. Havia muita gente, em todos os cantos. Transitávamos com dificuldade e o onde o público se acomodou, em forma de plateia fazia muito sol, e no calor de dezembro era difícil de permanecer ali.

Figura 6 – Público no evento Cartas de Fátima ouvindo o médium falar



Fonte: Arquivo pessoal

O médium se apresentou falando que a psicografia “não tem a ver com religião”, pois segundo ele, esse é um trabalho para todos que buscam consolo “O trabalho das cartas de Fátima é um trabalho de caridade, não está ligado a uma religião específica.”. Fez uma introdução a respeito do que esperar daquele encontro de forma muito animada e humorada. Preferiu abrir espaço para perguntas e assim ir desenvolvendo o tema da psicografia e tirando dúvidas a respeito dessa comunicação, em vez de fazer uma palestra expositiva. Era um pouco difícil escutar o que o médium falava, porque o microfone falhava muito e estava um pouco baixo, e estávamos entre muita gente e a conversa era constante, o barulho deixava a situação bastante desconfortável.

Fernando Ben falou sobre o tempo que permanecemos aqui neste plano, para ajudar a confortar aquelas pessoas que ficam inconformadas com a morte de crianças e pessoas jovens. Quanto a isso, declarou que na terra vivemos o tanto que é necessário para nossa

evolução e que “seres iluminados duram pouco”, referindo-se ao que desencarnam ainda crianças. Lembrou que nossa permanência na terra é para nos aprimorarmos e evoluirmos, por isso, os que já são espíritos evoluídos passam por aqui e assim que cumprem seu papel desencarnam, por vezes, ainda jovens, e que essa morte não deve ser lamentada, porque a vida continua do lado de lá. Sua fala é embasada e fundamentada nos livros de Kardec, e quando não é ele próprio a citar, podemos perceber sua inspiração. Durante sua fala, muito frequentemente pedia para que estudássemos, pois buscar instrução da doutrina é essencial. A falta dessa prática de estudo, acarretaria em um desconhecimento e ignorância quanto ao que acontece espiritualmente, e para isso se faz imprescindível ler os livros de Allan Kardec. No site do *Cartas de Fátima*, está na seção “sobre as cartas” a seguinte mensagem a respeito da visão da casa de Fátima: “Acreditamos que as cartas psicografadas restauram vidas, renovando a dos que creem que a vida continua após a morte do corpo físico. Mas, para entender este fenômeno é necessário ler Allan Kardec.”

Em certa altura do evento, entre inúmeras informações Ben falou: “Como eu consigo viajar o Brasil inteiro sem ganhar e levar a psicografia para lugares aonde nunca chegaria?”. Ao mencionar incisivamente a questão do trabalho voluntário, resgatou a si mesmo como exemplo para ilustrar o aspecto central do espiritismo: a caridade. Lembrou a todos que não recebe nada pelo trabalho que realiza, pois “as coisas de Deus não devem ser pagas”.

Fernando Ben em um momento de sua fala, a respeito da índole dos espíritos, trouxe um exemplo de uma situação que ocorreu com ele em outro evento, quando uma mulher, ao ouvir que o médium precisava de um minuto para ir ao banheiro falou alto “Nossa, ele faz xixi!”, muito impressionada. Então passou um longo tempo convencendo as pessoas de que ele era uma pessoa como todos nós, nem boa e nem má, e que fazia aquele trabalho de bom grado como um trabalho totalmente filantrópico, doando-se. Citou, ainda, outro exemplo para reforçar essa posição humilde que queria marcar: “Eu, por exemplo, alguns dizem: ‘Fernando, você é um santo!’. Mas vocês não sabem, não me conhecem”.

A palestra, que foi dada em formato de perguntas e respostas, trouxe inúmeras questões que, de forma geral, introduziram a nós preceitos da doutrina espírita que falam sobre a natureza dos espíritos, que continuam vivos após o desencarne, e podem ser benfeitores ou espíritos obsessores e maliciosos. Outro aspecto que apresentou foi que

os espíritos têm vontades, assim como nós temos aqui, e para ilustrar isso, contou com muito humor a história de uma velhinha que começou a receber o espírito do seu marido, já desencarnado, que passou a visitá-la e durante toda a noite seguiam fazendo sexo, alegrando e mudando completamente o humor daquela senhora. Essa história contada com muito humor, fez o público rir muito, descontraindo o ambiente e causando muita falação. Finalizou sua fala alertando que o propósito daquele encontro não era receber carta, mas participar desse trabalho de consolação.

Antes de psicografar o médium não faz entrevista com os parentes e não preenche fichas ou faz qualquer tipo de triagem. E para explicar seu método trouxe o exemplo de Chico Xavier, dizendo que este grande sábio, também não realizava nenhuma entrevista¹². O que fazia era consolar os parentes antes de sentar-se para psicografar, e caso pedissem orações anotava os nomes para orar por eles, mas não anotava nenhum dado. E citou a famosa metáfora proferida por Chico: “o telefone toca de lá para cá”, para dizer que não há como acionar o espírito, este se manifestará se assim for de sua vontade.

Por isso, nos eventos de Fernando Ben, não é levantada a questão sobre o período após o desencarne que é necessário esperar para requerer uma carta, ou se a pessoa era muito idosa ao desencarnar, nada disso importa. No seu *site* a resposta para essa dúvida é “o tempo é uma necessidade nossa, não do espírito”¹³.

Dessa forma, o espírito é que transmite a mensagem, trazendo a referência necessária para que se consiga identificar o destinatário daquela mensagem. Então, após sua fala dirigiu-se a mesa e sentou-se com uma resma de papel à mão e caneta em punho, colocou uma mão na testa e com a outra se pôs a escrever. Ficou um longo período assim, psicografando as mensagens. Posteriormente fizemos um breve intervalo para continuar o trabalho.

O número de cartas psicografadas por Fernando Ben varia, segundo ele, dependendo da sintonia, estado de saúde do médium, conexão com o público, entre outros fatores. Mas nos disse que psicografa em torno de 10 cartas por encontro, além de alguns recados.

¹² Em cada encontro os exemplos do método de Chico são apresentados como forma de validar o método daquele encontro. Muitas vezes os exemplos são os mesmos, até mesmo frases idênticas são citadas, mas em cada contexto servem para justificar uma forma diferente de proceder.

¹³ <http://www.cartasdefatima.com.br/sobre-as-cartas>

Nem todas são lidas publicamente, só o faz com as cartas que sua mentora espiritual, Fátima, aconselha.

Quando Fernando Ben começou a ler as cartas, as pessoas ouviam com atenção, mas nunca em silêncio absoluto, havia muita agitação. O evento terminou perto das 14h.

Sobre a desavença que percebi no evento *Amigos da psicografia* em relação ao médium Fernando Ben, este preferiu não comentar especificamente, citando nomes, mas falou que o seu trabalho não é afetado por comentários maldosos e que ele não se apega a isso. Demonstrando muita segurança sobre seus métodos ele ainda citou a frase de Freud: “Quando Pedro me fala sobre Paulo, sei mais de Pedro que de Paulo”. Houve algum humor ao comentar sobre essas críticas, e o médium pareceu não dar importância ao que falam, pois segundo ele, muito se fala a seu respeito.

Deste evento não fiz gravações, e por isso não é possível apresentar nenhuma carta lida naquele dia. Porém, ao buscarmos no *YouTube* o nome de Fernando Ben, temos acesso a várias gravações de sessões de psicografia, depoimentos, entrevistas e leitura de cartas psicografadas. Contando com esse meio, apresento abaixo uma carta psicografada que foi lida em uma reunião realizada em João Pessoa, em dezembro de 2017, que se encontra disponível em vídeo, para que o leitor tenha acesso ao menos a uma carta, a fim de observar como são cartas psicografadas por este médium.

“Ainda eclode em minha alma o primeiro momento que entendi que estava sem o corpo pesado da terra, a leveza que senti, a grande sensibilidade. A possibilidade de organizar com clareza todas as ideias, até as lembranças mais antigas. Nem parecia que era eu. Senti que uma pedra saiu de mim e pude observar com toda abrangência, harmonia e grandeza de um mundo que poucos buscam ou sentem. Mas que existe antes deste e que existirá mesmo que o mundo da terra se extinga algum dia. E assim, agora, como naquele dia, revejo na memória o amor que sinto pelos que ficaram. E confesso não sofrer, pois sei o que vão sentir, e sei que no tempo certo a beleza da criação, do próprio universo, será sentido por todos em sua plenitude. Por enquanto diria, Bianca, vibre a harmonia de suas percepções e emane a natureza para que ela te devolva e renove as energias de cada ser e pessoa que conviva contigo. Boas energias ao Benício, diria ainda [...] que a vida pede mais. Mas não precisa correr, haja vista que a correria nos fará incapacitados de ver as oportunidades, que andando mais devagar, conseguiríamos ver. Te amo. Deixa um beijo no João. Ao primeiro instante de amor deixe um abraço

no “segundo”, que segue sob a égide da perseverança seu caminho para a luz. Te amo, querido. Saibam ainda que o José vai bem, diria ainda para o [nome de homem], que a beleza vista nos outros é o prisma do que vemos em nós. Seus passos revelam sua perspectiva e visão do todo, obrigada por tudo. Obrigada ainda aos que se propuseram a pensar em mim com amor e compaixão, dando-me forças para olhar-me nesse mundo novo com mais segurança, Quero deixar um recado para o Cabral, Gilberto Cabral, dizer que continuo sua amiga, e que não se preocupe, pois o Tonho está bem. Deixe recado para a família. No mais, o que repousa no cemitério de Santo Antônio, são restos que ajudará nossos corpos, novos corpos, mas as essências que animaram estes restos, lá não moram. Moram em todo lugar, no tudo que concebo. E mais vivos que antes. Retornam quando pode, para dizer que ainda, que amam e amarão para sempre. Janete de Souza Emiliano.” (Carta psicografada pelo médium Fernando Ben).

Essa carta teve a autorização da pessoa que a recebeu para ser publicada em vídeo, e neste ela aparece dando uma pequena entrevista afirmando que os nomes são de pessoas de sua família e que estava muito feliz com as notícias.

4 A CRÍTICA E ANÁLISE DOS ELEMENTOS

Neste capítulo serão explorados os pontos controversos entre os eventos de Florianópolis e as sessões de psicografia de São Paulo. Expor aspectos que marquem diferenças e semelhanças nos faz pensar de forma analítica alguns aspectos das manifestações sociais descritas.

Os eventos *Amigos da psicografia* e *Cartas de Fátima* apresentam diversos aspectos divergentes, mas se parecem quanto à estrutura e forma, de maneira que serão colocados em uma mesma categoria: a de eventos de psicografia. Já as sessões do centro espírita Ana Vieira e Grupo Noel, não são realizadas da mesma maneira, mas assemelham-se quanto a uma estrutura básica norteada por uma ordem e disciplina, e portanto são aqui colocadas lado a lado a fim de pensá-las como parte de um grupo semelhante.

4.1 ABORDAGEM EM CAMPO

Durante a espera pelos médiuns retornarem ao salão para iniciar a psicografia no evento *Amigos da psicografia*, busquei conversar com diversas pessoas. E nas primeiras tentativas de abordá-las, comecei a perceber que se sentiam invadidas, porque querer saber quem morreu, como e por que motivo estavam ali era um bocado incômodo para elas. Recorri às etnografias lidas, às disciplinas de método antropológico e principalmente aos conselhos da antropóloga Raquel Wiggers¹⁴ sobre o trabalho de campo: que devemos sempre começar falando de nós, dos nossos problemas e de nossa vida. Assim, as pessoas logo sentem a abertura e passam a querer falar de si. Quando esses eram “apenas conselhos” cheguei a achar estranho abordar alguém para falar sobre a minha vida, sem a conhecer. Mas quando buscamos ouvir, é exatamente isso que se tem de fazer, porque as pessoas, de forma geral, não estão muito interessadas em ouvir os problemas dos outros, gostam mesmo é de falar, contar sobre sua vida. E esse é mesmo um ótimo gatilho para ouvir histórias dos outros, principalmente em eventos como esse onde as pessoas estão inundadas pela dor da perda.

¹⁴ Sendo minha mãe, muito do que eu ouvira passou a ter um sentido diferente quando utilizado na prática. Pois muitos dos seus conselhos eram ignorados por mim, até que eu percebesse que se tratava de uma coorientação informal e permanente.

Wiggers, em um curso que ministrou na UFSC, diz que a pesquisa de campo, quando se trata de um tema sensível como violência, sofrimentos, coisas que são delicadas de se falar, temas como morte, violência sexual, iniciação sexual, brigas, conflitos – são acessadas mais facilmente pelo pesquisador se este se posiciona de uma forma empática. Criar um ambiente de empatia é essencial nesses casos, e uma forma de se aproximar emocionalmente do outro é expondo nossa experiência individual, sobre essas questões, contando nossos conflitos, nossas brigas, dizendo onde moramos. Quando chegamos perguntando diretamente não funciona.

Então, colocava-me à disposição, e em muitos casos, para iniciar uma conversa não era preciso que eu fizesse uma só pergunta. Pois as pessoas precisavam falar, contar o que havia com elas, como uma forma de extravasar a sua aflição. Em uma conversa com uma senhora de meia idade, por exemplo: sentou do meu lado e quando eu disse que minha mãe morava no Ribeirão da Ilha – no sul da ilha, ela começou a contar que também morava no Ribeirão – e estava muito cansada, reclamava que deveria ter ido para casa para depois voltar ao evento. Lamentava-se muito, de três coisas que falava, as três são algum tipo de reclamação. Enfim, falo que estou ali para tentar uma carta da minha avó. Demora um pouco e ela me diz que tenta uma carta da mãe, que sua irmã está internada com câncer e que ela ficaria muito feliz em ter notícias da mãe, já que estava “bem desesperançosa da vida”.

Outra história que interessante, foi a de uma senhora baixinha e gordinha, com jeito de cansada e muito entendida. Eu tinha ido à rua um pouco e ao me encostar no corrimão, essa senhora chegou bem juntinho a mim e começou a contar a história dela. Muito emocionada, estava muito angustiada porque há 23 anos perdeu o filho de 11 anos de idade. Há 19 perdeu o marido (pai do menino) e há dois anos perdeu o companheiro. Era uma senhora muito sofrida e comovida. Não se conformava com a morte do filho. Disse que andava desvairada pelas ruas do centro, tentou se matar, se jogou em baixo dos carros. Pediu a Deus que conseguisse falar com o filho. Até que teve um sonho que a orientava a ir a um centro espírita, onde havia uma escada na entrada. Era para ela entrar e falar com um homem grisalho vestido de branco. Buscou esse centro e começou a frequentá-lo e ler sobre o espiritismo. “Não acredito que existe deus, porque ele levou meu filho [atropelado] e me deixou esses dois espíritos, duas interesseiras [falando das filhas]”. Quando perguntei se era espírita, negou – mesmo tendo passado a

frequentar o centro espírita – e disse que é católica, mas respeita todas as religiões.

4.2 AS MULHERES EM PESO

A maior parte das pessoas que frequentam os eventos é mulher, e grande parte está em busca de uma mensagem de filhos que morreram. É importante dizer que há, sim, grande número de homens, mas que em sua maioria está acompanhado – de uma mulher, dificilmente se vê um homem sozinho.

Fui atentar para esse fato quando participei a primeira vez do evento *Amigos da psicografia*, e durante a leitura pública das cartas, a primeira delas foi para um rapaz jovem que estava sozinho no evento. Ele demorou a se direcionar à frente, como devem fazer os que identificam uma mensagem para si, e todos ficaram procurando pelo salão o dono daquela mensagem que estava sendo lida. Lentamente o jovem se levantou, e tremendo muito foi sentar à frente do médium, de costas para o público para ouvir a mensagem da carta. Pelo contexto compreendi que a mãe dele havia cometido suicídio e mandava notícias, dizendo que se arrependia muito do que havia feito, sentia muitas saudades dele e da família – há quase sempre nomes próprios nas cartas, o que causa uma sensação de espanto e solidez nas informações que são trazidas ali. O homem em total desmoronamento emocional chorava, e tremia muito. Há sempre algumas pessoas da organização próximas ao lugar onde os destinatários das cartas sentam-se para lhes trazer água, ou apoio. Nesse caso, ele foi amparado por duas mulheres, que lhe consolavam durante a leitura. Essa foi a primeira carta psicografada que eu ouvi na minha vida e me deixou muito emocionada. Percebi ali quanta emoção e energia estão envolvidas naquele evento

Com o tempo fui percebendo também, que não houve nenhum outro caso de homens sozinhos indo à frente receber uma mensagem, naquela ocasião esse aspecto já havia chamado minha atenção, e comprovou-se no decorrer da pesquisa.

Tanto no *Amigos da psicografia*, quanto no *Cartas de Fátima* há pessoas de todos os tipos. A maioria são mulheres e, grande parte dos homens que vão, estão a acompanhar as esposas, irmãs ou filhas. É possível ver pessoas de todas as idades e classes sociais, mas é um evento predominantemente frequentado por pessoas de classe média. Não há como generalizar, pois em qualquer tentativa de definir o público mais minuciosamente encontro exemplos que fogem à regra.

Portanto, é definitivamente um público muito diverso, e difícil de generalizar. Mas todos que lá estavam, apresentam uma característica em comum: todos perderam algum parente e são motivados pela vontade de comunicar-se com estes. E apesar de muitos irem por curiosidade, se lhes fosse dada a oportunidade de pedir uma carta, certamente o fariam. Isso nos mostra que, em vez de apresentar-se como algo fantástico ou extraordinário, há, como menciona Calavia-Sáez ([s./d.]), algo de muito lógico no universo social brasileiro em que os vivos e os mortos relacionam-se. Tudo o que se faz para alcançar a comunicação com os espíritos dos nossos parentes mortos, é admissível, pois essa lógica social desloca a natureza dessa relação de algo insólito para um fato institucionalizado.

4.3 ESCLARECENDO, EXPLICANDO E INFORMANDO

Nos eventos *Amigos da psicografia*, *Cartas de Fátima*, e no centro espírita Ana Vieira, o público frequentador é muito diversificado, e é comum que questões relativas ao funcionamento das sessões, assim como o conhecimento da doutrina não seja uma realidade clara e de fácil acesso a todos. Levando em conta que há diversas questões que os frequentadores desconhecem, são realizadas as palestras antes de iniciar a psicografia. Portanto essa palestra, diferentemente do que vi no Grupo Noel, não tem apenas o cunho evangelizador, mas de instruções primárias acerca do espiritismo e da psicografia.

Quanto ao Grupo Noel, não consegui identificar em minha visita se as pessoas que estavam presentes eram frequentadoras do Grupo. Mas por conta da forma como é feita a requisição de psicografia (por meio de comprovação de parentesco e óbito, exigindo documentação), e levando em conta que mais da metade das pessoas recebeu alguma mensagem psicografada, acredito que são pessoas familiarizadas com o Grupo, em sua maioria. Até porque não há palestra informativa a respeito da psicografia, mas sim, simultaneamente, a realização do evangelho. Isso a diferencia das outras três situações observadas.

Antes de acontecer a psicografia e a leitura pública das cartas, como já foi descrito, há uma palestra proferida pelos médiuns no caso dos eventos, e uma palestra proferida por algum membro do Centro Espírita Ana Vieira, com a finalidade de esclarecer questões concernentes ao espiritismo. “Ninguém morre, ninguém desaparece. Estar invisível aos olhos não é sinal de ausência!” (LEITE, 2014). A

tese fundamental do espiritismo, em que a morte é vista não de forma trágica, mas como uma etapa cumprida por aquele espírito que desencarnou é o argumento de partida dos médiuns. O espírito vem ao mundo dos encarnados para evoluir moral e intelectualmente e o desencarne (como os espíritas preferem chamar a morte), é apenas a morte da matéria, pois o espírito continua vivo no plano espiritual. Essa visão do espiritismo é muito acolhedora para as pessoas que perderam algum ente querido, pois traz conforto e esperança, e acima de tudo, a possibilidade de contato com o ente falecido. Essa é a motivação dada aos que procuram os eventos de psicografia.

Ressignificado, então, o conceito de morte, outras questões surgem, como, por exemplo, se há a conservação das características individuais após o desencarne. Quanto a isso, é dito que após o desencarne o espírito mantém suas características pessoais. Ou seja, concebem a ideia de espírito e a noção de que esse espírito conserva de certa forma sua individualidade em outro plano.

O teor das palestras do *Amigos da psicografia, Cartas de Fátima* e no Centro Espírita Ana Vieira é carregado destas informações descritas a respeito do espiritismo kardecista. Mas a forma como são passadas e o ambiente que se cria para que isso ocorra são muito diferentes.

Há, assim, uma diferença marcante entre o Centro Ana Vieira e o Grupo Noel, filiados à Federação Espírita de São Paulo, onde acontece uma reunião silenciosa, conectada com a paz, comunhão em busca de conexão com espíritos superiores. Em contraste aos eventos de Florianópolis, onde o barulho, a música alta, o riso, as piadas e descontração estão presentes do início ao fim.

4.4 ESPIRITUALISTA E ESPÍRITA: AUTODECLARAÇÃO NOS EVENTOS

*Cada um tem a sua crença, somos todos espiritualistas.
Rogério Leite*

Utilizada como epígrafe deste capítulo, essa fala de Rogério Leite foi proferida na palestra de abertura de um dos eventos. O médium levanta questões interessantes, porque em todos os eventos que frequentei, havia muitas pessoas que não eram espíritas, e identificavam a si como sendo de outras religiões, mas por algum motivo, permitiam-se frequentar eventos de psicografia em que os médiuns identificam-se como espíritas kardecistas. Certamente a dor da perda, pela morte, é a

motivação dessas pessoas, e muitas se encontram desesperadas, como alguns casos de mulheres que lidam com a morte de um filho.

Pude ver na fala das pessoas a marcação da diferença das doutrinas *espíritualistas* e *espíritas*. A frase de epígrafe deste capítulo foi colocada para ilustrar essa marcação, por ser um fenômeno recorrente e de extrema importância para compreender as *posições* daquele lugar de fala. Trazer a tona essa diferença é realmente importante porque levanta a questão da identidade religiosa do indivíduo que não é construída da forma tradicional, mas sim de forma fragmentada. São pescadas, em mais de uma doutrina, características que lhes são simpáticas formando, assim, como uma espécie de *bricolagem*, a identidade religiosa.

A partir da autodeclaração das pessoas que frequentam os eventos de psicografia de cartas de entes queridos, percebi que muitas pessoas se diziam católicas, batistas, evangélicas e até mesmo ateias, não conheci nenhuma que se autodeclarasse do candomblé ou da umbanda. E em algumas conversas em campo, a respeito disso, mencionou-se, mais de uma vez, espiritismo e espiritualismo.

Grande é o número de pessoas que frequentam os eventos de psicografia que não tem conhecimento da doutrina espírita, isso foi comprovado nas interações que tive com o público local durante os encontros e em períodos de observação presencial, assim como na interação por meio digital, nos eventos criados no *facebook* para divulgação dos eventos de psicografia. A falta de intimidade com a doutrina é uma das questões mais levantadas durante as palestras – tanto nos eventos em Florianópolis, quanto nas casas espíritas visitadas em São Paulo. Os livros de Rogério Leite, que são vendidos nos encontros, são direcionados especialmente para o público que quer começar o estudo da doutrina, e por conterem uma linguagem acessível, permite que mais pessoas passem a conhecer a doutrina, com a possibilidade de se informarem por aquele meio.

Percebi que a utilização do conceito de espiritualista nas situações de fala, durante minhas interações nos eventos, era compatível às definições do *Livro dos espíritos* ([s./d]). Surpreendi-me ao perceber isso, talvez porque a doutrina esteja muito bem entranhada no nosso campo ideológico, ou talvez porque seja mesmo um caminho mais lógico e de fácil dedução. E o mais interessante é perceber que estar em um evento espírita em busca de uma carta e se dizer espiritualista é colocar-se na posição de quem não duvida, mas também não afirma que

seja possível aquela comunicação. Ou aquele que se coloca à disposição da dúvida, até que algo lhe prove o contrário (DA MATTA, 1997).

Isso porque se declarar espiritualista, e não espírita, é o mesmo que colocar-se à disposição das manifestações mediúnicas, sem, precisamente afirmar sua veracidade. Assim, as pessoas vão às sessões de psicografia pensando “se receber, recebi, que bom! Se não tudo bem”, como me disse uma senhorinha à porta do centro social, onde estávamos esperando a sessão iniciar. Eu mesma me peguei falando isso às pessoas quando elas me perguntavam o que eu fazia ali.

Logo, dizer que os espiritualistas creem em algo mais, mas não categoricamente nos espíritos e na comunicação com eles, os coloca em um lugar seguro quando buscam experiências em outras religiões.

Mas de qualquer forma, explico aqui a diferença entre espiritualista e espírita segundo a doutrina. O espiritualismo, portanto, é oposto ao materialismo. Ou seja, é espiritualista alguém que crê que exista algo além da matéria. Isso não torna certo afirmar que o espiritualista acredite na existência de espíritos, ou em suas comunicações com o mundo visível. Aos adeptos a esta crença chamam-se espíritas.

Uma observação a ponto de curiosidade, é que o livro de Conan Doyle, cujo título original é *The History of Spiritualism*, possui duas traduções correntes para o português. Uma pela editora Pensamento, publicado em 1992, que traz o título como “História do espiritismo”, e outra pela editora da FEB, trazendo o título “História do espiritualismo”. Essa distinção é uma oportunidade para olharmos qual a função que esses conceitos acionam e para pensar que talvez a distinção não seja tão banal assim quanto possa parecer.

4.5 ESTILO DE ESCRITA E NÃO RECONHECIMENTO

Em todas as reuniões que realizam palestras, há sempre um momento em que são explicados quais são os tipos de psicografia que existem, como funcionam, e que tipo de psicografia é produzida a partir de cada conexão que se estabelece com os espíritos. Essas explicações, além de instruir a respeito da doutrina espírita, tem a função de preparar o público para o que esperar de uma carta psicografada.

Esse foi justamente o tema de uma das palestras de Rogério Leite, pois segundo o médium, é recorrente os parentes procurarem pelos médiuns, após a sessão, para reclamar sobre o estilo de escrita da carta que receberam, alegando que seu parente não se expressava

daquela forma enquanto era vivo. Outra reclamação recorrente é a ausência de notícias do parente falecido. Por vezes, as pessoas reclamam que foram a muitos eventos e nunca receberam nenhuma mensagem, enquanto outras recebem com frequência, isso as deixa muito revoltadas e indignadas. Ao final da leitura das cartas é possível perceber a decepção de muitas delas.

Ouvi algumas pessoas comentar um aspecto específico das cartas psicografadas no *Amigos da psicografia*, e que eu mesma havia percebido ao ouvir as cartas durante a leitura. Esse aspecto diz respeito à conjugação verbal e pronomes de tratamento na segunda pessoa do singular (tu), caracteristicamente utilizada no Sul do Brasil, e da utilização das palavras *guri* e *guria*, e *piá* (esta última utilizada na região do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina). A questão é que essas palavras eram utilizadas de forma desencaixada, não correspondendo ao uso sociolinguístico da região. Por vezes, a conjugação dos verbos também não era compatível com a variação linguística utilizada por essas regiões. Podemos observar nos exemplos a seguir, cartas psicografadas que foram lidas publicamente e transcritas dos áudios gravados em campo que apresentam essas questões apontadas acima:

“...Luana, Rafael, temos tanto orgulho de vocês. Rafael...Dr. Rafael, que orgulho sinto de ti. E Luana, é sempre tão delicada mas sempre tão insegura, o que *te faltas* pra continuar? Tua mãe está a dizer que falta eles. Mas se tu acha isso, estás enganada, porque estamos aqui e ontem a noite na pousada que tu e o teu irmão estão, fomos visitá-los e pudemos, no desdobrar do sono nos abraçarmos novamente. Tua mãe, Rafael e Luana, está bem melhor, mas ainda precisa de recursos médicos. Mas não está mais acamada, não. Está bem, só faltando mesmo mais um pouco para receber alta do centro de tratamento e eu sempre to com ela. Agora [...] sigo em paz, eu e tua mãe, Ane, estamos bem, acreditem. A tua dúvida, Luana, coloca em questionamento todos os nossos esforços, agradeçamos a Deus, por ele ter permitido vir aos teus corações [...] quantos não tem esse privilégio? Agora, vou passar a caneta, tua mãe *beija-te as testas* e lhe dá bênçãos, eu o mesmo. Fica com nosso amor, o seu sempre, [Osvino] Tássio Martins de Mello.”

E a segunda carta:

“... ele está grande e belo, como sempre, não? Meu irmão, estou sendo instruído por um amigo espiritual, chamado Ramires. Porque ainda me encontro em tratamento, mas a cada dia melhorando. Mas depois de hoje...bah! Tenho certezas que melhorarei muito, eu sei que a

minha partida antecipada chocou toda nossa família, e chocando aqueles que me amavam achei que colocaria um fim em tudo. Mas que engano...guri, mas quando percebi que não tinha morrido, mas que estava muito vivo me desesperei, achando que me enforcando acabaria com tudo. Eu passei por logos tempos de tormento [...] Mas o mentor do meu lado me pede para eu não tocar neste assunto porque ainda não é o momento, e também ficar repetindo isso me dá muita dor de cabeça, sabes? Hoje, graças a Deus, estou me recuperando. Eu sei que parece loucura, um guri de 20 anos se dar cabo assim, ninguém conseguiria e consegue me entender, nem mesmo eu. Mas saí de onde estava, e estou num hospital que cuida somente de casos como o meu. É triste, hoje quanta gente...a *gurizada* ai se matando de monte [...] incríveis. O mentor me disse que eu teria que vir, porque depois de maus bocados que passei aqui, e com as orações e a ajuda dos avós e as preces, fui trazido ao pai Miguel, está conosco aqui também, e ele tem pedido muito a Jesus sobre mim, *sabes?* Mas vou ser breve, para que não me *canses* muito. Meu irmão, mande um beijo para a mãe Osvaldina, e para os nossos irmãos. E diz a *gurizada* lá de casa que to me cuidando, e o pai tá aqui também. Obrigado por se esforçar de vir ao meu encontro, se não fosse tu se preocupar comigo, acho que não seria possível este encontro. E isso vai me ajudar *barbaridades*, eu voltarei um dia bem melhor e daí todos terão o orgulho que nunca tiveram, beijo a todos. O pai Miguel manda dizer que o pai da matéria não abandona o seu filho, agora, imagine o Deus, que olha por todos. Abraça a *gurizada* e a mãe Osvaldina. Lucas de Freitas”.

Esse fato gera um desconforto geral, e nascem, assim, muitas dúvidas. É compreensível que os médiuns não dominem a variação linguística falada no Sul, pois são de São Paulo e Minas Gerais, mas a dúvida que fica é: se a justificativa deles para as variações na escrita é a mediunidade intuitiva¹⁵, por que eles não escrevem com a sua própria forma de falar? E se são médiuns semimecânicos, como psicografam dessa maneira se nessa categoria o médium escreve de forma inconsciente e age diretamente sobre a mão deste? Essas dúvidas não são apenas minhas, mas ao conversar com duas outras mulheres durante o evento, comentávamos sobre essa questão.

Quando a dúvida surge – quanto à caligrafia, termos usados, estilos discursivos nas cartas, natureza do fenômeno da psicografia –

¹⁵ Quando o médium e o espírito se sintonizam, mas o espírito não controla as palavras a serem usadas pelo médium, casos mais comuns.

mesmo quem recebeu carta fica em posição sensível e questiona, querem ter certeza que a carta foi escrita e enviada por seu ente querido.

4.6 TEMPO DA COMUNICAÇÃO

Como já foi descrito anteriormente, a comunicação é feita de lá pra cá, ou seja, do mundo espiritual para o mundo terreno, portanto não há como “chamar o espírito”.

Quanto a essa frase famosa de Chico, percebi que os médiuns citavam-na para referenciar o seu trabalho, porém de forma diferente. No *Amigos da Psicografia*, tanto Rogério quanto Marli mencionaram essa frase para atestar que o seu método era o mesmo praticado por Chico, portanto o certo. E neste evento se faz uso da triagem e entrevista breve com os parentes, assim como o preenchimento de fichas, e segundo Rogério, Chico o fazia desta mesma maneira. Em contrapartida, no evento *Cartas de Fátima*, essa frase foi citada quando se falava sobre não fazer entrevista, triagem e tampouco uso de fichas, e que segundo Fernando Ben, é a maneira como Chico realizava suas sessões. Portanto a tão mencionada frase de Chico tem nesses dois casos a mesma função, porém atesta diferentes métodos.

No Centro Espírita Ana Vieira, Grupo Noel e no evento *Amigos da psicografia*, de Florianópolis, a orientação é de que quando a pessoa desencarna dificilmente se tem notícias dela por no mínimo um ano. Isso não é uma regra, mas é um consenso. Os espíritas afirmam que o espírito está se adaptando e preparando-se para a nova realidade, e encontra-se em tratamento, por isso não pode se comunicar com os vivos. Acontece que pessoas que desencarnaram de forma violenta ou repentina, ou que eram apegadas demais ao mundo material podem demorar mais para se comunicar, e precisam de amparo no mundo espiritual. O que pode acontecer, é um mentor espiritual enviar um recado com notícias daquele parente em recuperação, mas não é comum. Isso pode acontecer, por exemplo, quando o parente que ficou no plano terrestre está desesperado e “perturba”, por assim dizer, o espírito, sem deixar que ele siga o seu caminho, aprisionando-o (chorando demais sua morte, chamando por ele).

Na noite em que fui ao Grupo Noel, ao final da reunião eu caminhava em direção ao metrô, e como era muito tarde percebi que outra mulher que havia saído comigo caminhava na mesma direção. Aproximei-me e ela também ficou aliviada de andar acompanhada àquela hora, ao conversarmos ela me contou que sua mãe, que havia

falecido há poucos meses, e enviara uma mensagem por meio de outro espírito “benfeitor”. Ela foi ao Grupo Noel porque ficou sabendo das sessões de psicografia, e insistiu muito para tentar uma carta, mesmo fazendo menos de um ano, até que cederam. Mas esses casos não são muito comuns.

Cada lugar tem seu próprio jeito de se organizar quanto às exigências para requerer uma carta, ou quanto tempo é preciso esperar para isso. No Centro Espírita Ana Vieira, pedem que a pessoa tenha desencarnado há pelo menos um ano, e não dão nenhuma orientação a respeito de requerer notícias de pessoas idosas. Atualmente o sistema de fichas foi alterado e a pessoa pode apresentá-la em no máximo três sessões. O Grupo Noel segue o mesmo sistema. Essas regras são dadas em primeira instância, portanto, não há espaço para discussão e controvérsias.

No evento *Amigos da psicografia*, os médiuns aconselham a não requerer cartas de parentes que faleceram a menos de um ano, assim como cartas dos parentes que desencarnaram com idade avançada. E é com humor que dizem “deixem o morto descansar em paz!”, pois a pessoa viveu muitos anos, teve oportunidade de cumprir sua missão e partiu em tempo natural, diferentemente dos jovens e das crianças. É interessante observar que as pessoas que buscam cartas de familiares falecidos, compartilham da ideia de que a morte prematura é um problema muito maior do que a morte de uma pessoa idosa, e que as cartas são o consolo necessário para os familiares saudosos.

Há também os que recebem carta e tornam a pedir outras nos eventos seguintes. Quanto a isso os médiuns pedem que o parente se contente e compreenda que “psicografia não é correio”. Rogério contou uma vez o caso de uma mulher que obteve uma carta do seu filho, onde ele dizia que precisava desencarnar, e que precisavam muito do trabalho dele no mundo espiritual. Com isso ele faz dois alertas – em e um clima muito descontraído: é preciso compreender que cada um tem um tempo aqui neste plano, e que se já recebeu a notícia do seu parente, pode “deixar o espírito em paz”. Portanto eles não limitam o número de requisições, mas pedem que se já recebeu uma vez, não torne a pedir mais cartas, o que é desobedecido sem nenhum pudor pelos participantes.

E há uma questão, relativa a estes casos citados anteriormente, que são as pessoas que a cada evento que vão recebem uma carta. Muitas voluntárias recebem cartas, e esse fato gera diversos comentários e dúvidas no público em geral. Não é raro ouvir comentários em meio à

plateia questionando a recorrência de cartas para os organizadores, levando em conta o número maior de pessoas de fora que passaram pela triagem. Era muito comum pessoas do público levantarem essas questões com quem estivesse ao seu redor, enquanto estávamos sentados na plateia ouvindo as cartas e esperando. Formavam-se burburinhos a cada vez que um membro da organização ou figura conhecida por já ter recebido outras cartas levantava-se para ir a frente ouvir sua carta. Esses burburinhos levantavam a desconfiança em relação a essa possível preferência por pessoas da organização. Em um desses casos, iniciei uma conversa com uma mulher, queria saber se ela já estivera em outros eventos, e ela me disse que sim e que “a fulana e a fulana sempre recebem cartas dos filhos, em todos os eventos”. Como pode ser observado a seguir na carta que foi lida publicamente:

...comigo e com sua mãe Ane, [voz feminina dizendo “DE NOVO?”] meu piá. A saudade é grande, e a dor não é mais nos rins, é no coração, de tanta saudade e amor. (Diário de campo, transcrição, 2015)

No fragmento apresentado, é possível escutar uma mulher reclamando – após o médium ler o nome “Ane”, ponto em que há o reconhecimento do receptor. Essa manifestação acontece porque Ane já havia recebido uma carta no mesmo evento e, portanto, o público que espera ansioso pela sua carta se põe indignado. Por que essa mulher é privilegiada, por receber duas cartas, enquanto centenas de outras pessoas não recebem nada?

No caso do evento *Cartas de Fátima*, como não é feita nenhuma entrevista nem apresentação de fichas, não há a necessidade de Fernando Ben fazer orientações como nos casos à cima. Como já descrito anteriormente, o ambiente tinha uma atmosfera de bastante agitação, não havia música, mas a fala do médium era cheia de gracinhas e piadas.

Houve uma situação, no momento da leitura pública das cartas, na altura em que ele estava iniciando a leitura da quarta carta, quando citou o nome da pessoa a quem se destinava. Nesse momento, um grupo de pessoas sentadas em cadeiras de praia bem à frente se manifestou, com muita falação, até que ouvimos muito alto “mais uma pra ela”? O médium continuou a ler, e quando terminou sua leitura reservou alguns minutos para explicar ao público que não é culpa dele uma pessoa receber uma carta e outra não. Que os espíritos estão no comando e decidem se irão ou não mandar alguma mensagem.

A mensagem é para todos

Gostaria de ter condições e tempo para psicografar mais cartas, mas hoje foram 10 cartas e muitas pessoas que realmente precisam tenho certeza que sairão daqui com algo de importante. Peço também que as pessoas que não estão recebendo e que não receberam que prestem atenção nas cartas. Porque essa espiritualidade quando usa um médium para escrever para todos os filhos através da psicografia ele não pretende ajudar e educar apenas aquele filho. Então, tudo que é falado ai, que sirva de exemplo, que sirva de consolo, que sirva de motivação para reerguer a cabeça de pessoas que ainda não receberam. Porque eles vão começar a presenciar, a ter a informação de que, se vocês não receberam, onde estão os seus entes queridos? Eles estão em algum local, foram atendidos, foram socorridos por alguém? Então, são informações que são importantes. A espiritualidade não age diferente... não vai socorrer ela e esquecer ela. Então, se um foi socorrido, pela misericórdia de Deus, mesmo você saindo daqui sem carta, por uma possibilidade de sintonia, acredite que seu ente querido também foi socorrido, ele também está acolhido. (Médium André do *Amigos da psicografia*, gravação de campo, 2016).

Essa mensagem dita pelo médium convidado ao *Amigos da psicografia*, André, é representativa para ilustrar o que é dito a respeito de muitos não receberem cartas, tanto do Cartas de Fátima, quanto do Centro Espírita Ana Vieira. Em todos eles, há a ideia de que o conteúdo das mensagens lidas serve para todos os que estão presentes. Essa é a justificativa dada pelos médiuns dos eventos para realizar a leitura pública das cartas psicografadas, para confortar o outro com a mensagem ali contida de informações sobre a sobrevivência do espírito.

4.7 O NASCIMENTO DA DÚVIDA

Quanto mais a dúvida transparece, mais intensa é defesa dos médiuns quanto à necessidade de estudar a doutrina espírita, pois nela

estão contidas todas as repostas. No evento *Amigos da psicografia*, essa defesa é por meio da palavra, os médiuns que estão à frente diversas vezes apontam o desconhecimento do público como forma de marcar posições de poder por meio do discurso de conhecimento, quando o comportamento do público de questionamento vai além da busca pela informação.

Finalmente, temos a chamada relação de forças. Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. [...] O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fieis, etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem na “comunicação”. (ORLANDI, 2001)

Frente a isso, o discurso que se arma para informar vem permeado por diversos recursos discursivos que cabe a nós pinçar e analisar a função que têm, e a reação que causam. Isso porque se estabelece uma relação de poder, os que detêm a informação, o saber, são os que estão em posições legítimas de fala. É muito interessante o fato de que nesses eventos, os médiuns pedem para que o público estude a doutrina, para compreenderem mais sobre essa forma de encarar a vida e a morte. Eles próprios produzem livros para estudos e romances com esse intuito.

Mas quando começa a se criar tensões a partir dos questionamentos – a respeito da autoria, da legitimidade daquele trabalho, da verdade – essa posição hierárquica de poder do saber é ocupada pelos médiuns colocando o público no extremo oposto da linha saber/poder. Esse é o mecanismo acionado para fazer com que os questionamentos não tenham legitimidade. Isto acontece no *Amigos da psicografia* e no *Cartas de Fátima*.

No Centro Espírita Ana Vieira e no Grupo Noel, pela forma como é institucionalmente organizada a sessão de psicografia, não há espaço para o nascimento da dúvida expressada publicamente, e se acontece é dentro de cada um.

4.8 LEGITIMIDADE POR APROXIMAÇÃO

A caridade, característica básica do espiritismo, é elementar nos ambientes onde se promovem as sessões de psicografia. E apesar de estar presente e ser comentada em todos os locais que pesquisei, cada um tem sua maneira de fazê-lo.

O que eu gostaria de dizer é que nem todos vão sair daqui com uma mensagem. Qual o objetivo do benfeitor amigo quando ele nos pede para ler a carta em público? É porque ele sabe que seria humanamente impossível trazer uma carta para cada um de vocês. Porque existem N critérios na espiritualidade que vocês desconhecem, principalmente acerca desse intercâmbio que exige de nós uma entrega grande e que nos faz desprender uma energia... E somente nós que fazemos esse trabalho que conhecemos, tá? A leitura é feita em público porque aquele irmão que não foi agraciado com a carta de um familiar, de hoje, ele sempre encontra uma palavra, um incentivo na carta do amigo ao lado que recebeu. E dessa forma ele pode renovar a esperança dele, dentro do coração para estar tentando novamente. Eu fico muito admirada, quando ouço, quando recebo e-mails também, de pessoas que não compreendem a natureza da entrega em um trabalho como esse. Fazem comentários maldosos, fazem comentários de natureza... assim: 'ah! Porque os médiuns eles fazem [...] todo o teatro pra vir aqui na frente pra psicografar e para aparecer.'

Eu queria que quem dissesse isso, experimentasse se entregar a espiritualidade de corpo e alma, abdicando da sua própria vida, abdicando da família, de tudo, para consolar o outro. Eu queria que a pessoa fizesse isso, ela ia ver a troca de quê nós faríamos isso, se não fosse pelo compromisso com a espiritualidade e pelo amor que temos pelos sofredores. Porque quem desconhece o perdão, não sabe como faz [...] a palavra. Porque o pessoal da equipe é testemunha, ontem a noite nós comemos só um lanchinho, um lanchinho... (Médium Marli M., Diário de campo, 2016).

Os eventos de psicografia em Florianópolis, que também funcionam de forma voluntária, salientam muitas vezes essa atitude de “doação de si” dos médiuns como uma característica a ser reconhecida.

Nos eventos, os médiuns trazem a figura de Chico Xavier para lembrar ao público de suas atitudes de benevolência, apoio carismático e a sua completa disposição de vida para a causa espírita. E juntam a esse contexto, suas próprias atuações. Portanto, a imagem do que foi Chico é colocada ao lado do que são eles hoje, como médiuns. Há uma tênue comparação. E por conta da importância da figura que foi Chico, não há uma comparação no sentido explícito, tampouco de substituição, mas antes uma ideia de continuidade do trabalho do grande médium, pelas mãos de um pequeno e seletivo grupo de médiuns.

E apesar de dizerem que não contam com nenhum tipo de remuneração em dinheiro pelas psicografias, há uma autopromoção de sua imagem, que lhes confere prestígio social dentro daquele grupo. E mais uma vez, fazer menção a Chico Xavier os aproxima do médium, e ao referenciá-lo reafirmam o seu próprio trabalho nas sessões de psicografia. Isto é, invocar a figura de Chico Xavier proporciona a eles uma possibilidade de afinidade entre o trabalho de ambos, e também lhes confere credibilidade.

No evento *Amigos da psicografia*, Rogério Leite sempre comenta que ia a Uberaba para encontrar Chico Xavier, e que conviveu com o médium durante 11 anos, e por isso tem familiaridade com a forma que ele realizava seus atendimentos e como fazia as sessões de psicografia. A triagem que é feita neste evento, segundo os médiuns que participam, é verossímil à de Chico.

Em contrapartida, Fernando Ben, afirma que a sua maneira de realizar o evento *Carta de Fátima*, sem entrevista, ficha ou contato com os parentes é a mesma que Chico Xavier utilizava em suas sessões. E em seu *site*, na seção onde é explicado o método que ele utiliza para fazer suas sessões, consta um vídeo de Divaldo Franco falando que Chico não fazia triagem.

No Centro Espírita Ana Vieira e no Grupo Noel não há nenhuma informação fazendo referência a Chico. As explicações referenciam orientações dadas na doutrina de Kardec, e Chico, quando aparece, é apresentado como um grande médium, uma figura modelar.

Houve uma fala, durante o evento, em que Fernando Bem estava a comentar sobre a existência de espíritos bons e maus, apresentando ao público a ideia de que o bem e o mal estão contidos em todas as pessoas e, por conseguinte, em todos os espíritos. Nenhum

espírito ou pessoa é completamente mau, assim, essas características podem ser trabalhadas e desenvolvidas. Falou longamente sobre isso, e para ilustrar seu argumento, disse “Eu, por exemplo. Alguns dizem: ‘Fernando, você é um santo!’ Mas vocês não sabem, não conhecem.” E comentou também sobre um momento em que pediu licença para ir ao banheiro, e ouviu uma mulher em meio ao público dizer “Nossa, ele faz xixi!”. Esses exemplos de falas são muito simbólicos. Podemos partir deles para analisar a relação que se cria entre o médium e o público dos eventos de psicografia em questão. Colocar a si na posição de santo, mesmo que ao negá-la, é uma forma de tornar presente essa possibilidade. Ele traz uma situação em que foi chamado de santo, reascende essa ideia, para lembrar a todos que não deve ser colocado nessa posição, *por mais que tentem*. A associação da imagem de Chico Xavier como líder carismático e santo (LEWGOY, 2004), ocorre em exemplos como esse. E essa função (Chico/santo) aproxima-se a do médium pela negação dessa posição. Portanto, nesses eventos, a *importância* da psicografia carrega consigo a *imagem* do médium que a produz.

O comportamento dos médiuns em relação a sua função é uma das características que distingue as sessões de psicografia que acontecem no centro espírita dos eventos de psicografia.

Houve uma situação no evento de Fernando Ben, em que o médium falou sobre seu trabalho voluntário, dizendo que “as coisas de Deus não devem ser pagas”, para justificar e apoiar a ação sem fins lucrativos desses eventos. E continuou dizendo: “como vocês acham que eu consigo viajar o Brasil inteiro sem ganhar e levar a psicografia para lugares aonde *nunca chegaria*” (grifo meu). Ao analisar cuidadosamente o seu discurso, levando em conta o contexto, percebemos que, juntamente à preocupação e valorização do trabalho voluntário, é conferido a si uma posição privilegiada enquanto médium que proporciona o contato com os espíritos por meio da psicografia. Ao ouvir a frase citada acima, de que ele leva a psicografia para lugares aonde não seria possível sem a ajuda dele, me pergunto: não há psicografia no resto do Brasil, portanto? Mesmo sem poder responder essa questão com dados empíricos, pois essa pesquisa não teve abrangência nacional, o que se deve levar em conta é que a doutrina em que ele se apoia é a mesma que afirma que a psicografia não é um evento raro, e pode ser desenvolvida por qualquer pessoa. Portanto, afirmar que é ele o responsável por levar a psicografia para esses lugares, sugere que está a levar a “tábua da salvação” a essas pessoas.

O fato é que a psicografia acontece em diversos locais, porém, nem sempre é tão amplamente divulgada e nem sempre é realizada em sessões de forma aberta ao público. Na introdução d’*O Livro dos Espíritos* ([s./d]), Kardec até mesmo comenta que a humanidade, desde seus primórdios e em diferentes sociedades comunica-se com espíritos diversos, portanto esse não é um fenômeno local, nem de uma época específica. E essa fala de Kardec nos permite pensar em diversas ocasiões em que se mantém em contato com o plano espiritual, não apenas pela psicografia. Como exemplo disso, podemos observar um amplo leque de exemplos etnográficos de sociedades, grupos, que se comunicam de alguma forma com esse mundo espiritual, das mais diferentes formas – a exemplo das demais religiões e vertentes espíritas.

Primeiramente, é interessante o fato de que tanto nos eventos de psicografia do *Amigos da psicografia*, quanto do *Cartas de Fátima*, os médiuns falam sobre a singularidade do seu trabalho. Em uma entrevista conjunta realizada com três médiuns no evento de Florianópolis, Rogério Leite me explicava orgulhosamente que no Brasil havia apenas 12 médiuns em atividade. E enfatizou que Fernando Ben não fazia parte desse grupo, acusando-o de charlatanismo.

Em uma conversa particular que tive com Rogério, ele falou durante muito tempo sobre o médium Fernando Bem. Ele e os demais médiuns que compunham sua equipe consideravam Fernando um médium fraudulento, alegando que utilizava uma ferramenta na internet como os que as empresas de telefonia utilizam para caçar clientes, acessando os dados das pessoas, como números de CPF, e também a acusação de pesquisar informações por meio das redes sociais, como por exemplo o *Facebook*. Rogério mostrou-se muito indignado, e no mesmo dia falou muito mal de Fernando durante a palestra. Uma questão que fazia ele furioso era o fato de nas cartas de Fernando, por vezes, conter informações como números de documentos, CEP, telefones. “Por acaso vocês sabem o número de CPF do pai, da mãe, do filho de vocês? Não é porque a pessoa morreu que virou adivinho.” E ele traz todas essas “queixas” para essa palestra, para mostrar que psicografia não é mágica: “O que não se sabe em vida, não vai saber depois do desencarne”.

Uma questão que recebeu muita ênfase foi a respeito da manifestação do espírito do menino Denis Monteiro. Fernando Ben psicografou uma carta dele, e Rogério afirma que não é autêntica, e acusa Ben de pesquisar em mídias sociais para obter informações a respeito do rapaz. Rogério se afeta muito, principalmente com a manifestação desse espírito, em particular, pois diz que ele mesmo o

recebeu, e que seu livro *Novamente em seus braços* é psicografado por meio do espírito de Denis. E que preferiu publicá-lo com o pseudônimo de Félix Augusto, a fim de garantir a privacidade de Denis. É interessante perceber que os dois eventos são descritos nesse trabalho como tendo similaridades, e fazendo parte de um mesmo tipo que chamei de eventos, no entanto há rivalidades e disputa por quem é o mais “verdadeiro”.

Portanto, é criada em torno do trabalho dos médiuns dos eventos uma atmosfera de singularidade, ou seja, de que só poderia ser realizado por algumas – poucas – pessoas, conferindo-lhes importância¹⁶. E quem não faz parte deste grupo recebe claramente hostilidade. Portanto, é como se a atuação – e por que não dizer a pessoa – do médium estivesse em uma posição *especial* em relação às demais pessoas. A ideia de que vale mais a mensagem do que o homem (LEWGOY, 2004) é difundida verbalmente tanto em eventos de Florianópolis quanto nos centros de São Paulo, mas não é sempre praticada naqueles.¹⁷

4.9 A REGULAÇÃO DO MEIO ESPÍRITA

Em uma das primeiras vezes que procurei os organizadores dos eventos *Amigos da Psicografia*, falei ao telefone com uma mulher que me contou que a primeira vez que foi anunciado publicamente o evento de psicografia em Florianópolis, eles receberam inúmeras ligações e mensagens dos “centros espíritas”¹⁸ pedindo para que o cancelassem. E isso tornou a acontecer nas demais edições do evento. Isso me fez perceber que essa forma de abordar a psicografia incomodava alguns

¹⁶ Esses “escolhidos”, considerados médiuns confiáveis, por conta de conflitos entre eles, podem deixar de fazer parte do grupo seletivo. Esse foi o caso do médium André, que participou de dois dos eventos que fui, e em 2017 deixou de fazer parte do grupo de Rogério, por conta de brigas pessoais relatadas no site de Rogério (Carta consoladora).

¹⁷ Se em alguns contextos é comum haver um campo de disputa e acusações, no meio espírita esse aspecto não é visto com frequência, ao menos não de forma tão aberta e direta como nos casos apresentados. Portanto é um aspecto bastante instigante que se revela na pesquisa.

¹⁸ Sempre que eu tentava saber quem havia entrado em contato com eles para pedir que o evento não fosse realizado, ninguém sabia me dizer exatamente quem pedia, só diziam que eram os “centros espíritas”.

espíritas, em grande parte por ser considerada uma forma descuidada de mexer com assuntos tão delicados e que exigiam “proteção”.

Os espíritas, que seguem a doutrina de Kardec, partem do pressuposto de que os espíritos são atraídos pela natureza moral do ambiente que os evoca. Portanto, um ambiente propício para este contato é necessário para que não sejam atraídos espíritos maus. “Os espíritos superiores gostam de reuniões sérias, em que predominam o amor do bem e o desejo sincero de instrução e de melhoria” (KARDEC, 1966). Assim, quando evocados por pessoas curiosas e frívolas, pode representar um perigo, pois podem atrair espíritos obscuros.

Os eventos, tanto o *Amigos da psicografia*, quanto o *Cartas de Fátima*, não acontecem em um ambiente calmo e “protegido” como nos locais visitados em São Paulo, e talvez por isso tenha gente se opondo ao acontecimento deles. No entanto, é importante dizer que, assim como nos centros, a psicografia *acontece*. Na ocasião da leitura pública das cartas se percebe que a finalidade de carta consoladora é cumprida.

Pude perceber que as cartas do evento *Amigos da psicografia* varia conforme o médium que as psicografam, quanto ao estilo de escrita e conteúdo. Isso é de se esperar, pois são pessoas diferentes e, portanto cada um faz de uma forma diferente. Porém as cartas psicografadas por Rogério Leite eram sempre mais polêmicas, como, por exemplo, essa que apresento a seguir:

“Compareço a essa reunião de preces, na presença de um padre, de nome Justiniano (quando for falar dos benfeitores), que tudo faz para que eu possa trazer a vocês um pouco de lume, na expectativa de que seus corações fiquem mais calmos, na certeza de que continuo vivo. A senhora e meu pai, Zé Luis, sabem que devo um sério pedido de perdão a vocês, não somente para vocês, mas também para a tia (diz o nome), que percebo, está sofrendo muito com o ocorrido. Mas tu sabes, mãe, que embora teu coração amoroso, reserve sempre por mim um carinho sem igual, pois sabes dos aborrecimentos que desde cedo eu estava lhes causando por ter escolhido o lado errado desta vida. Tu não lembras de quando tentei apagar uma guria, que somente não fechou os olhos aí por muita sorte? Tu sabes as minhas correrias, de minhas paradas que todos sabem, tem dois finais. O que eu tive foi o que sabemos quando na escadaria do pantanal eu e o maninho (a mulher geme ao fundo, desesperada) trocamos tiro com os policiais já que fomos surpreendidos naquela madrugada. Foi zoeira total. Até que fui atingido pelos pipocos me tirando da terra, me transferindo para cá. A tristeza dos que, apesar de tudo, guardam por mim seus corações e o

carinho. Não chore não, mãe. Nem a senhora, nem a Bianca. Estou tentando aparar por aqui, as muitas besteiras que fiz ai, com a cabeça de jovem, focado na ilusão dos negócios do meu tio Zezinho, que ainda não encontrei aqui. Nem ele, nem a prima Suellen. Não chorem, porque (...) diz o padre Justiniano, que me trouxe aqui para falar com vocês escrevendo, eu fui tirado daí a tempo, antes de cometer mais besteiras. Achando que estava acertando e levando vantagens, que na verdade, visto daqui ninguém (...) Me perdoem, peço que não me esqueça em tuas preces, mãe. Elas são hoje, tudo o que tenho e preciso para seguir em frente neste meu propósito de renovação. Aqui estou abraçando a Jack, nossa Jaqueline, e nosso padre. Por hoje tenho que encerrar, forças me faltam para prosseguir. Beijos minha mãe, e se cuidem. Sempre de vocês, Léo. (Leonardo Luis Alves).”

Apesar de terem sido psicografadas mais de uma carta nesse padrão à cima, nem todas apresentam tantos conflitos e a maior parte delas são mensagens mais genéricas mandando lembranças, dizendo que o espírito está bem e segue agora um caminho de cura. E apesar de eu ter tido acesso a apenas duas cartas psicografadas no centro espírita, percebi que elas apresentavam uma forma diferente de se expressar. Essa é uma questão que poderia ser aprofundada em um estudo mais atento às diferenças entre as cartas dos eventos e a dos centros. Apresentei aqui as cartas que recebemos no centro espírita e algumas transcrições, permitindo que se possa ler e entender essa nuance.

Perceber essa diferença fez pensar no controle que é feito das cartas do Centro Espírita Ana Vieira, como já foi mencionado, a respeito do *fundo* e *forma*. Pois essa regulação é como uma peneira onde são filtradas as mensagens que não estão de acordo com os princípios da ideologia do centro. Assim, recorto uma passagem do material que me foi dado no Centro Ana Vieira: “É primordial considerarmos a finalidade consoladora a que se destina o nosso trabalho, portanto, mensagens em tom agressivo, irônico, debochado, displicente, serão recusadas.” A isso, devemos somar o fato de que os médiuns do centro também passam por um período de estudo e desenvolvimento das suas faculdades psicográficas e, portanto, aprendem a “escolher” os tipos de espírito a que vão se sintonizar, para evitar maus espíritos. Com isso, percebemos que há toda uma preparação e regulação da produção psicográfica no centro e no Grupo Noel.

E se há alguma seleção quanto às mensagens psicografadas nos eventos, isso não é mencionado em nenhum momento. E levando em

conta o teor de algumas mensagens, deduzimos que se há qualquer tipo de seleção, há grande flexibilidade quanto aos critérios.

4.10 O ENTREMEIO DO PLANO ESPIRITUAL E TERRENO

Sobre a eficácia simbólica do fenômeno psicográfico, podemos afirmar que não dependem de seus envolvidos acreditarem ou não nele.

Lévi-Strauss no texto *Feiticeiro e sua magia* (1975) nos apresenta a história de Quesalid, que não acreditava no poder dos xamãs, e “movido pela curiosidade de descobrir seus embustes e pelo desejo de desmascará-los, começou a frequentá-los, até que um deles lhe ofereceu introduzi-lo no grupo, onde seria iniciado e se tornaria rapidamente um deles” (LÉVI-STRAUSS, 1975). Ao aprender as técnicas de cura dos xamãs confirma que se trata de embustes, e é chamado para fazer um tratamento, que por sua vez foi um sucesso. Embora tenha tido sucessos recorrentes, Quesalid não abandonava seu espírito crítico e interpretava seu sucesso como decorrente de razões psicológicas. Porque o doente acreditava a cura ocorria. Enquanto ia fazendo curas e testando a eficácia de suas práticas xamânicas, colocava-se “diante de várias modalidades de ‘falso sobrenatural’”, de forma que passa a concluir que umas eram menos falsas que outras, dependendo de seus interesses pessoais envolvidos. Desta forma, segundo Levi-Straus (1975), o “sistema começava a se constituir sub-repticiamente em sua mente”.

É coerente levar em conta que, essas dúvidas não são de um agente psicográfico, antes, são minhas. Portanto, temos aqui sistemas de representação que funcionam mesmo que seus integrantes possam não acreditar. É mais do que um *caso Quesalid*, o que temos é um *reflexo Quesalid*. De forma que a prioridade da pragmática quanto à crença supera, pouco a pouco, a relevância da polêmica da verdade/autenticidade *versus* pastiche/charlatanismo.

Os eventos de psicografia são barulhentos e não estão de acordo com o preconizado pela FEB – como, por exemplo, ambiente propício para trabalho espiritual. No entanto funcionam.

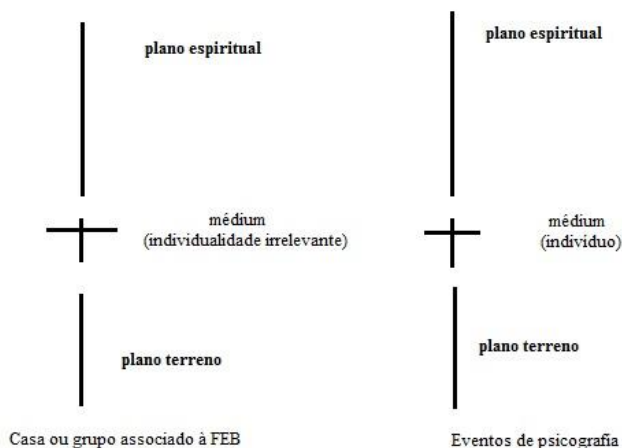
Muitas vezes percebi que eu me sentia desconfortável nos eventos, por conta da “desordem” e das coisas que eram ditas em forma de brincadeira. Posso dizer que era sedutora a ideia de simpatizar com os seguintes preceitos da doutrina:

Distinguir os bons dos maus espíritos é extremamente fácil. A linguagem dos Espíritos superiores é constantemente digna, nobre, cheia de mais alta moralidade, livre de qualquer paixão inferior, seus conselhos revelam a mais pura sabedoria, e tem sempre por alvo o nosso progresso e o bem da humanidade. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconsequente, quase sempre banal e mesmo grosseira; se dizem às vezes coisas boas e verdadeiras, dizem com a mais frequência falsidades e absurdos, por malícia ou por ignorância; zombam da credulidade e divertem-se a custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade e embalando-lhes os desejos com falsas esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, na perfeita acepção do termo, não se verificam senão nos centros sérios, cujos membros estão unidos por uma íntima comunhão de pensamentos dirigidos para o bem. (KARDEC, 1966)

Portanto, o exemplo de Quesalid é conveniente, pois assim como no seu caso, senti desconfiança em muitos momentos, e a importância disso sempre era abatida pelo fato de que ao fim, lá estavam as cartas. E se os eventos me causaram desconforto em algum momento, é preciso dizer que no centro a carta que recebi não era muito diferente das que eram lidas naqueles.

O fato, então, é que as mensagens das cartas dos eventos de psicografia e do Centro Espírita Ana Vieira são, até certo ponto, similares, e apesar de o caminho dos dois (eventos e centros/grupo espírita) para chegar até elas ser diferente, produzem resultados muito parecidos.

A seguir apresento um esquema de como percebo a relação do médium, como aquele que acessa o plano espiritual e o plano terreno, mostrando assim, como diferentes posturas nessa mesma posição (a de médium psicógrafo) pode gerar satisfatoriamente cartas psicografadas:



Este diagrama representa a maneira como esquematizei a forma como o médium se comporta dentro da função de comunicação mediúnic nos eventos e nos locais filiados a Federação Espírita Brasileira. A proposta é pensar em como acontece o ponto de ligação entre o plano espiritual e o terreno nestes dois casos.

Associando o terreno ao profano e o espiritual ao sagrado (DURKHEIM, 1996), podemos pensar que o terreno é o lugar do corpo físico, da matéria, onde o espírito encarna para aprender e evoluir, portanto, o profano. Esse plano visível está em função do plano invisível, portanto, o plano físico não existiria sem o espiritual, mas o contrário não é verdadeiro. O plano invisível é eterno e preexistente a tudo, e é habitado por seres imateriais, em contato com a pureza divina e com a “verdade” em seu estado mais elevado (CAVALCANTI, 1983).

O médium Chico Xavier, tinha a capacidade de entrar em contato com o plano espiritual, acessando, por assim dizer, o que diz respeito ao divino. A esse fato somou-se sua atuação exemplar, e sua produção mediúnic incrivelmente extensa e profunda, que contribuiu para que a imagem de santo fosse criada a seu respeito. E, nesse mesmo sentido, os médiuns dos eventos tomam para si o reconhecimento por também serem munidos desses “poderes” e faculdades, fomentando a imagem pessoal daquele que psicografa. Enquanto que os médiuns do

centro e grupo espírita, pelo contrário, respeitam a ideologia do grupo a que fazem parte, de que o médium é *apenas* um instrumento e, por isso, a revelação de sua identidade é irrelevante.

Descrevendo uma experiência em um centro espírita de Florianópolis, Giumbelli (2015) cita como sustentação ideológica desse centro, entre outras questões, a de que, apesar da importância conferida ao fundador daquela instituição até os dias atuais naquele centro, “evita-se a pessoalização de mentores e médiuns”.

Segundo tais formulações, então, não há homens divinos, nem tampouco uma Igreja divina. O que há são pessoas que podem entrar em contato com espíritos desencarnados, e deles serem os intermediários de ensinamentos, que precisam ser organizados também por pessoas, as quais todavia, jamais podem ocupar o papel de autoras das mensagens espirituais. (GIUMBELLI, 2015)

Portanto, o papel de médium é apenas fazer essa comunicação e se for de forma anônima, melhor. Pois realmente não importa quem está lá, importa apenas que esteja preparado e instruído para acessar da melhor forma o lado invisível.

Nos eventos, acontece o movimento contrário, os médiuns vão conquistando a admiração do público e recebendo reconhecimento pelo trabalho como médium, e dentro daquele espaço são quase celebridades, recebem notoriedade como personalidades.

Há diversos mecanismos observados em campo que justificam a construção dessas personalidades, muitos deles foram apresentados aqui e alguns foram percebidos apenas quando postos em comparação aos locais visitados em São Paulo. O fato é que a composição do comportamento dos médiuns e suas posturas dentro desse grande evento promovido como “espetáculo” de consolação é singular dentro das possibilidades oferecidas pelo meio espírita kardecista.

4.11 CAMPO EM TRANSFORMAÇÃO

Segundo Brandão (2004), há uma tendência de transformação do cenário religioso, até mesmo das religiões tidas como tradicionais e consagradas, diferenciando-se no interior de suas ortodoxias, “oferecendo aos leigos, uma multiplicidade de afiliações de significado e prática de fé”. Acelerando assim, um movimento que vinha ocorrendo

desde o século passado deixando-se penetrar “por visões e versões vizinhas, diferentes e mesmo antes muito antagônicas a uma ortodoxia tradicional”. Há, portanto, uma abertura no campo religioso, caracterizado por uma polissemia religiosa. E como diz Calavia-Sáez, é preciso um grande esforço para compreender a diversidade do meio religioso brasileiro que se configura de forma peculiar. “Não por acaso a sociologia brasileira terá sido talvez a que de modo mais convincente destacou a coerência – quando não, a conjunção – dos opostos religiosos.”. E continua:

A pacificação das relações entre a Igreja Católica e os setores evangélicos e pentecostais devem-se em boa parte ao fato de que ela praticamente desativou seu santoral e passou Nossa Senhora a segundo plano; por sua vez, essa marginalização dos seus aspectos mais *populares* facilita largamente sua relativa harmonia com o setor *afro* ou mediúnico; a relativa irrelevância da mitologia facilitou a legitimação do *afro* pela associação com o catolicismo; enfim, favorecido com a vizinhança do setor mediúnico, o petencostalino se eximiu de definir uma demonologia própria. (CALAVIA-SÁEZ, 1996)

Dessa forma, há uma lógica de mercado vivida como “experiência cultural da busca-de-sentido-de-vida-através-da-fé” que abre a possibilidade de se relacionar com a religião de forma a partilhar mais de um sistema religioso. Guiando a experiência pessoal conforme os valores de mais de uma religião sem necessariamente ser fiel a nenhuma. Assim, àquelas religiões que estão em seu campo de visão e escolha é dado um valor potencial do sagrado, e dessa forma optam por se relacionar a elas por escolha pessoal e segundo suas próprias necessidades, vinculando-se a elas provisoriamente, conforme necessidade, ou de forma duradoura se assim apetercer (BRANDÃO, 2004).

Quanto à organização do campo religioso brasileiro, Calavia-Sáez aponta que está formado em torno da mediunidade.

A proximidade dos mortos é correlativa às grandes distâncias entre os vivos, e daí lhe advém a centralidade. Os mortos servem de mediadores nessa paisagem porque através deles – e de seus veículos, da psicografia à reencarnação – é possível redesenhar qualquer relação e qualquer

conflito na escala mínima das relações familiares e vizinhança. O Brasil consegue assim ser uma sociedade muito mais *isotópica* do que caberia esperar das suas dimensões.(CALAVIA-SÁEZ, 1996)

Como fruto das pesquisas de campo, percebi que poderia separar entre dois grupos os quatro locais visitados para esta pesquisa: o grupo dos que se organizam sem vínculo com a Federação Espírita Brasileira (os eventos *Amigos da psicografia* e *Cartas de Fátima*) e o outro que se mantém filiado a FEB (Centro Espírita Ana Vieira e Grupo Noel). A ideia de separá-los assim não é o cerne da diferença entre eles, pois os eventos são uma forma atípica de reuniões espíritas, e a intenção desse trabalho foi mostrar esse aspecto. Mas apontar essa “divisão” pode ser um ponto de princípio para observar os fatos, e certamente a falta de vínculo com essa “instituição” que mantém as práticas reguladas é relevante, porque marca uma variação desse sistema de ideias.

Frequentar/visitar o Centro Espírita Ana Vieira e o Grupo Noel serviu para ancorar um ponto de vista referencial no aspecto tradicional do espiritismo, no sistema religioso espírita kardecista vinculado à FEB, que mantém uma prática fiel e tradicional regulada. Quanto a isso Guimbelli diz que

há razões para se apresentar o espiritismo como um sistema que preza suas referências europeias, vinculado a uma prática letrada, mantido por aderentes que pertencem às camadas médias. Mas é também preciso questionar se essa configuração dominante não está vinculada ao trabalho de certas forças, que podemos, correndo o risco de alguma simplificação, identificar com as chamadas “federações” – organizações que buscam resguardar a doutrina kardecista, mais ou menos temperada com outras referências, como é o caso da figura de Chico Xavier. De todo modo, uma vez que se atenta para a existência de um dispositivo que aloca autoridade para um domínio de agências (os “Espíritos superiores”) que não se confunde com Kardec e seus avatares, abre-se o espaço para se perceber o espiritismo como um território marcado pela variação. (GIUMBELLI, 2015)

Assim, vimos que os eventos não são filiados a Federação, mas não necessariamente se opõe a ela, apenas realizam os eventos norteados por um espiritismo kardecista “a sua maneira”. Mantém os mesmos valores quanto à necessidade de estudo da doutrina de Kardec, a ideologia da caridade e da doação de si para o serviço comunitário, dentre outros aspectos. Portanto, não se pode dizer que por não serem, de alguma forma, vinculados a FEB, e também pelo fato de a realização dos eventos desagradar alguns centros, os eventos se encaixem no que se conhece como “baixo espiritismo”¹⁹. Portanto, não se filiar, não quer dizer aderir ou manifestar, conscientemente, qualquer influência de elementos de outras ramificações designadas pela literatura sociológica como *espiritismo*, incluindo nesse conceito as demais religiões mediúnicas como a umbanda e o candomblé. Em conversa com um médium que psicografa em um desses eventos, este mostrou antipatia ao que chamou de “mesclas” e “casas espíritas misturadas” e completou: “Ai não é espiritismo. Espiritualista não é espírita”.

Podemos pensar os eventos como integrantes dessa variação apontada por Giumbelli, mas uma variação que ainda se diz “fiel” ao espiritismo kardecista. E a essa questão, lembro, por exemplo, dos mentores espirituais dos médiuns psicógrafos de ambos os eventos (tanto no *Amigos da psicografia* quanto no *Cartas de Fátima*), que são todos figuras vinculadas de alguma forma ao cristianismo: o Padre Justiniano, como mentor de Rogério Leite. A freira Elizabeth da Trindade, como mentora de Marli Mansini. E Fátima, como mentora de Fernando Ben.

A adesão a federações pode ser tomada como um índice duplo, considerando-se o ponto de vista dos centros: por um lado, de maior ortodoxia religiosa, entendida como sintonia com o papel que as federações assumem (sempre sob contestações) de assegurar a fidelidade a Kardec; por outro lado, de maior legitimidade social, uma vez que as federações condensam em si as conquistas em termos de aceitação e se propõe a representar o espiritismo perante outros agentes públicos. Por essas razões, grupos ou práticas menos ortodoxos e com menor legitimidade têm frequentemente dificuldades em sua relação com as federações. (GIUMBELLI, 2015)

¹⁹ Cavalcanti (1983); Giumbelli (2006).

Nesse sentido, os eventos não parecem buscar refúgio na federação, pois se autossustentam. Contam com grande aceitação do público e apesar do fluxo de pessoas, contam com grande quantidade de seguidores. E a legitimidade social, apesar de parecer uma luta constante no discurso dos médiuns, parece sustentar-se, principalmente quando são entregues as cartas. “Isso aponta para a existência de um universo de instituições importantes que conquistam respeitabilidade prescindindo do aval das federações.” (GIUMBELLI, 2015)

Levando em conta a transformação do campo religioso, descrita acima, reconheci no meio pesquisado alguma paridade e a identifiquei como uma abertura do espaço espírita. Os centros espíritas de forma geral mantêm essa abertura, oferecendo a possibilidade de trânsito entre sistemas diferentes, sem a necessidade de frequentar apenas o espiritismo, portanto sem exigência de fidelidade. E sem discurso e imposições proselitistas. Nos eventos essa abertura é *falada* e vem acompanhada do “isso não tem a ver com religião”, “é para os que creem e os que não creem”. Portanto, a psicografia é colocada como um fenômeno que independe da crença do indivíduo para que aconteça. Mas, ao mesmo tempo em que abre para ser frequentado por crentes e não crentes apresenta a sua doutrina e explica que compreendê-la é um caminho para se viver melhor, para lidar com dores que outras propostas religiosas não acolhem. Na introdução do seu livro, Rogério Leite, médium do *Amigos da psicografia*, diz o seguinte:

A formação religiosa tradicional, conquanto lhes ofereça o concurso das preces e o apoio para que possam superar este difícil drama [a morte], não pode lhes oferecer as orientações necessárias que de fato os consolem porque suas bases estão sedimentadas na vida na Terra. Somente a ciência espírita é capaz de lhes desterrar aos olhos um novo panorama da vida que não se encerra no túmulo. (LEITE, 2014)

Ele defende a ideia de que a doutrina espírita pode oferecer e as religiões tradicionais não. E ao mesmo tempo que não têm a intenção de “catequizar” e converter, apresentam a doutrina, muito mais nos eventos do que nos locais visitado em São Paulo, como um convite a acessar uma verdade científica e “mais sensata”.

Ora, se ousarmos pensar as outras dimensões de criação institucional da cultura, como as dos

campos da política, da arte, ou da ciência, nenhum outro é tão democrático e tão escancaradamente aberto à adesão de tudo e todos, como a religião. Muito mais fácil é ingressar em qualquer uma religião do que em uma academia. Muito mais depressa hoje em dia se faz um convertido do que um padeiro e muito mais longa é a carreira de um doutor do que a de um pastor. Muito mais urgente e radicalmente alguém “muda de vida” através da religião do que por meio da psicanálise, enganando-se ou não... de um lado ou do outro. (BRANDÃO, 2004)

4.12 GRANDES EVENTOS DE PSICOGRAFIA

Por meio de diversos mecanismos discursivos e estruturais, os eventos configuram-se de forma singular, colocando o médium psicógrafo em posição de destaque e importância. O médium assume também o lugar do indivíduo capaz de fazer conversar o plano espiritual (invisível/sagrado) com o plano terrestre (material/profano). Portanto, por meio do método comparativo foi possível visualizar uma relação e função do médium dentro do funcionamento da psicografia, projetada e promovida no evento, tornando-se uma “celebridade”. Muito diferente daquela figura dos médiuns no centro e grupo espírita, que muitas vezes são anônimos.

Por meio desta pesquisa foi possível visitar casas associadas à Federação espírita, identificando elementos conservadores quanto a doutrina de Kardec e, portanto, na realização das sessões. E isso faz compreender, portanto, os motivos pelos quais a Federação não simpatiza com o evento *Amigos da psicografia*, por exemplo, levando em conta que este não se enquadra nos seus padrões. Distanciar-se dessa forma de abordar os acontecimentos do espiritismo era justamente o que motivava a Federação Espírita Brasileira (FEB) desde a década de 1950, no auge do seu projeto de se consolidar como referência autônoma.

Os eventos de psicografia – que tem a pessoa do médium atuante, de forma individual – são promovidos com ampla divulgação. O recorte de Brandão, a seguir, nos ajuda a desenvolver o argumento:

Ao lado dos pequenos e grandes encontros uniconfessionais, como um Congresso Ecumênico católico ou uma das grandes concentrações dos Testemunhas de Jeová em um estádio de futebol;

ao lado de alguns mais raros encontros de vocação ecumênica e inter-eclesial, começa a ser um costume de tendência crescente, o convite à participação de pessoas e equipes e sistemas de sentidos as mais diversas, as mais originalmente distantes, pelo menos até então. Algo como se uma vocação ecumênica de partilha ritual de momentos devotados a um sagrado generosamente polissêmico, fosse alargada ao máximo de suas fronteiras. Alargado até onde elas fossem estendidas até limites onde o religioso-confessional por um instante compartilhasse um mesmo cenário de festa e rito com espiritualidades não-confessionais (embora francamente confessantes); com grupos nativos cujos rituais até hoje são vistos pela ortodoxia cristã menos tolerante como ‘cultos de feitiçaria’; com pessoas e pequenas comunidades autodefinidas como esotéricas ou praticantes de uma das vertentes do universo de símbolos e de gestos aqui e ali associados à Nova Era. (BRANDÃO, 2004)

Os eventos de Florianópolis – *Amigos da psicografia* e *Cartas de Fátima* – são promovidos por uma “agência psicográfica” baseada no espiritismo kardecista, e que realiza eventos ditos não-confessionais, ainda que engajados ideologicamente no espiritismo kardecista, com a intenção de acolher e consolar pessoas de todos os credos e filosofias.

Essa forma de evento, que tem origem de um braço do espiritismo tradicional kardecista, é uma nova manifestação que foi observada. Com todas as características que lhe conferem o seu *corpus*, podemos dizer que é uma coisa a se explorar, pois há diversos aspectos que não foram descritos e analisados neste trabalho. E desse ainda nebuloso campo há muitas veredas que se pode explorar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os eventos de psicografia de cartas a entes queridos, que passei grande parte deste trabalho descrevendo, especificando e analisando, são encontros espíritas que reúnem centenas de pessoas para sessões públicas de psicografia. Muitas pessoas vão para tentar uma possível comunicação de algum parente que desencarnou e também para assistir as sessões de psicografia e a leitura pública das cartas. Muitas pessoas viajam horas para participar do evento e, no *Amigos da psicografia*, que dura dois dias, há até mesmo pessoas que montam barracas em frente ao prédio onde é realizado o evento.

Esses eventos lembram muito os grandes encontros religiosos que acontecem em espaços públicos ou alugados. Em seu artigo *Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje*, Brandão (2004) cita um evento de celebração inter-religiosa: *um novo dia para a Terra*, realizada na Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente, a Eco-92. E faz um apanhado geral do cenário religioso brasileiro mostrando como é possível um evento ser multicofissional, portanto, reunir pessoas de diversas religiões e crenças. O que possibilita essa abertura e esse trânsito entre um sistema religioso para outro? Foi, portanto, nesse sentido a minha tentativa de compreender o que eram esses eventos de psicografia e o que significavam dentro do sistema religioso espírita kardecista.

Quanto aos inúmeros elementos que tornam possível a realização desses eventos, é possível citar, sobretudo, a intensa polissemia religiosa dos últimos anos, a abertura dos sistemas religiosos, principalmente dos mais tradicionalistas (BRANDÃO, 2004). Porém no caso do espiritismo kardecista, há um aspecto bastante favorável a essa abertura: a cristianização do espiritismo ou como Lewgoy (2004) afirma, essa sua aproximação por baixo – construída desde os primórdios da consolidação do espiritismo no Brasil.

Diferentemente do exemplo que Brandão traz neste artigo, os eventos não são exatamente inter-religiosos. São antes, eventos promovidos por médiuns psicógrafos que se autoidentificam como espíritas kardecistas, porém não consideram necessária nenhuma filiação ou autoidentificação com o espiritismo kardecista para participar. Indicam apenas que, caso não seja espírita, o participante seja, ao menos, simpatizante do espiritualismo – que pode ser definido como alguém que crê na existência dos espíritos e no plano espiritual.

Assim, nos eventos são bem vindas pessoas de todos os credos. E é verdade que o público que frequenta estes eventos é bastante diverso, porém o número de pessoas familiarizadas com a doutrina espírita é bastante grande, mesmo que não se autoidentifiquem – apenas – com esse sistema religioso. Quanto a isso, vale a pena trazer novamente a ideia de Calávia-Sáez de que “somente os crentes das religiões mediúnicas dizem explicitamente que os mortos estão entre nós: quase ninguém diz explicitamente que eles não o estão em absoluto.” (CALAVIA-SÁEZ, [s./d.])

Os médiuns desses eventos atuam de forma diferente dos médiuns dos locais visitados em São Paulo. Durante os eventos, são realizadas palestras, onde é explicado, com base na doutrina espírita, como acontece e o que se deve esperar de uma mensagem psicografada. Em todos os locais visitados havia um tempo de espera para que as cartas fossem escritas, e em cada lugar esse tempo era usado de forma diferente.

No Centro Espírita Ana Vieira e Grupo Noel, esse entretanto era semelhante às palestras tradicionais de centro espírita, onde é feita a evangelização kardecista. E não eram os médiuns que falavam com o público, era algum outro membro da casa. Em contrapartida, nos eventos, o ambiente era muito mais descontraído, e quem ia a frente falar eram os próprios médiuns, que falavam inclusive sobre a importância daquele trabalho de consolação.

Há uma inimizade entre os dois grupos de eventos focados nessa pesquisa, o *Amigos da psicografia* e o *Cartas de Fátima*. Os próprios médiuns é que causam essa desavença, quando falam de outros médiuns abertamente alegando que são fraudulentos, a fim de “desmascará-los”.

E ao mesmo tempo em que há um trabalho de informar o público e transmitir confiança na psicografia como forma de se comunicar com os espíritos, e todo um esforço de provar a autenticidade do trabalho feito por eles, há o fato de que, se havia alguma dúvida pairando, ela se consolida quando o médium do outro evento é apontado como charlatão. Essa atitude faz crescer o desconforto pela possibilidade de falsificação. Pois os próprios médiuns estão sugerindo que, alguém faz da psicografia uma fraude, e que neste caso é alguém querido por grande parte do público, pois muitos frequentam os dois eventos e mantém admiração por ambos.

O espiritismo é alicerçado em uma estrutura baseada na ação filantrópica, e portanto, na caridade. Essa ideia norteia ideologicamente

todos os locais visitados para esta pesquisa. Assim, o Centro Espírita Ana Vieira, Grupo Noel, e os eventos *Amigos da psicografia* e *Cartas de Fátima*, baseiam suas práticas na caridade, e quase sempre se sustentam por meio dela. O aspecto que distingue os eventos é que o médium tem uma identidade, e autopromover seu trabalho voluntário o torna “celebridade” naquele espaço. Em contrapartida, nos locais visitados em São Paulo a identidade do médium não é relevante, e muitas vezes psicografam anonimamente. Em ambos há uma ênfase na psicografia como caridade e consolo: em um é a carta que consola, e no outro é o médium que traz consolo.

Chico Xavier foi uma referência, no sentido de se tornar exemplo pelas suas práticas e, portanto, a vivência humanitária da caridade o representa como a nenhum outro símbolo espírita. Fato este que aproxima os valores cristãos da ideologia espírita, criando uma fusão simpática entre as duas doutrinas, em um aspecto importante quanto aos valores morais personificado em Chico. No Centro Espírita Ana Vieira houve espaço para falar sobre Chico neste mesmo sentido citado. Porém, nos eventos de psicografia em Florianópolis e na Pinheira, Chico é lembrado e citado como referência em diversos momentos, sempre como marco referencial. Portanto, Chico é o modelo maior e quanto mais fiel e aproximado a ele, mais verdadeiro e mais legítimo.

Os médiuns dizem que o número de cartas psicografadas, por médium, varia e pode chegar até 10 por encontro. Mas já aconteceu de um médium psicografar até 15 cartas, o que é um número bastante elevado. Assim, são muitas as pessoas que conseguem fazer a solicitação da carta na triagem e que não recebem nenhuma. Das 200 fichas preenchidas, no *Amigos da psicografia*, por exemplo, serão atendidos muito menos da metade, levando em conta o número de médiuns nas sessões.

As cartas, nos eventos, são lidas publicamente, tanto no *Amigos da psicografia*, quanto no *Cartas de Fátima*. E dizem que têm a finalidade de consolar a todos com o seu conteúdo, isso porque o número de cartas é inferior ao de participantes. Na leitura pública há sempre algum elemento para que haja o reconhecimento do destinatário, que na maior parte dos casos é a menção de nomes.

O teor das cartas, pode-se dizer que é semelhante no sentido de instruir a respeito da imortalidade do espírito, de como é estar do lado de lá seguido de conselhos para que se estude em vida a respeito da doutrina espírita. Há por vezes, pedidos de desculpas por

comportamentos de quando o espírito estava encarnado, e uma retratação dele que agora está aprendendo e se curando no plano espiritual.

E porque eu recebi uma carta, e minha irmã outra, pude comparar a minha, às demais cartas que são lidas publicamente nos eventos. Essas cartas têm uma intenção semelhante, mas quanto ao teor, ao estilo e a maneira de expressarem-se os espíritos, percebi que as dos eventos utilizavam, por vezes, uma forma coloquial, utilizando gírias, por exemplo. E ressalto que essa comparação está sendo feita superficialmente, pois tive acesso a apenas duas cartas do Centro Espírita Ana Vieira. Posto que neste local, assim como no Grupo Noel, não há leitura pública de cartas, sendo elas entregues diretamente ao destinatário. E, apesar de eu ter poucos exemplos para me basear, as cartas do Centro estão de acordo com tudo o que foi dito a respeito delas na palestra, não houve surpresas, pois não fugiam dos padrões que alegaram que teriam as cartas.

Percebi depois, ao comparar as duas cartas que recebemos às que foram transcritas dos áudios dos eventos, que apresentavam algumas diferenças na forma de se expressar, sendo a dos eventos muito mais coloquial, popular, transmitindo muitas vezes o sofrimento e a dor daqueles espíritos. Em contrapartida as do centro espírita conservavam uma linguagem que transmitia positividade, apresentava uma linguagem nobre e entoava bondade.

Porém, tinham em seu fundo a mesma intenção, a de consolar, e de trazer informações sobre “como é lá”, sempre pela perspectiva espírita. E receber uma carta coloca o receptor em uma condição de muita sensibilidade emocional, e faz cair por terra qualquer dúvida quanto à mensagem recebida – ao menos por hora.

Isso porque há casos de pessoas que buscam o médium, após receber uma carta, para reclamar sobre diversos aspectos que não condizem com as características de quando seu parente estava encarnado. E como que para se salvaguardar desse tipo de desconfiança, inúmeras explicações são dadas, com o intuito de preparar a pessoa para aquela comunicação. Como exemplo pode-se citar os tipos de psicografia existentes: mecânica, semimecânica e intuitiva; alertar que o espírito mantém suas características pessoais no além, mas por conta dessa comunicação intermediada, pode ser que ele não se expresse utilizando os mesmos termos, formas de tratamento, e demais características. Esse é um dos pontos onde há mais polêmica quanto à autenticidade da psicografia, pois sempre há casos controversos. Há

quem diga “meu parente nunca foi religioso, e agora fala desse jeito”, ou “Ele nunca me chamou de mãezinha”. Ou então, há quem questione que o médium *tal* fala muito mais detalhes do que o outro médium. Então a forma com que o público se manifesta é muito peculiar, e muito deferente das sessões tradicionais onde não há espaço para questionamentos. É uma relação muito direta e sem cerimônia.

Neste trabalho, então, mostrei como foram percebidos os eventos de psicografia de cartas, onde a psicografia é tratada como um fenômeno proporcionado por um grupo reduzido de pessoas que detém essas faculdades, segundo os próprios médiuns. E quanto a isso, estamos cientes de que “a caricatura – como a antropologia – pode não mostrar como o rosto é na realidade; mas deve sempre mostrar o que diferencia esse rosto de qualquer outro.” (CALAVIA-SÁEZ). Portanto, logicamente essa foi a leitura que fiz dos eventos, baseado no que vi durante o trabalho de campo, tão somente uma possível interpretação baseada na comparação entre “centros *versus* eventos”.

E apesar das diferenças quanto à forma de organizar e realizar as diferentes sessões de psicografia que foram descritas, é importante dizer que todas, a sua maneira, cumprem o papel que prometem de forma satisfatória. Apesar de haver dúvida, e em alguns casos manifestações verbais em meio ao público reclamando que alguma família recebeu mais de uma carta – por exemplo – nos eventos, assim como nos locais tradicionais, as cartas são produzidas. Surtem efeito e funcionam.

Portanto, além de os eventos apresentarem uma nova forma de manifestar uma ramificação do sistema religioso espírita kardecista, inaugurando uma espécie de “agência psicográfica”, as cartas psicografadas, nesses eventos, cumprem o seu papel consolador, e fortalece a visão espírita de que a morte não deve ser vista de forma trágica, mas como uma etapa cumprida por aquele espírito que desencarnou. Ou seja, o espírito vem ao mundo dos vivos para evoluir moral e intelectualmente e a morte (ou desencarne), é apenas a morte da matéria, pois o espírito continua vivo no mundo dos espíritos. Isso posto, as cartas acolhem as pessoas que perderam algum ente querido, lhes trazendo conforto e esperança pela possibilidade de contato com seu ente falecido.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alexandre Moreira. **Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas**. Tese de doutorado, Departamento de Psiquiatria, USP. 2004.

Ana Vieira, Centro Espírita. Disponível em: <
<http://www.anavieira.org.br/>>. Acesso em: jan. 2018.

Ana Vieira, Centro Espírita. Família Espírita. Publicação do Centro Espírita Ana Vieira. Junho 2016, ano XI – 121.

ARAIÁ, Eduardo. Planeta. Martha Gallego Thomaz. Mar. 2009.
<<https://www.revistaplaneta.com.br/martha-gallego-thomaz/>>

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentidos, crenças e religiões no Brasil de hoje**. Estudos Avançados 18 (52), USP. 2004. Disponível em: <
<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10035>>. Acesso em: fev. 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. Brasiliense. São Paulo. 1980.

BRUMANA, Fernando G.; MARTÍNEZ, Elda G. **Marginália Sagrada**. Campinas – SP. Editora da UNICAMP, 1991.

CALAVIA-SÁEZ, Oscar. **Deus e o diabo em terras católicas** (Espanha/ Brasil). Taubaté: GEIC, Núcleo de Pesquisas de Práxis Contemporâneas, 1999.

CALAVIA-SÁEZ, Oscar. **Fantasmas falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro**. Editora da UNICAMP. São Paulo, 1996.

CALAVIA-SÁEZ, Oscar. **O Morto Grafômano e a Índia Maléfica**. Ms Inédito. [s./d.]

CALAVIA-SÁEZ, Oscar. O que os santos podem fazer pela antropologia? **ISER**. Cap9.n29.vol2.2009. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/rs/v29n2/v29n2a10>>. Acesso em: jan. 2018.

CAMPOS, Humberto de (espírito); XAVIER, Francisco Cândido. **Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho**. Editora FEB – Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro, 1938.

CARDOSO, Vânia; HEAD, Scott C. **Encenações da desencarnação: a performance dos espíritos e a presentificação do real**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP. V.56 n°2. 2013.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo**. Zahar Editores, Rio de Janeiro. 1983.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. **A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza**. São Paulo. UNESP, 2004.

DAMATTA, Roberto da. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro. Rocco. 1997.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema do totêmico na Austrália**. São Paulo. Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**. Zahar, Rio de Janeiro, 1975.

FAVERT-SAADA, Jeanne. **O ser afetado**. Cadernos de Campo, n°13. USP. 2015.

GABRIEL, Chester E. **Comunicação dos Espíritos: umbanda, cultos regionais em Manaus e a dinâmica do transe mediúnico**. Ed. Loyola, São Paulo. 1985.

GIUMBELLI, Emerson. **A presença na recusa: a África dos pioneiros umbandistas**. Revista Esboços, Florianópolis. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2010v17n23p10>>. Acesso em: jan. 2018.

GIUMBELLI, Emerson. Passado e presente do espiritismo: em torno de uma configuração de autoridade. In: **Religião, carisma e poder: as formas de vida religiosa no Brasil**. São Paulo: Paulinas. Coleção estudos da ABHR. 2015

GONÇALO, Rita de Cássia. **Agências religiosas e o pentecostalismo: a operação e tradução de anseios culturais e sociais no contexto de**

globalização. ACENO, Vol. 4, N. 7. Jan. a Jul. de 2017. ISSN: 2358-5587.

LEITE, Rogério H.. **Falando com os espíritos** – uma conversa com seu ente querido através de você mesmo. Rogério H.Leite. Lorena, SP. 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O feiticeiro e sua magia**. In: Antropologia Estrutural, pp. 193-213

LEWGOY, Bernardo. A antropologia pós-moderna e a produção literária espírita. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 87-113, jun. 1998.

LEWGOY, Bernardo. **O grande mediador**: Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru, SP. EDUSC, 2004.

MALUF, Sônia Weidner. **Criação de Si e Reinvenção do Mundo**: Pessoa e Cosmologia nas Novas Culturas Espirituais no Sul do Brasil. Antropologia em primeira mão, no1, UFSC. Florianópolis, 1995.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Edições 70. Lisboa. [s./d.].

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. E.P.U Ltda., EDUSP. São Paulo, 1974.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1975.

ROCHA, Alexandre Caroli. **O caso Humberto de Campos**: Autoria literária e mediunidade. UNICAMP, Campinas, 2008.

ROCHA, Alexandre Caroli. O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade. Instituto de estudos da linguagem. UNICAMP. São Paulo, 2008.

STOLL, Sandra Jacqueline. Encenando o invisível: a construção da pessoa em ritos mediúnicos e performances de “auto-ajuda”. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 29(1): 13-29, 2009.

TIMPONI, Miguel. **A psicografia ante os tribunais**: o caso Humberto de Campos. Editora FEB – Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro, 1959.

VELHO, Gilberto. Indivíduo e religião na cultura brasileira: sistemas cognitivos e sistemas de crença. **Novos Estudos**. CEBRAP. n° 31, outubro 1991.

**ANEXO A – Imagens da carta (de três páginas) psicografada no
Centro Espírita Ana Vieira, em 2016.**

Olá Ana,
Aqui está o tal.
Tão linda, tão cheia de
propositos, a vó está orgulhosa
de ti.
A vida espiritual fulha é
mais simples que a vida
ci na Terra. Contudo estamos
mais expostos as nossas
emoções, nosso espirito despro-
vido da matéria reflete
verdadeiramente aquilo
que somos.
Por isso queridas é tão
importante que a gente se

modifique moralmente quando
estamos encarnados -

Busque dentro de você
quarta razão da
bondade, fé, e não se
esqueça mesmo assim
também no coração que
é onde Deus espera que
sejamos mais.

Seu caminho é lindo
Cuide dele quarta como
um jardim florido lembrando
sempre que antes das
flores, mãos trabalhadoras.

Andaram, protegeram e
regaram até o momento
de todas as preciosas
flores desabrocharem.

Volta feliz levando
muita saudade meu
amor, está contigo e
com todos, pois são partes
do meu coração.

Beijos pra ti
da tua
Mãe e Família

ANEXO B – CARTAS PSICOGRAFADAS NO EVENTO AMIGOS DA PSICOGRAFIA EM 2016

1ª: “Rita...Rita de Cássia. Agradecemos a Deus, minha filha, pela chance de nos reencontrarmos, pela escrita de amor. Guria, teu coração depressivo me preocupa, e me foi permitido vir ao teu reencontro, porque fui informada de tuas intenções. Rita de Cássia, tem nome de santa e queres profaná-lo? Mude suas atitudes mentais, esqueça de teu passado doloroso. Fui informada que se tu persistir, e aprender com a chance da vida darás grandes saltos na evolução. Minhas palavras estão diferentes e minha forma de falar também, porque estou sendo aconselhada a falar assim. Siga os irmãos, os outros guris não ligam para ti, não te importes. Sobre a mágoa do teu pai, supere. Deus, minha guria, a tudo vê e a tudo sabe. [...] que cada um conforme as suas obras. Sinta-se feliz. Se teus irmãos não te procuram, um conselho eu te darei. Temos tantos irmãos nas ruas que precisam do nosso amor carinho e atenção, vá e aprende, eu estarei a te amparar. E sempre que puder estarei contigo, a te dar colo e acariciar teus cabelos. Não sofras, ajude. Tem tantos lugares que precisam do teu amor. Pergunte para esses irmão de fé deste local, que eles te indicarão e ajudarão a se encontrar num trabalho de ajuda ao próximo. Também me foi dito que hoje, eu consigo entender, que vítimas de hoje, algozes de ontem. Então, minha guria, erga-te a cabeça. És bela como uma flor que espera para desabrochar. Voltarei com o amor de Jesus, e não se esqueças: somente me encontrarás quando Deus permitir, e seremos muito felizes. Mas se colocares em prática os teus planos, não viverás. Pense. Beijos, dessa mãe que te ama, Ivone de Jesus.”

2a: “[...] é que hoje podemos nos reencontrar. Estou sendo amparada pelo mentor Tamires, que me auxilia na escrita, e conversando com ele, ele disse: Benjamin, acho que está na hora de falares com o teu irmão. E tu não imaginas o pulo que dei na cama de felicidade, que quase morri novamente. Ele do meu lado me pede para conter a emoção, para que essa mão amiga registre meus pensamentos e vontades, e não posso me emocionar. Não pegará bem para um homem deste tamanho ficar chorando na frente de um monte de guri e gurias. Meu irmão, meu amigo, meu companheiro. Minha cunhada, estás bela, como sempre, Mauro é um homem de sorte. Irmão, só para que não te preocupes em demasia, estou bem melhor. Meu tratamento já acabou há um mês e meio. Saí do hospital onde residia, e agora moro num lugar como se

fosse um hotel, só para que tu entendas, tá? Não é bem um hotel, mas isto pouco importa. Irmão, hoje me disseram para ser rápido, porque a necessidade da nossa região é muito grande e tem um monte de guris e gurias, mães e pais disputando a caneta. [...] foi onde vivo falar da notícia de te ver. Nossa! Vim, correndo. Mas irmão, meu amigo, meu tudo, fica em paz e se cuida, hein! E mande o meu abraço fraterno a todos. E me perdoe a pobreza de palavras, ainda tenho que me adaptar a escrita, e o mentor me ajuda, mas ele disse que eu voltarei. Então, vamos continuar juntos. Te amo meu irmão, se eu nunca te disse, te digo agora. Do seu sempre Benjamin Paulo Caminelo.”

3a: “Meus pais amados, sou eu. A Roberta de vocês. Feliz por veres lutando por mim e pela mãe, Maria Eduarda, que para nós duas, apesar de nos encontrarmos em planos diferentes agora, possamos sentir no amor de vocês a segurança de sempre que nos passara, para que o medo e a insegurança não abalasse o alicerce de nossa formação moral. Pode estar doendo demais a distância entre nós, mas vocês não deixam a peteca cair, que é para a [Aninha] saber que a amam muito, assim como me amam também. Meu pai Sérgio, teu coração fica tão apertado quando falas de mim, nos teus olhos vejo brotar lágrimas. Lágrimas que lutam e relutam para não cair, não escorrer pela sua face. O teu coração, mãe, bateu tão acelerado quando falou com nossa amiga da caneta que pude sentir pulsar dele dentro do seu peito. Quanto amor, meus pais. Quanta dor essa separação já nos causou. Mas agora, com o tempo passando devagar, ela vai ficando menos insuportável. O entendimento vem chegando e passamos a entender que a separação é temporária, a morte é a única certeza de todos que na faculdade da vida se encontram. E aos poucos com muitos esforços, vamos tentando assimilar ou absorver essa realidade nova para todos nós. De minha personalidade fraqueza, tristeza, desânimo, revolta nunca fizeram parte. O dinamismo, a garra, a força o animo, essas sim, continuam me impulsionando nesse mundo novo. Assim, preciso e quero continuar me vendo hoje, um esforço de passar a vocês e aos nossos, o melhor de mim. Embarquei na caravana de luz, junto com os amigos e de família, para falar para vocês de coisas boas que estou aprendendo aqui. Eu não desejo falar de tristeza, não me sinto no direito, porque vocês matam um leão por dia para vencê-lo. É assim que nos reconhecemos pelas letras, pela força, a coragem e a fé. E então, somente saibam, que o dia 8 de abril do ano de 2013 eu fechei os olhos de vez ai, sem sentir nada. Nem uma dor, nem uma fraqueza ou cansaço, nada é nada mesmo. Como diz o ditado

popular, deixei esse mundo igual passarinho, sem sentir nada. Apenas dormi para não acordar mais na companhia de meus pais, da minha irmã querida, nossa Maria Eduarda, alguns companheiros do trabalho e também da faculdade para despertar para essa nova realidade que nos apresentam, a transformação que havia na fé dos cristãos. Onde o material de estudo e formação que temos e que lutamos para alcançá-lo. Se dissesse a vocês que não sinto falta dos mimos, dos cuidados e do brilho nos olhos orgulhosos de vocês por essa filha que tudo lhes deve, eu estaria mentindo. Porque sinto falta sim, e por vezes, choro mesmo. Choro sem vergonha nenhuma, de expressar aos companheiros o que estou sentindo. Mas no tribunal do júri, a mentira pega de forma negativa. E se o juiz bater o martelo contra nossa verdade, perdemos a causa. E perder, meus pais, a benção desse momento de alegria, é o que não quero, de forma alguma. Por isso lhes confessei as minhas lágrimas, elas, nesse momento, são a satisfação, de felicidade por me sentir viva sendo útil aos companheiros, realizando o sonho de fazer justiça. Aqui, também precisamos de representantes da lei para intervir em um caso ou outro. Eu adoro um desafio, brigo até o fim. E se a causa for boa, e justa nem se fala. Eu adieei ai o meu sonho de advogar, mas estou realizando aqui. Eu só peço a vocês perdão por ter voltado mais cedo, quando tinha tantos sonhos e planos para realizar com vocês. Peço que me perdoem por ter causado essa dor sem nome dentro do peito de vocês. Juro que não foi por querer. Nós vamos ficar bem, meus pais. |Essa dor um dia vai se transformar em amor, e ai, encontrarão no meu olhar, no meu sorriso, a minha alegria, nas crianças carentes nos velhinhos abandonados, em um asilo ou então, no sorriso sincero dos menos favorecidos. Quero trabalhar na caridade, meus pais, ajudar quem necessita, e receber como pagamento de minha dedicação, o sorriso sempre sincero de quem me valorizou. Esta é a Roberta de vocês, meus pais amados, já passaram os dias frios e tristes de minha chegada aqui, agora estou adaptada e vivendo, como se ali estivesse. Peço para serem pacientes um com o outro, não briguem nem se distanciem, a Maria Eduarda, minha Duda, vou chamá-la assim, na tarde de hoje, precisa de vocês, assim como eu preciso, ta bem? Fiquem com Deus. Sintam o meu abraço bem apertado, me beijem como sempre, preciso do amor de vocês, pois não estou [...] os nossos familiares, todos que torciam por mim. Sou de vocês, Roberta Sims Seit.”

4a: “Querida companheira [Gabriela], é teu Lúcio, recebendo aceitação amorosas da amiga espiritual, conhecida aqui por Irmã Elisabete.

Confesso, ao seu afeto e carinho, que com muita dificuldade tento segurar os pensamentos junto aos da amiga que nos empresta as mãos. Eu, na minha simplicidade, não consigo [...] esse recanto, o jeito de falar contigo hoje me deixa encabulado e sem graça, mas prometi a freira que se viesse me esforçaria para enviar ao seu coração as notícias que pudessem te deixar mais tranquilo. Espero não fazer feio. Quando ao teu lado eu estava, já envergonhei demais. Não posso continuar cometendo os mesmos erros repetindo a você, promessas que fazia e não cumpria por conta do vício que nos castigava os dois. Tenho consciência, depois de rever os meus conceitos, que a total dependência pelo álcool e pelas drogas te prejudicavam tanto quanto a mim. Porque com a mente entorpecida e tomada pelo álcool, as paranoias causadas pelo entorpecente te ofendia, falava absurdos, te magoava sem me dar conta do que estava fazendo, piorando nossa convivência dia a dia, te deixando em condição desconfortável e triste, matando dentro de mim e de ti, os sonhos que partilhamos juntos. Sabes querida, o que mais me doeu quando acordei aqui foi me dar conta do quanto te fiz sofrer com todos os meus defeitos, mas ainda assim, você me cuidou e me respeitou por 14 anos. Foi dedicada, paciente e teve fé em seu Deus. Se segurou nela, e ela te sustentou nos dias mais difíceis da minha loucura. Reconheço que te judiei, e sinto tanta culpa por isso. Quando a benfeitora amiga explicou esse jeito diferente de falar contigo, disse a ela que precisava arriscar, porque só vou conseguir ficar bem depois que pedir perdão ao seu coração. Não fui o esposo e companheiro que merecia, você sofreu ao meu lado e me sinto culpado por cada lágrima que vejo cair dos seus olhos. Eu vim para secá-las, enxugá-las com o carinho que posso fazer pra você agora através das letras, espero que você as aceite. É tudo que eu posso te entregar de mim [...] Não se preocupe mais comigo, eu estou bem. Passei pela fase da abstinência por falta da bebida e das drogas, recebi os tratamentos necessários e estou limpo agora. Preocupado somente contigo. Você precisa se refazer, cuidar da aparência já que continua bonita. Só está faltando uns toques de beleza. Precisa cuidar da sua saúde, e se permitir ser feliz novamente. Acredite, vou me sentir melhor vendo você se refazer dos traumas que viveu comigo, dessa forma você vai me ajudar muito. Agora aprendi a rezar, e peço sempre a Deus para cuidar de você, agradecendo a ele de joelhos por ter me dado você na condição de um anjo, me cuidando e lutando pelo bem que acreditavas e ser capaz de alcançar por nós. O meu fígado está novo de novo, me sinto bem melhor e ganho forças, recebendo de você as orações [...] Vou precisar encerrar por hoje, já

estou cansado. Perdoa o pouco que posso, mas vou estar melhor em outra ocasião, aí falo mais de nós e das nossas saudades, porque serei sempre o seu: Lúcio Leal Mendes.”

5ª: “Mãezinha Denise, paizinho Ricardo. Nossos corações aguardaram com paciência e muita saudade esse momento. Falei baixinho no ouvido dessa tia que precisava mandar pra vocês mais um beijinho, porque na reunião que aconteceu na outra cidade permaneci do lado de vocês e do maninho Artur, ouvindo as preces que faziam em pensamento, ao aguardarem com esperança notícias da Isa de vocês. Fiquei muito feliz com a chance dos amigos que ajudaram a cuidar de mim com carinho, e preocupada por não saber como ficariam por voltar para a nossa casinha sem uma cartinha minha, desejando bem forte poder me aproximar da tia na tarde de hoje, estou feliz agora. A freira boazinha falou que vai ser só uma cartinha breve, para juntos renovarmos as forças. Sinto as linhas bem melhor agora, estou sabendo que vocês serão os padrinhos dessa reunião de paz lá em nossa canoas, e não vejo a hora de pode estar lá trabalhando igual gente grande, ajudando a consolar outros paizinhos e mãezinhas. Quem sabe, lá posso ficar pertinho do tio amado e também do vovô. Acho que vai ser muito bom, e acho até que o maninho Artur vai fazer parte dessa grande festa. Os tios que nos assistem, disseram que serão nossas lágrimas transformando dor em amor, e fico muito feliz. As recordações de vocês chegam até a pequena Isa como água cristalina que cura qualquer ferida. Vocês me ajudam e eu vou crescendo, ganhando liberdade e maturidade para cuidar de mim sozinha. Estou num educandário junto com outras meninas, estudando para aprender o que preciso para crescer feliz e trabalhar aqui. O tempo não para para nós. Estamos em lugares diferentes mas sendo tudo uns para os outros. O Artur junto de ti, mãe, ajuda na corrida com o tempo. Ele também tem ajuda a ser forte, meu pai, porque somos uma família. E família é assim: um segurando o outro para ninguém cair. A freira que me ajuda a ditar as linhas, a nossa amiga, ela sente a minha inquietação de menina, respeitando o fato de eu não poder ficar muito tempo no ditado. Peço que me deem a benção nessa tarde, pois vou precisar deixar que os coleguinhas falem um pouco também. Sintam os meus beijinhos de saudade, guardo toda a atenção e dedicação de mimos para com essa sapeca que não parava nem um minuto por ai. Beijos da Isa. Isabele Vitória dos Santos Capelare.”

6a: “Alice, Fabiana Lima. Jesus abençoe este momento tão nosso, compareço a esta reunião de preces para enxugar tuas lágrimas, mãe. Sei do quanto a senhora tem sofrido. Sei que não é fácil para uma mãe sepultar três filhos, ainda que ela saiba que sepultou tão somente os seus corpos, porque continuamos vivos. Eu sei que existe um enorme espaço vazio em seu coração, sei do quanto a senhora gostaria de abraçar os filhos que fisicamente não mais ai estão. Ainda que estejamos presentes em espírito, a dor imensa que a senhora traz consigo não permite que a senhora nos perceba. São as datas comemorativas, o natal que está chegando e o duro questionamento que toma conta de sua cabecinha de mãe amorosa: Por quê, meu Deus? Por que comigo? São três filhos, senhor!. Sabe, mãe, deste outro lado da vida tenho aprendido coisas novas, entre as quais a reencarnação. Ainda há pouco, o padre Justiniano, um dos coordenadores na sessão disse: meu filho, sabemos que a lei da reencarnação ainda não é assimilada por todos. O grande dilema é que compreendido, aceito ou não, é uma realidade. E em verdade, todos desconhecemos os bastidores de nossas reencarnações anteriores. Ou seja, a matriz, a origem do resgate dos débitos os quais todos teremos de resgatar com fé, resignação, e muita confiança em Deus. Tenho estudado um pouco este assunto, mãe. Tenho me esforçado para administrar a saudade que sinto de todos nossos, e te confesso, no início, quando regressei para cá, lutei muito para que a revolta e o ódio não tomassem conta de mim. Se não fosse a assistência que aqui recebi, por parte de benfeitores amigos, que sensibilizados pelas preces que a senhora me enviava não sei o que teria acontecido. O vovô Vieira, a nossa querida Claudinha, nosso Rogério, tão logo me recuperei tomaram conta de mim e pediram que eu me entregasse a tristeza e ao desânimo. Minha mãe [fulana], permita que hoje minha saudade de filho a chame assim nestas linhas, estamos todos vivos. Ainda guardo alguma lembrança do ocorrido, quando vi o carro de cor escura, ocupado por duas ou três pessoas se aproximando de casa quando um individuo de arma em punho nada perguntou, desferindo os tiros que tiraram a minha vida do corpo. O que ele não sabia era que os três ou mais tiros não tirariam a minha vida. Não tenho permissão para entrar em maiores detalhes sobre o assunto, desejo apenas que essas linhas tranquilizem um pouco o seu coração. Guarde consigo apenas a certeza que a justiça de Deus ninguém se furta, a senhora me entregou, a mim e meus irmãos, aos cuidados dele. Agora somos nós que enfrentamos a [...] e a Bia, nossa Fabiana, aos cuidados dele. Não se martirize, nem se entregue à tristeza. Ai está a Fabiana, a Brenda, a Carol, nossa irmã Carolina, a

Raiane, a senhora [...] de viver sempre no lugar deles. Vamos ficar bem, mãe. Se cuida por todos nós. Fique certa do nosso amor e gratidão por tudo. Às vezes penso que se nosso senhor Jesus Cristo tivesse morrido de enfarte não seria exemplo para as mães que perdem fisicamente seus filhos vitimados pela violência. Deixa Deus cuidar da senhora, espiritualmente estaremos ao seu lado neste natal. Nosso amor te pertence. Fabiana, cuide de nossa mãe, contamos com você. Por hoje tenho que encerrar. Não quero que a Rua João Maria Quintino dos Santos [...] seja lembrada como um palco de tristeza e dor. Receba a senhora, meus filhos e minha irmã e todos os nossos, os beijos dos filhos que nunca os esquece. Em breve te [...] novamente, Deus nos fortaleça. Sempre seu, Maicon Jeferson dos Santos Oliveira.”

7ª: “Meu pai, Rinaldi. Rodolfo, meu irmão. É o nenê, o [...], o Rinaldinho de vocês. Jesus permite que eu abrace a autoridade de redigir algumas linhas através do médium amigo. Aqui estou recordando algo, meus pais, algo que desejo tornar publico, o senhor se recordam da força que recebemos da abençoada casa perseverança, em São Paulo, recordo dos contatos com tio Cláudio que por sua vez, os levaram até este amigo que me empresta as mãos. Recordo do acolhimento do amigo médium pelo qual eu lhes abraçava e beijava sem que soubessem. E eu que guardo as mensagens que enviei através dele, assim como as que posteriormente lhes enviei, pelos recursos de outros mediadores, por verdade... Deus foi generoso conosco, meus pais, recordo tão bem a solicitação que lhes fiz através do amigo, pelo qual me vali, por tantas vezes, e hoje pela misericórdia de Jesus, estou me valendo novamente. Lembro que trouxessem o trabalho da consolação à Floripa, foi assim que eu ... esforços e sacrifícios naquela época os senhores foram os primeiros a promover uma sessão de psicografia com o médium irmão (primeira vez que é mencionado o trabalho dos médium diretamente. Carta do Rogério.) e com a médium irmã em Florianópolis. Isso não pode nem deve ficar no esquecimento, hoje observando esse salão lotado, os irmãos saudosos sofridos, percebendo a fila do lado de cá maior que o núcleo de pessoas encarnadas desse salão, me orgulho pela suas lutas de ontem e agradeço a deus por ter tido a oportunidade de ter sido eu o portador do convite à primeira sessão de psicografia em Floripa e região. Assim, nada de olhos tristes, mãe, levanta a cabeça. A senhora e meu pai, temos e teremos muito a celebrar, flexiona o coração, não permita que a tristeza ou pensamentos menos felizes ocupem no seu coração o lugar que me pertence, pertence a meu pai, pertence ao

Rodolfo, pertence também ao Robson, pertence ainda a pessoas tristes que poderão encontrar na senhora uma palavra de esperança, de incentivo, de coragem, de alegria. Todos poderemos ser doutores da alegria, isso é importante. Então meus pais, xô tristeza, é o guri aqui de volta para abraçá-los no movimento rápido da caneta, o soar da trompeta, da esperança, o brilho do olhar, e o sorriso nos lábios, é tudo que desejo, tarefas voluntárias, abraço beijo e a caneta que sobe. Ouvidos surdos, comentários maldosos, prudência nas palavras, muito amor e fé. Filho presente, pais contentes, como disse o médium amigo, logo o humano desencanta e alegria aumenta. Vamo lá meus queridos, estou enviando beijos e preces á Fabiana, ao Erico, a tia Cida, a vó Joana D'Arque, que ela receba situações de paz do tio Sergio. Abraço da vó Ana, da vó Francisca, do vô Ozório á todos. Aqui prossigo, mãos no batente. Me desdobro entre meus velinhos e minhas crianças especiais, sendo assim, desejo que neste dado momento a senhora fique com melhor de mim cuide do meu pai, do meu irmão e saiba que nunca estivemos separados. Sei que as vezes a senhora pensa, meu filho se comunique tão bem por este amigo, tenho tanta saudades. Pai, me abrace nessas linhas, o senhor sabe que tem o meu amor incondicional de filho, te cuida negão. Prometo lhe escrever em breve. Então, desejo vê-los fortes e alegres porque já obtive o alvará do novo padre. Beijo meus pais e meus irmãos, o [...] de vocês, Rinaldi Tadeu Júnior.”